



PPGEDUC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão

**NARRATIVAS DE “ALUNAS-PROFESSORAS” SOBRE
O GRUPO DE APLICAÇÃO DO C.F.P.P. DE
CATALÃO/GO (1964-1983)**

RENATA CRISTINE SANTOS VAZ



UFG

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**NARRATIVAS DE “ALUNAS-PROFESSORAS” SOBRE O GRUPO DE
APLICAÇÃO DO C. F. P. P. DE CATALÃO/GO (1964 – 1983)**

RENATA CRISTINE SANTOS VAZ

Orientador:
Prof. Dr. Wolney Honório Filho

Linha de Pesquisa:
POLÍTICAS EDUCACIONAIS, HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E
PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA

CATALÃO/GO
2018

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

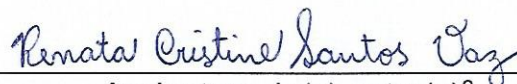
Nome completo do autor: **RENATA CRISTINE SANTOS VAZ**

Título do trabalho: **NARRATIVAS DE “ALUNAS-PROFESSORAS” SOBRE O GRUPO DE APLICAÇÃO DO C.F.P.P. DE CATALÃO/GO (1964-1983)**

3. Informações de acesso ao documento:

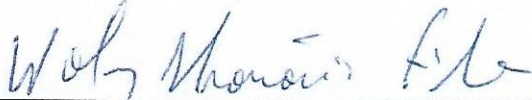
Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 05 / 03 / 2018

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

RENATA CRISTINE SANTOS VAZ

**NARRATIVAS DE “ALUNAS-PROFESSORAS” SOBRE O GRUPO DE
APLICAÇÃO DO C. F. P. P. DE CATALÃO/GO (1964 – 1983)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, à comissão examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão.

Orientador:
Prof. Dr. Wolney Honório Filho

Linha de Pesquisa:
POLÍTICAS EDUCACIONAIS, HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO E PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA

CATALÃO/GO
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

VAZ, Renata Cristine Santos
Narrativas de "alunas-professoras" sobre o Grupo de Aplicação do C.F.P.P. de Catalão/GO (1964-1983) [manuscrito] / Renata Cristine Santos VAZ. - 2018.
160 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Wolney HONÓRIO FILHO.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Educação, Catalão, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão, 2018.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui siglas, mapas, fotografias, lista de figuras.

1. Pesquisa (Auto)Biográfica. 2. Narrativas. 3. Histórias de Vida. 4. Biografia Institucional. 5. Grupo de Aplicação do CFPPC. I. HONÓRIO FILHO, Wolney, orient. II. Título.

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE
RENATA CRISTINE SANTOS VAZ**

**ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO PPGEDUC
PARA JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DE
RENATA CRISTINE SANTOS VAZ**

Em 01/03/2018, às 14:00, no BLOCO H, SALA 04, da UFG/Regional Catalão, teve lugar a Sessão Pública de Defesa de Dissertação do Mestrado em Educação da UFG/Regional Catalão, de Renata Cristine Santos Vaz, intitulada: **“NARRATIVAS DE “ALUNAS-PROFESSORAS” SOBRE O GRUPO DE APLICAÇÃO DO C. F. P. P. DE CATALÃO/GO (1964 – 1983)”**. A Banca Examinadora foi composta, pelos seguintes professores: Wolney Honório Filho (PPGEDUC/UFG – Orientação e Presidente da Banca), Inês Ferreira de Souza Bragança (UNICAMP – Membro Externo) e Aparecida Maria Almeida Barros (PPGEDUC/UFG – Membro Interno). Os examinadores, na ordem citada, arguíram sobre a dissertação apresentada, tendo a/o discente explicado e/ou rebatido as críticas formuladas pelos arguidores. Após a conclusão da defesa, foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, os arguidores atribuíram seus conceitos. Reaberta a Sessão Pública, foi anunciado o resultado: **DEFESA APROVADA**, fazendo jus, portanto, ao título de Mestre em Educação, de acordo com o artigo 57 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação/Regional Catalão. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Comissão Examinadora. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG/Regional Catalão.


Wolney Honório Filho –


Inês Ferreira de Souza Bragança –


Aparecida Maria Almeida Barros –

Secretário


Vivian Aparecida de Paiva Costa
Técnicas de Ensino em Educação
Universidade Federal de Goiás
SEAD 1740100 - Fone: 30404

AGRADECIMENTO

Minha sincera gratidão: pelas coisas simples e por grandes coisas!

(que já se foram, que estão acontecendo e que ainda estão por vir...)

Meu reconhecimento a TODOS e TODAS vocês!

(pessoas que foram, são e serão, sempre, parte de mim.)

Um fotógrafo-artista me disse outra vez: Veja que pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.

[...]

(BARROS, 2010, p.109)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Banco Digital de Teses e Dissertações
CAEE	Protocolo de Cadastro na Plataforma Brasil
CBPE	Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais
CeP	Comitê de Ética em Pesquisa
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
C. F. P. P.	Centro de Formação de Professores Primários
C. F. P. P. C.	Centro de Formação de Professores Primários de Catalão
C. N. A. E.	Campanha Nacional de Alimentação Escolar
CNEA	Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
DERGO	Departamento de Estrada e Rodagem de Goiás
DF	Distrito Federal
ELSP	Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo
EPSBS	Escola Paroquial “São Bernardino de Siena”
GO	Goiás
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
NEPEDUCA	Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação de Catalão
MEC	Ministério da Educação
PPGEDUC	Programa de Pós Graduação em Educação
RC	Regional Catalão
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
UAEE	Unidade Acadêmica Especial Educação
UFG	Universidade Federal de Goiás
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNICEF	<i>United Nations Children's Fund</i> - Fundo das Nações Unidas para a Infância
USAID	<i>United States Agency for International Development</i>

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Dados relativos a realização das entrevistas.....	039
Quadro 2 -	Identificação da Instituição.....	061
Quadro 3 -	Nomes de Professoras do Grupo de Aplicação que constam no Livro de Ocorrência (1965-1969).....	064
Quadro 4 -	Registros sobre as Ocorrência de Professôres e Alunos (1965-1969).....	065
Quadro 5 -	Comemorações - Ocorrência de Professôres e Alunos (1965-1969).....	066
Quadro 6 -	Excursões - Ocorrência de Professôres e Alunos (1965-1969).....	068
Quadro 7 -	Visitas Recebidas - Ocorrência de Professôres e Alunos (1965-1969).....	070
Quadro 8 -	Entrevistas - Ocorrência de Professôres e Alunos (1965-1969)....	071
Quadro 9 -	Palestras - Ocorrência de Professôres e Alunos (1965-1969).....	072
Quadro 10 -	Resumo com as principais informações sobre as professoras colaboradoras com a pesquisa.....	079

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Carta imagem – localização da UAEE – UFG/Regional Catalão.....	040
Figura 02 - Blocos H e I da UAEE – UFG/Regional Catalão.....	040
Figura 03 - Feira de Artesanato.....	054
Figura 04 - Oficina “Artes do couro”.....	055
Figura 05 - Oficina “Marcenaria ou artes de madeira”.....	055
Figura 06 - Oficina “Artes de Metal”.....	056
Figura 07 - Oficina “Tecelagens e Bordados”.....	056
Figura 08 - Oficina “Corte e Costura”.....	057
Figura 09 - Boletim Escolar do ano de 1966.....	058
Figura 10 - Alunos do Grupo de Aplicação.....	059
Figura 11 - Capa e termo de abertura do livro de “Ocorrência de Professôres e Alunos”.....	062
Figura 12 - Diretora Suely da Paixão.....	067
Figura 13 - Alunas do Centro de Formação e o <i>School Bus</i>	069
Figura 14 - O <i>School Bus</i> pelas ruas da cidade de Catalão: que batida!.....	069
Figura 15 - Visita da Equipe da C.N.A.E. aos Alunos do Grupo de Aplicação.....	070
Figura 16 - Professora Elza.....	080
Figura 17 - Uma aula de demonstração no Grupo de Aplicação do C.F.P.P.	084
Figura 18 - 7 de setembro em Brasília – as irmãs Edma e Elza com a turma do C.F.P.P.....	085
Figura 19 - Professora Edma.....	088
Figura 20 - A professora Edma com as crianças do Grupo de Aplicação do C.F.P.P.....	093
Figura 21 - Professora Edma acompanha o time de Futebol do C.F.P.P. no desfile de 20 de agosto em comemoração ao aniversário da cidade de Catalão/GO.....	093
Figura 22 - Professora Suleima.....	097
Figura 23 - Decoração Natalina no C.F.P.P.....	101
Figura 24 - Comemoração Natalina no C.F.P.P.....	102
Figura 25 - Professora Sebastiana.....	104

Figura 26 - O Professor Chaud.....	106
Figura 27 - Lucy, Nair Regina, Suely e Wilson B. Lima.....	111
Figura 28 - Um dia de festa! Semana da Criança no Grupo de Aplicação do C.F.P.P.....	112
Figura 29 - Carta imagem – Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão.....	121
Figura 30 - Carta Imagem – Centro de Formação de Professores Primários de Catalão.....	122
Figura 31 - Plantações nas proximidades do Grupo de Aplicação do CFPP..	123
Figura 32 - Nota da Diretora do CFPP aos funcionários das Oficinas – 1965	124
Figura 33 - Alunos do Grupo de Aplicação no Refeitório – Hora da Merenda!.....	126
Figura 34 - Alunos do Grupo de Aplicação - Brincadeiras no Pátio e na Quadra.....	127
Figura 35 - O espaço da Quadra de Esportes e seus diversos usos.....	127
Figura 36 - Livros da Biblioteca do CFPP que ainda constam na Biblioteca do Instituto.....	128
Figura 37 - Uma carta esquecida em um livro – memórias preservadas do CFPP.....	128
Figura 38 - Uma sala de aula do Grupo de Aplicação do C.F.P.P. de Catalão.....	130
Figura 39 - Alunos do Grupo de Aplicação.....	132
Figura 40 - Datas comemorativas no Grupo de Aplicação do CFPP.....	140

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 - Localização da Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão.....041

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro para Entrevista.....	158
--	------------

RESUMO

Estudos sobre a cultura didática e a formação de professores no Centro de Formação de Professores Primários de Catalão/GO evidenciaram modos de funcionamento e organização, práticas e concepções singulares que marcam, de algum modo, as trajetórias de vida de professoras que nesta instituição cursaram o Magistério e posteriormente atuaram profissionalmente na cidade de Catalão/GO e região. Tendo como ponto de partida estas referências, apresentamos esta pesquisa que pretendeu responder a seguinte questão norteadora: Como se constitui a história do Grupo de Aplicação a partir das histórias de vida de professoras que cursaram o Magistério no Centro de Formação de Professores Primários em Catalão/GO, e exerceram a docência entre os anos de 1964 e 1983? O objetivo geral é: conhecer a história do Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão/GO a partir das narrativas das professoras que nesta instituição exerceram o Magistério entre os anos de 1964 e 1983. Os objetivos específicos são: a) revisar teoricamente o método biográfico narrativo aprofundando os estudos sobre os principais conceitos referentes a nossa proposta de pesquisa; b) identificar o Grupo de Aplicação dentro do contexto do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão e da Educação Brasileira no período estudado; c) compreender a história de vida de professoras que atuaram no Grupo de Aplicação e os aspectos relacionados a sua inserção na instituição; d) analisar a história do Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão a partir das narrativas das professoras que nesta instituição exerceram o magistério entre os anos de 1964 e 1983. Para tanto, recorreremos ao método biográfico narrativo e procuramos vislumbrar através das narrativas das alunas-professoras uma Biografia Institucional (BOLÍVAR, 2014). Para a produção de dados realizamos entrevistas/conversas com as alunas-professoras e tomamos também como narrativas os documentos e fotos do Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA. Elegemos Passeggi et al (2017) para referenciar a nossa análise temática das narrativas. Ao conhecer a biografia dessas alunas-professoras foi possível perceber o entrelaçamento dos aspectos individuais e sociais, e ainda como o contexto institucional do C.F.P.P.C. e do Grupo de Aplicação foram determinantes para a definição de um perfil de atuação profissional que as professoras levaram ao longo de toda sua vida. Ao traçar a Biografia Institucional do Grupo de Aplicação do CFPP de Catalão procuramos mostrar como as singularidades das histórias de vida das alunas-professoras contêm dimensões individuais e coletivas, traços que expressam as dimensões sociais de um espaço-tempo determinado. Esta Biografia Institucional é uma versão possível da história dessa instituição escolar. É válida por se tratar explicitamente de uma história contada em perspectiva: conhecemos assim o que significou esta instituição na perspectiva das professoras.

Palavras-chave: Pesquisa (Auto)Biográfica. Narrativas. Histórias de Vida. Biografia Institucional. Grupo de Aplicação do CFPPC.

ABSTRACT

Studies on didactic culture and teacher training at the Primary Teachers' Training Center of Catalão/GO revealed ways of functioning, organization, practices and unique conceptions that somehow mark the life trajectories of teachers who in this institution attended the course. Magisterium and later worked professionally in the city of Catalão/GO and region. Taking as a starting point these references, we present this research that sought to answer the following guiding question: How is the history of the Application Group constituted from the life histories of teachers who attended the Magisterium at the Center for the Training of Primary Teachers in Catalão/GO, and practiced teaching between the years 1964 and 1983? The general objective is: to know the history of the Application Group of the Center for the Training of Primary Teachers of Catalão/GO from the teachers' narratives of the teachers who in this institution exercised the Magisterio between 1964 and 1983. The specific objectives are: a) to theoretically revise the narrative biographical method by deepening the studies on the main concepts regarding our research proposal; b) identify the Application Group within the context of the Training Center for Primary Teachers of Catalão and Brazilian Education in the period studied; c) understand the life history of teachers who worked in the Application Group and the aspects related to their insertion in the institution; d) analyze the history of the Application Group of the Center for the Training of Primary Teachers of Catalão from the narratives of the teachers who in this institution exercised the teaching between 1964 and 1983. For this, we resort to the narrative biographical method and try to glimpse through of the narratives of the female teachers an Institutional Biography (BOLÍVAR, 2014). For the production of data we conducted interviews / conversations with the female teachers and also took as narratives the documents and photos of the "Suely da Paixão" - Archive NEPEDUCA. We chose Passeggi et al (2017) to refer to our thematic analysis of narratives. By knowing the biography of these female teachers, it was possible to perceive the interweaving of individual and social aspects, as well as the institutional context of C.F.P.P.C. and the Application Group were determinants for the definition of a profile of professional performance that the teachers carried throughout their lives. In tracing the Institutional Biography of the Catalão CFPP Application Group, we sought to show how the singularities of the female teachers' life histories contain individual and collective dimensions, traits that express the social dimensions of a given space-time. This Institutional Biography is a possible version of the history of this school institution. It is valid because it deals explicitly with a story told in perspective: we thus know what this institution meant in the perspective of the teachers.

Keywords: Research (Auto)Biographical. Narratives. Life stories. Institutional Biography. CFPPC Application Group.

SUMÁRIO

“ESPELHO, ESPELHO MEU...” QUEM SOU EU?.....	15
INTRODUÇÃO	30
CAPÍTULO I.....	35
1.1 O Método Biográfico-Narrativo: desafios.....	35
1.2 Narrativas... Biografização... Biografia institucional...	37
1.3 Percorso metodológico proposto na busca pela biografia institucional do Grupo de Aplicação do C.F.P.P. de Catalão/GO: primeiros contatos com os dados.	38
CAPÍTULO II.....	42
2.1 Anísio Teixeira: a incansável luta por uma “educação democrática”	43
2.2 CNEA: a escola como o “remédio para todos os males”	45
2.3 C.F.P.P. de Catalão/GO e o ideário da Escola Parque.....	48
2.4 O Grupo de Aplicação do C.F.P.P. de Catalão/GO.....	52
2.4.1 Biografia da Instituição	53
2.4.2 Ocorrência de Professôres e Alunos (1965-1969).....	62
2.5 Considerações Parciais	73
CAPÍTULO III.....	76
3.1 Narrativas Biográficas – quem são as professoras que nos ajudarão a contar a história do Grupo de Aplicação do C.F.P.P.?	76
3.1.1 ELZA PIRES – “A Sargentona”	80
3.1.2 EDMA PIRES – “A má”	88
3.1.3 SULEIMA – “A Su”	97
3.1.4 SEBASTIANA DIVINA – “A menina da idade”	104
3.2 Reflexões sobre o processo de formação das “alunas-professoras” do C.F.P.P.C... ..	113
3.3 Considerações Parciais	115
CAPÍTULO IV	118
4.1 A Biografia Institucional do Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão: muitas versões, uma perspectiva.....	119
4.1.1 A “BioGeografia” do Grupo de Aplicação do CFPP de Catalão	120
4.1.2 Os Alunos do Grupo de Aplicação na perspectiva das “alunas-professoras”	131
4.1.3 O Jeito de Ensinar e Aprender no Grupo de Aplicação: as Unidades de Trabalho ..	133
4.1.4 Uma escola pública referenciada; uma experiência única.....	138
4.2 Considerações Parciais	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
REFERÊNCIAS	148

“ESPELHO, ESPELHO MEU...” QUEM SOU EU?

“Vamos bordando a nossa vida, sem conhecer por inteiro o risco; representamos o nosso papel, sem conhecer por inteiro a peça. De vez em quando, voltamos a olhar para o bordado já feito e sob ele desvendamos o risco desconhecido; ou para as cenas já representadas, e lemos o texto, antes ignorado”
(SOARES, 1991, p.28)

Realmente difícil enfrentar esse “desafio biográfico” que é “falar de si, de refletir sobre si mesmo, de fabricar uma história de si” como afirma Passeggi (2016, p.71). Narrar a história de uma vida, construindo uma imagem para ser apresentada aos outros e a mim mesma; uma história que não é só minha e uma imagem que não forjei sozinha, pois como afirma Pollak (1992, p.204):

Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referências aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros.

Todas as lembranças e emoções que reuni são as cores escolhidas para pintar este quadro que se apresenta como uma reflexão sobre o meu passado, na qual evidencio meu “pertencimento” às instituições de ensino nas quais me formei (escola e universidade) e minha “identificação” com os professores(as) enquanto profissionais e pessoas que foram e são (POLLAK, 1992). Conforme Halbwachs (2003, p.91):

[...] a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada. Claro, se pela memória somos remetidos ao contato direto com algumas de nossas antigas impressões, por definição a lembrança se distinguiria dessas ideias mais ou menos precisas que a nossa reflexão, auxiliada por narrativas, testemunhos e confidências dos outros, nos permite fazer de como teria sido o nosso passado.

Halbwachs (2003, p.69) destaca ainda que “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes”. Compreendo que as perspectivas presentes em minhas memórias individuais podem revelar um contexto no qual a realidade vivida e sentida se amplia para compor uma memória coletiva. Lembrar, então, é o momento de atribuir um novo

sentido às aprendizagens que “[...] se fazem em todos os ambientes nos mais diversos aspectos da vida” (PASSEGGI, 2016, p.75).

Quem sou eu? Como cheguei a ser quem sou? Como me formei? Que história contar da minha vida e da minha formação? Por que sou assim? Por que penso desta forma? Como cheguei a ter essas ideias que tenho hoje? Como todas essas reflexões me ajudam a tomar decisões sobre o meu futuro pessoal e profissional?... (JOSSO, 2004)

Tentar falar de si. Buscar na memória fatos, acontecimentos, eventos, coisas vividas e sentidas. “Minhas lembranças pessoais que [...] são inteiramente minhas, estão inteiras em mim” (HALBWACHS, 2003, p.73) As lembranças da infância, por exemplo, que julgava anteriormente “minhas”, podem agora ser uma representação que elaborei a partir do que me contaram quando criança. Portanto, uma “memória tomada de empréstimo, que não é a minha”, como afirma Halbwachs (2003, p.72). Já as recordações da vida escolar, sem dúvida, são parte da minha memória individual. Mas, em nenhum momento anterior a este pensei em quais teorias e concepções pedagógicas balizaram o contexto cotidiano daquela instituição: “eu só sabia do meu fascínio e entusiasmo por aquela escola” (SOARES, 1991, p.53) e do deslumbramento ante a figura de meus professores e professoras.

Estou agora tentando enxergar, num quadro mais amplo, o que foi esta instituição escolar e o papel que exerceram os meus professores(as) naquele contexto. Conforme Bolívar (2002, p. 180) “embora dos relatos de vida sempre façam referência à singularidade de uma vida, eles refletem a coletividade social de que se trate”. Nessa tentativa de reconstrução do passado, se era necessário isolar as emoções, eu falhei. Não sei qual a distância segura eu deveria manter ao narrar a minha própria vida, afinal, o passado agora se faz presente, e o meu leitor só poderá enxergá-lo pelos meus óculos. Assim afirma Soares (1991, p.40): “A (re)construção do meu passado é seletiva: faço-a a partir do presente, pois é este que me aponta o que é importante e o que não é; não descrevo, pois; interpreto.”

Primeira tentativa de escrita (auto)biográfica: minha invenção de mim.

Desde 1987, quando eu ainda estava na barriga da minha mãe, eu ouvia histórias. Disso eu não me lembro. Segundo ela, contava e lia histórias daquela coleção incrível de capa dura vermelha com os melhores contos dos Irmãos Grimm, Andersen e Perrault. Minha mãe lia, contava e mudava as histórias, misturava os personagens,

inventava uns finais engraçados... disso eu me lembro. Mas, anos depois, a bela coleção de capa dura vermelha (que havia sido o meu primeiro presente) já não existia mais, pois havia sido rabiscada, amassada, rasgada, devorada, consumida, antes de poder ser por mim mesma lida.

Nascida numa família de professoras (madrinhas, tias e primas – apenas minha mãe, que apesar de trabalhar em escola, não lecionava na maior parte do tempo) não é difícil imaginar meus brinquedos preferidos: livros, revistas, gibis, papel, canetas, canetinhas, lápis de cor e quadro de giz.

Sim, eu adorava minhas bonecas Barbies, Lu Patinadora, Bolinha de Sabão e umas que choravam demais e piscavam os olhinhos e também meus ursinhos de pelúcia. Eu também amava o “Baixinho”, meu amigo imaginário, que depois também se tornou amigo dos meus irmãos mais novos. Eu gostava muito de todos porque para eles eu podia dar aula, e desde quando me entendo por gente, de quando eu brincava de “escolinha”, não queria outra coisa da vida senão “ser professora”.

Minha avó também dizia que eu tinha que ser “moça prendada”, para poder casar um dia. Então, aprender a bordar, fazer crochê, cozinhar, cuidar da casa... Eu brincava de “cozinhadinha” e a minha mãe, sempre fazendo as vezes de melhor amiga, deixava eu puxar a agulha no seu bordado e desmanchar seu crochê errado, até que eu tivesse meus próprios trabalhos.

Quando ganhei meu irmão, que alegria! Logo pude dar férias para as minhas bonecas e dar aulas de verdade! Ele não perdia nada do que eu aprendia na pré-escola. E a minha tia Nausa¹, anos depois, veio a ser a professora dele também.

O primeiro livro que eu li (disso eu nunca me esqueço) foi “O Pequeno Príncipe” de Saint-Exupéry. Uma edição de 1975, presente da minha madrinha, que às vezes carregava na bolsa, leio e releio suas páginas desbotadas, rabiscadas, desfolhando. Parece meu primeiro caderno do “prézinho”, mas este fica mais bem guardado, vejo só de vez em quando.

E aqueles vôos do Fernão Capelo Gaivota... e aquele Menino do Dedo verde... eu não era muito boa de fazer o jogo do contente como aquela moça... Mas eu me achava mesmo o máximo quando minha mãe deixava sentar na máquina de escrever! Quando ela ia descansar um pouco de datilografar monografias ou quando a fita estava

¹ Nausarina Cândida de Jesus – professora alfabetizadora que atuou no Cólégio Estadual “Anice Cecílio Pedreiro”, em Catalão/GO, no ano de 1993 e nos anos seguintes até a sua aposentadoria, no ano de 2011.

Minha mãe ainda não fez um curso superior e nem pretende (continua dizendo: “eu sou autodidata”). De datilógrafa que foi não chegou a ser digitadora, e o pessoal até que não reclamou muito de levar o trabalho manuscrito mesmo.

Gosto, desde sempre, de ler muito e cada dia mais (menos *e-book* e *Facebook*). Ler livro, revista, ler filme legendado, ler letra de música, ler imagens, ler sinais, ler nas entrelinhas... ler para estudar, ler para esperar, ler para saber, ler para aprender, ler para esquecer, ler para lembrar, ler para viajar, ler para descansar, ler para aproveitar, ler...

Esta sou eu: leitora.

Ensino Fundamental

Grande parte da minha vida escolar foi no Colégio Estadual “Anice Cecílio Pedreiro”. Lembro-me bem do primeiro dia de aula: o dia tão esperado! O ano era 1993. Na foto, no jardim de casa, estou eu de óculos redondinhos; uniforme jardineira azul com saia de preguinhas e camisa branca com mangas afofadinhas, costurado por minha mãe; lancheira com suco, bolachas e uma fruta; na mochila cadernos encapados e margeados e o lugar reservado para guardar a cartilha!

Magrela e comprida, mesmo com a dificuldade de enxergar, eu não podia sentar na primeira carteira na sala de aula. Mas, no dia do desfile cívico... tia Nausarina chamava: “Do maior para o menor!” e lá estava eu, com um misto de satisfação e vergonha, de estar no primeiro lugar da fila!

De recordação da primeira série tenho guardado o boletim com nota dez de cima a baixo. Gosto de recordar também as solicitações de Tia Vilma Teixeira para a leitura em voz alta. Já na segunda série, era outra tia Wilma... Wilma com “W”... muito brava na hora de tomar leitura ou outras lições, acabava perdendo a paciência muitas vezes e em algumas dessas vezes meus colegas sentiam o peso da régua de madeira no braço. Hoje não se usa mais régua de madeira, não é mesmo...? Nem palmatória. Coisas do passado.

Na terceira série fui estudar de manhã. Quando eu acordava ainda estava de noite. Eu achava isso muito estranho. Mais estranho ainda era ter muitos professores dividindo as disciplinas, novos colegas que, diferente de mim, pareciam estar acostumados a acordar cedo. E aí começaram os apelidos... “quatro olhos”, “vara de cutucar estrela” e “espanador da lua” eram os mais simpáticos. “Seriema, girafa, camelo”, “E.T., telefone, minha casa”... dentro da escola eu fingia que não escutava,

mas no caminho para casa, minhas respostas eram guarda-chuvas quebrados na cabeça e tapas nas costas. Naquela época isso não tinha nome, era coisa normal que acontecia mesmo e tínhamos que lidar; hoje é um grave problema que chamamos de “bullying”.

Com muita alegria voltei a estudar no período vespertino na quarta série. O cheiro bom do material escolar novinho é uma lembrança muito viva! Eu gostava de margear os cadernos com caneta vermelha e as tarefas de casa que ninguém gostava eram fazer o cabeçalho completo e as cópias no caderno de caligrafia.

Na quinta série quantas novidades! Inglês com música, *LogoWriter* no laboratório de informática, o lanche não era mais servido no balde na sala e agora era preciso ir buscar a cumбуquinha azul na cantina... só as Festas Juninas continuaram as mesmas: desde o “prézinho” o mesmo parceiro. Nossas aulas de Educação Física eram a partir de então no contraturno e assim os apelidos deixaram de incomodar quando Tia Wal³ me ajudou a entender que a minha estatura tinha um motivo de ser: o voleibol!

Costumo dizer que minha Tia Wal foi “a professora de Educação Física”, uma personagem emblemática em minha vida, aquela que me inspirou a ser professora de Educação Física. Tive muitos outros professores(as), treinadores(as) e pessoas que me incentivaram e apoiaram na prática do voleibol, mas ninguém como a Tia Wal. Uma referência! Aquele entusiasmo e alegria de viver, aquela paixão pela profissão de professora, aquele brilho nos olhos ao encarar os alunos, ainda estão vívidos!

O que lembro da sexta série? Acho que quis esquecer (ou preferi silenciar?). Nem sonhava em ler Platão... mas estava vivendo primeiro “amor platônico”. Os recreios eram tão curtos e intermináveis ao mesmo tempo.

As lembranças da sétima série tem a ver com a turma da fazenda. Que turminha amiga! Chegavam primeiro e iam embora por último. Gente simples e dedicada. Quando a coordenadora passava na sala para avisar que “amanhã a merenda vai ser sopa!” no dia seguinte (eles nunca esqueciam!) logo no início da aula iam, cada um, tirando da mochila: um chuchu, uma batata, uma abobrinha, uma cenoura, uma beterraba, um milho, um tomate... Diferente de muitos dos meus colegas da cidade, tinham um profundo respeito pelos professores e davam o devido valor aos estudos. Tem que estudar para ser alguém na vida... não é mesmo?! Seriam os valores inculcados pelos pais referentes a “crença na educação como instrumento para construção da

³ Walkíria Vieira do Prado de Souza – professora de Educação Física que atuou no Colégio Estadual “Anice Cecílio Pedreiro”, em Catalão/GO, no início de sua carreira. Atualmente, Mestre em Educação pela UFG/Regional Catalão, é professora de Biologia e disciplinas afins na cidade de Goiandira/GO.

utopia, fé na escola como agente de mudança social” que atravessam gerações? (SOARES, 1991, p.72)

Meu retorno ao turno matutino foi na oitava série. Definitivamente eu não gostava de acordar cedo e achava que ninguém nunca poderia se acostumar com isso. Professor Djalma ainda tomava tabuada de multiplicação nas aulas de matemática e um dia eu errei 9x8. Aí foi cartaz de tabuada pela casa toda (feito por mim mesma, é óbvio, com pincel atômico na cartolina), inclusive no banheiro e durante o banho tinha que treinar em voz alta (aos gritos, na verdade) para mãe escutar. Seja para somar ou multiplicar, ainda conto nos dedos.

Tenho um carinho muito grande por todos os meus professores e professoras. Tenho muito orgulho deles e delas. Todos, sem exceção, contribuíram imensamente para me tornar a pessoa que sou. São os exemplos (e pouquíssimos contraexemplos) com os quais me identifico profissionalmente.

Não posso deixar de mencionar minhas tias-madrinhas Elza Pires e Edma Pires que por muitos anos exerceram a docência e atuaram na gestão (direção, secretaria e coordenação pedagógica), minha mãe Elcí que apesar de não ser professora atuou muitas vezes como professora substituta, e outra figura, que considero influente na minha imagem referência da docência, que foi minha prima Lílian Cristina, aluna no Curso de Magistério do Colégio “Anice Cecílio Pedreiro”.

Ao final do Ensino Fundamental certamente eu optaria pelo Magistério e não pelo Colegial. Mas, para a minha decepção, naquele ano eu não mais poderia fazer esta escolha, já que o Colégio estava encerrando as turmas de formação de professores em nível médio, atendendo a exigência da Lei 9394/96 e do Decreto 3.276, de 6/12/99 que reservou “exclusivamente aos cursos normais superiores a tarefa de preparar professores para a educação infantil e para as séries iniciais da escola fundamental. (TANURI, 2000, p.86) Esta obrigatoriedade foi revogada por decreto que veio a seguir (Decreto nº 3.554, de 7 de agosto de 2000) e incluída a expressão “preferencialmente”. Posteriormente, em 2006, as Diretrizes Curriculares Nacionais reafirmaram a formação no curso de Pedagogia. Houveram especificidades na implementação destas leis e decretos, conforme a realidade de cada Estado brasileiro.

Ensino Médio

Nós estávamos nos anos 2000! Mais precisamente no ano de 2002. Agora que minha estatura já não era mais um problema (nem real, nem imaginário), eu podia sentar na frente. Na primeira carteira da primeira fila, colada na mesa do professor! Assim eu tinha mais chance de ser chamada para ajudar a apagar o quadro, ajudar a entregar folhas de atividades, ir rapidamente chamar a coordenação em caso de necessidade... era melhor também para ficar ouvindo a explicação quando o professor continuava falando baixinho, mesmo com a conversa, para ver se os alunos desconfiavam.

Em Língua Portuguesa, a professora Maria Abadia nos abriu um universo de possibilidades com a Literatura brasileira. Assistimos filmes, encenamos teatros, declamamos poesias, visitamos feiras de livros... uma infinidade de experiências. Tive notícias, recentemente, de que ela ainda insiste para que os seus alunos leiam e assistam “Macunaíma” e “Memória póstumas de Brás Cubas”, por exemplo. Isso é excelente, não é mesmo?! Em que lugar ou por qual motivação esses alunos teriam conhecimento dessas obras a não ser na escola?

Nas aulas de Matemática, o professor Michel jogava um pedacinho de giz na cabeça de algum desavisado distraído para chamar a atenção e tentar nos convencer de que o que ele tinha para nos ensinar não era tão difícil quanto parecia. Realmente, era só prestar atenção na explicação, fazer, fazer e fazer os exercícios e era mesmo possível fechar os testes e provas. Mas, apesar das boas notas, continuo não entendendo nada daquilo... Física e Química então, nem se fala!

“*My dear teacher*” Iene seguia nos ensinando o Inglês com música. Assim, a professora de Espanhol não tinha outra alternativa a não ser copiá-la (poderia ter escolhido se esforçar para ser a nossa maestra, mas quis seguir um modelo acreditando que seu sucesso seria o mesmo)... apesar de gostar das músicas da Shakira, eu não gostava de Espanhol! Continuei preferindo o Inglês, afinal nossa *teacher* também seguia nos ensinando o mundo (pois ela era formada em Geografia!).

Falando em Geografia, o nosso professor de Geografia era Mestre! Titulado pela UFG. Seu estilo era completamente diferente dos nossos outros professores. O senhor José Antônio acreditava que nós tínhamos que dar conta de tudo. Ele dividia o quadro em três partes e começava a escrever no meio... depois era impossível adivinhar qual parte do quadro ele tinha apagado errado e nós ficávamos perdidos e com os cadernos incompletos. Nos primeiros dias de aula ele dividia o conteúdo do livro didático em diversos grupos e ao longo do semestre cada grupo ia apresentando os “Seminários”, que eram as nossas aulas. Não tinha prova! A avaliação era a apresentação, o trabalho

escrito e a participação mensurada pela quantidade de perguntas feitas aos grupos que faziam a exposição (e claro, se eles davam conta ou não de responder). Às vezes era fácil responder, pois o início da pergunta podia ser localizada no início do parágrafo do texto do livro didático. Nesse caso era só seguir a leitura. Mas, era difícil mesmo quando dividíamos o texto em partes, e cada um só lia a sua parte (e alguém sempre deixava de se preparar). Nesta época, não poderia imaginar que veria as mesmas cenas, anos depois, na Universidade!

A Educação Física agora acontecia no horário de aula e os outros professores sempre reclamavam pelo fato de retornarmos da quadra muito suados e agitados. Futsal para os meninos. De vez em quando handebol para as meninas. Na maioria dos dias, já que as meninas não jogavam futsal e não brigavam com os meninos pelo handebol, o que restava era rebater a bola de vôlei na arquibancada, pular elástico, pular corda, dama ou xadrez (se quisessem).

Em 2004, no terceiro ano do Ensino Médio, tive a minha primeira experiência de trabalho em uma “escola particular”. Funcionava em uma casa onde duas professoras faziam atendimento individualizado: aulas particulares ou de reforço. Tinham as carteiras de braço, cadeiras e mesas, quadros brancos nas paredes e muitos livros. Eu atendia o telefone e cuidava da agenda. Também era de minha responsabilidade a limpeza do local. Nem me lembro quanto era o salário, era um contrato informal, somente um acordo. Por isso passei a estudar no período noturno. Aí não tinha mais Educação Física, nem Inglês com música, nem Literatura, nem nada...

Alguns colegas já estavam trabalhando como estagiários em empresas com a carreira encaminhada, como os seus avós e pais assim o fizeram. Dentre as meninas, algumas já haviam optado pelo curso técnico em Enfermagem, Segurança no Trabalho, Secretariado, etc. enquanto outras estavam casando. Alguns colegas haviam feito o PAAES e iam estudar na UFU. Eu queria ter feito o Magistério, mas não foi possível. Eu não tinha condições de estudar fora de Catalão, e nem queria sair de perto da minha família.

Meu destino era a Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Eu sabia que queria ser Professora. Geografia e História... fora de cogitação! Porque nunca pensei em Letras ou Pedagogia? Não consigo responder esta questão! Entre Ciências da Computação ou Educação Física, que eram os dois cursos mais concorridos (de cinco a seis candidatos por vaga no ano de 2005), o envolvimento com o esporte, sem dúvida, pendeu na balança.

Ensino Superior e Pós-Graduação

Algumas vezes me peguei pensando em como seria possível explicar a “colcha de retalhos” que é o meu Currículo Lattes. Eventos diversos, poucas produções em áreas muito diferentes, experiências profissionais diversificadas. Não verticalizei meus estudos e por um tempo considerei isto um erro. Neste momento, compreendo que foram as circunstâncias, já que todo problema real que me inquietava se tornou objeto de estudo sistemático.

Soares (1991, p.25) destaca que nossa formação está “além da enumeração que está em seu curriculum vitae, a análise, a crítica, a justificativa”. Segundo a autora: [...] a história de uma vida acadêmica e das ideologias que a foram informando se faz pela história do que se leu, ao lado da história do que se escreveu e da história do que se ensinou (SOARES, 1991, p.70). Passeggi (2016, p.77), por sua vez, afirma que toda aprendizagem é autobiográfica e “o conhecimento é autoconhecimento ou não é conhecimento do qual possamos dispor”.

Mas, ao prosseguir na tarefa de sondar este autoconhecimento, a dificuldade se reafirma: [...] como ser, ao mesmo tempo, participante e espectadora, personagem e narrador? Por isso, só posso contar-me, tal como me vejo nesse (neste) passado presente” (SOARES, 1991, p.98).

A Licenciatura em Educação Física e a Pós-Graduação *Lato Sensu*

Na rádio Liberdade FM de Catalão – GO, era lida a lista dos aprovados no vestibular da UFG – Campus Catalão. Passei em primeiro lugar para o Curso de Educação Física no ano de 2005. O que eu queria era Educação Física. A expectativa para o início das aulas foi crescendo, pois imaginava que finalmente eu iria conviver com pessoas que estariam estudando porque gostavam. Assim como eu, haviam feito a escolha pelo curso e ali estariam por vontade própria, muito diferente da escola básica onde estavam por obrigatoriedade. Foi uma grande decepção. Primeiramente, a “Calourada” com todo aquele ritual de nos pintar, sujar, humilhar. Contestei, discordei, denunciei e fiquei sendo a antipática. E não só a antipatia foi a minha marca, pois devido à popularidade crescente do cantor Latino, fiquei sendo “Renata Ingrata”. Posteriormente, a constatação de que muitos colegas escolheram o curso por falta de opção e que na primeira oportunidade se dedicariam a outras carreiras.

Professora Heliany, considerada “uma mãe”, foi quem nos mostrou o tripé que sustenta a Universidade: ensino, pesquisa e extensão. Dentre as diversas possibilidades que nos foram apresentadas ao longo do curso, fui direcionando minha atenção para as disciplinas pedagógicas, pois só via uma possibilidade de atuação: a Educação Física Escolar.

O desencanto com o esporte aconteceu nesta época em que começamos a problematizar as questões da espetacularização do esporte, o esporte de alto rendimento e as questões de gênero nas aulas de Educação Física. Foi a partir destas discussões realizadas nas aulas e nos encontros dos grupos de pesquisa e também nas primeiras experiências como monitora de iniciação esportiva no projeto de extensão “Espaço Esporte” que repensei a minha vivência como “atleta” no voleibol. No espaço do amadorismo do voleibol catalano não encontrei uma forma de reconciliar as inquietações provocadas pela experiência na Universidade. “Treino é treino; jogo é jogo; ponto final”. Daí, vieram outras alternativas, dentre elas o primeiro contato com as lutas, ainda no plano teórico.

Novas possibilidades foram se descortinando nas aulas de Educação Física Adaptada. Tive a oportunidade do estágio na Escola Paroquial São Bernardino de Siena e “abraçei a causa” da inclusão escolar entre os anos de 2008 e 2010. Minha atuação como acompanhante pedagógica de crianças com necessidades especiais foi sendo construída na base tentativa-erro, pois o que aprendemos nas aulas de Educação Física Adaptada não foi o suficiente para que eu pudesse enfrentar a realidade de uma sala de aula de Jardim I com o “problema” de uma criança com autismo. Mas, eu acreditava que podia fazer algo, especialmente convencer a todos de que a aula de Educação Física poderia ser o lugar mais propício para o desenvolvimento dessa e de todas as crianças. Sob orientação da professora Cristiane, foi isto que defendi no Trabalho de Conclusão de Curso na Licenciatura em Educação Física (VAZ; SANTOS, 2009).

Mais do que inventar, tentar, quase acertar e errar, no dia a dia da sala de aula, vi a necessidade de investir nos estudos voltados para o tema dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento e para os Métodos de Ensino para crianças com necessidades educacionais especiais. Por essa razão ingressei no Curso de Especialização em Educação Especial e Processos Inclusivos no ano de 2009. Minha expectativa era entender como eu poderia fazer a inclusão acontecer no chão da sala de aula em que eu estava atuando, já que do ponto de vista legal e da proposta pedagógica da escola, aquelas ideias eram explicitamente garantidas e perfeitamente factíveis.

Quando iniciamos o curso, o professor Sérgio Pereira e professora Ana Maria dividiram o módulo “Metodologia do Ensino Superior”. *What?* Depois dessa, não imaginava mais nenhuma surpresa. Muitos módulos foram bem específicos sobre determinadas deficiências. Foram estudos muito interessantes e necessários, fundamentais para compreender os processos inclusivos, mas nenhum deles tratou especificamente do meu problema real e pontual. Assim, por orientação da professora Cida Almeida, o trabalho de conclusão de curso da especialização foi uma pesquisa bibliográfica para mapeamento de fontes que pudessem nos direcionar para uma adequada intervenção pedagógica junto a crianças com autismo na Educação Infantil. O que verificamos ao final da pesquisa foi o distanciamento das políticas oficiais para a educação inclusiva, a produção do conhecimento e as práticas pedagógicas efetivamente concretizadas no sistema escolar. (VAZ; BARROS, 2010).

Ao encerrar o curso de Especialização no ano de 2010 findou também o meu vínculo como estagiária na EPSBS. Foi necessário partir para outros horizontes profissionais. Como professora de Educação Física tive experiências traumatizantes em escolas particulares em turmas de segunda fase do ensino fundamental e ensino médio. Decididamente, não era o meu perfil. Em compensação, tive experiências maravilhosas em outra escola particular em turmas de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Mas, em pouco tempo voltei a atuar como Professora Apoio. A questão ainda não estava resolvida. Aquele era um caso, mas havia tantos outros e eu poderia fazer algo por essas crianças. Afinal, era para isso que eu havia estudado. Fui aprovada em um processo seletivo simplificado para professor temporário do Estado ainda no ano de 2010. Por um ano trabalhei em uma escola de tempo integral acompanhando três crianças com necessidades especiais em uma turma de alfabetização. Em seguida, por seis meses ou menos tempo, atuei como professora apoio de um aluno do sexto ano do Ensino Fundamental. Nestas duas experiências eu fui hostilizada por colegas que avaliavam que nenhum professor, em sã consciência, escolheria trabalhar com inclusão no início da carreira. A função de Professor Apoio em muitas escolas estava ocupada por professores em final de carreira, aguardando a aposentadoria. Todo o meu otimismo e entusiasmo em relação a possibilidade de concretizar o projeto de inclusão que eu acreditava e defendia foram minados. Ao final do contrato temporário, eu enxergava os pequenos progressos dos meus alunos como grandes conquistas, mas me sentia como que vencida, massacrada pelo pessimismo e pelas críticas.

Mais uma porta se abriu: um contrato de prestação de serviços para a Prefeitura Municipal de Catalão. Assumi a regência de uma turma de quarto ano de Ensino Fundamental e permaneci por seis meses. Depois disso fiquei mais seis meses vinculada à Secretaria Municipal de Educação atuando na equipe de assessoria e em substituições temporárias em várias escolas e creches. Isso foi no ano de 2011.

Depois destas experiências tive certeza de que precisava fazer algo que me assegurasse na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, já que não consegui consolidar o meu perfil de atuação na Educação Física, especialmente na segunda fase do Ensino Fundamental e nem no Ensino Médio, além das decepções com a Educação Especial.

Muito convicta dessa necessidade, inscrevi-me no Edital para Preenchimento de Vagas como Portadora de Diploma para o Curso de Pedagogia. Nesta época, havia sido anunciada uma outra excelente oportunidade: a seleção para a primeira turma do Mestrado em Educação do Campus Catalão.

A Licenciatura em Pedagogia e a Pós-Graduação *Stricto Sensu*

Cursar Pedagogia seria o “passo atrás” que todas as pessoas do meu convívio denunciavam. Como uma pessoa que já tem especialização vai perder tempo de voltar para graduação? O “passo à frente” seria o Mestrado, como minha família, especialmente minhas tias-madrinhas-professoras, projetavam.

Mas, a Pedagogia representava para mim uma nova chance de entender e viver a universidade. Era também a oportunidade para aprender sobre os métodos de alfabetização e, quem sabe, sobre a alfabetização de crianças com necessidades educacionais especiais. Era isso o que eu precisava e queria.

E acabei “entrando” no Mestrado, não como aluna e sim por uma oportunidade dada pelas professoras Cida Almeida e Ana Maria, para mais uma experiência profissional em Educação: a esfera administrativa.

2012! Ano Novo! Vida nova! Curso novo, trabalho novo... novas práticas corporais. Outra vida. Leituras e estudos, outros temas e problemas; rotinas administrativas e burocráticas, outra universidade... Karatê das 22h30min à meia noite.

Esperava que algum professor(a) se interessasse em me ajudar a pensar como resolver o “problema” (que para mim já era um dilema) da alfabetização de crianças com dificuldades de aprendizagem. Não encontrei. Nem na Pedagogia, nem na

Psicologia. Mesmo assim, não desisti totalmente da inclusão. Comecei a aprender a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

Então, fui me entregando a outras inquietações. Será que eu podia falar sobre isso: analfabetismo funcional no Ensino Superior? Não. Mas, eu acreditava que todos estes comportamentos e principalmente a questão dos altos índices de reprovação estavam relacionados às dificuldades de leitura e escrita das minhas colegas. Orientada pela professora Cida Rossi, investigamos as histórias de leitura de alunas de pedagogia. Foi minha primeira aproximação com as histórias de vida, não como metodologia de pesquisa, mas como consequência da opção pela entrevista como recurso para produção de dados.

Há “silêncios” a respeito das práticas de escrita e leitura na formação inicial universitária. Existe a exigência por parte dos professores que os alunos, futuros professores, devam saber ler e escrever, contudo não há uma preocupação sobre os modos de fazer. A escrita e a leitura se realizam na formação inicial do professor sem explicitações conceituais e ao longo das aulas o que prevalece é a expectativa dos professores para que o debate seja realizado como consequência esperada da leitura que passam como tarefa. E, cumprindo ou não esta tarefa, a participação oral dos alunos nas aulas está sempre aquém do esperado (ROSSI; VAZ, 2014).

O texto é como que uma “fonte de formação”, relacionando desta forma a leitura e a formação de maneira intrínseca. Mas o referido “texto” é predominantemente o texto acadêmico, excluindo outras formas de leitura. Desta forma, o aluno que ingressa no nível superior, e não está habituado à linguagem acadêmica, sente-se desestimulado em realizar as leituras exigidas, com o agravante do fato de muitos professores adotarem a fotocópia, em detrimento do livro como suporte de leitura. Uma das consequências desse processo de fragmentação é que os alunos não se habitam a ler um livro do início ao fim. O que me alarmava mais: como professores que não leem (muito pouco por tarefa, menos ainda por gosto) irão formar alunos leitores? (ROSSI; VAZ, 2014)

Uma vivência singular no curso de Pedagogia, foi o Projeto de Extensão Programa de Consolidação das Licenciaturas – PRODOCÊNCIA, desenvolvido no período de 2010 a 2012, ação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que buscou implementar atividades de leitura com alunos da graduação.

Uma das atividades desenvolvidas ao longo do Prodocência foi a elaboração do “Diário de Bordo”. Durante e ao final de cada atividade registramos neste diário nossas

memórias dos encontros, um exercício de escrita que estimulou nossa responsabilidade pela comunicação de nossos pensamentos, através da elaboração do discurso por meio da escrita. Além do diário, foram vivenciadas outras atividades tais como apreciação, interpretações e reflexões a partir de músicas e filmes, leituras de jornais, dentre outros gêneros textuais. Tais atividades contribuíram na formação das alunas participantes do projeto, principalmente no que se refere ao acesso destas aos bens culturais valorizados pela cultura letrada. Outra atividade significativa foi a produção do livro ilustrado com dobraduras, minha primeira produção literária autoral.

Após a conclusão do curso de Pedagogia houveram cobranças pelo retorno a escola, afinal foi para isso que eu estudei tanto. Fiquei um pouco acomodada. Pensar em voltar para a escola ou arriscar “voos mais altos”? Todas as opções significavam sair da “zona de conforto”, na qual eu me encontrava há quatro anos.

Depois de muita insistência das pessoas queridas do meu convívio, no ano de 2016 eu entrei (mesmo!), como aluna regular, para a sexta turma do Mestrado em Educação da UFG/Regional.

Life changing!

Eis a pergunta mais difícil de todos dos tempos: como cheguei a ser quem eu sou? Perguntei ao espelho, mas não tive resposta! Mas, quem eu sou? Eu quem? Eu leitora? Eu professora de Educação Física? Eu Pedagoga ou “tia”? Eu Karateca? Eu estudante, pesquisadora, autora... Como diria Josso (2004, p.205): “este eu aparentemente permanente muda de identidade e nele habitam vários ao mesmo tempo”. Onde era para eu chegar mesmo? Ah, é! Ainda estou no caminho.

Conto o passado – o passado de que foi contemporânea aquela que fui – conhecendo-lhe o futuro; portanto, na verdade, reconstruo-o em função desse futuro, que é o meu presente de hoje. Não propriamente em função do ponto de chegada (não “cheguei” ainda, bem o sei), mas em função do ponto em que agora estou. (SOARES, 1991, p.41).

A formação é um processo permanente, “pessoal e intransferível”. Os meus professores(as) serão sempre figuras inspiradoras para a minha identidade profissional, mas o meu perfil de atuação docente depende mais do que da minha escolha inicial: do meu investimento contínuo.

Com muitas interrogações pairando no pensamento, uma afirmação conforta: “o trabalho biográfico é, sem dúvida, um dos meios à nossa disposição para nos manter em contato com a nossa totalidade [...]” (JOSSO, 2004, p.136)

INTRODUÇÃO

A escolha do tema desta pesquisa está impregnada de uma “marca subjetiva” (BARROS, 2013). Esta marca vem de algumas lembranças de “velhas histórias” que me foram contadas há algum tempo. Além do progresso, a Estrada de Ferro trouxe para Goiás meu avô Cuiabano para trabalhar. Família numerosa: seis filhas! Batalhando para que pudessem estudar e “ser alguém na vida!”. Quando nasci, já eram muitas professoras: madrinhas, tias e primas. Naquela época prevalecia o prestígio social da profissão docente, mas isso foi no século passado.

Cresci, conforme podem perceber acima, com livros, cadernos, lápis, quadro e giz. Lembro-me do cheiro do álcool no estêncil, das “tarefinhas” rodadas no mimeógrafo e do barulho das teclas da máquina de escrever (que nem ainda era elétrica!). Outros tempos... Desde quando me entendo por gente, eu brincava de “escolinha”, e não queria outra coisa da vida que não fosse “ser professora”.

Foram me contadas muitas histórias sobre uma Instituição e um Curso de Magistério que formou professores extremamente comprometidos e apaixonados pela profissão. Educadores responsáveis, empenhados, competentes em seu fazer pedagógico. Como se fossem “modelos a serem seguidos”, estes professores de valorosa identidade inspiraram e influenciaram não somente a mim, mas certamente também a outras pessoas que, assim como eu, mesmo não tendo a oportunidade de cursar Magistério, seguiram a carreira docente.

Estas professoras, as quais me refiro, utilizando as palavras de Abrahão (2008, p.30), são “profissionais que souberam e sabem criar e estreitar laços indelévels”, cursaram o Magistério no Centro de Formação de Professores Primários de Catalão e exerceram a docência na sua Escola Anexa, o Grupo de Aplicação⁴.

Além das marcas subjetivas, o interesse em conhecer mais sobre o Grupo de Aplicação foi se intensificando a partir do contato com pesquisas já produzidas sobre o Centro de Formação de Professores Primários de Catalão.

Ao se dedicarem aos estudos sobre a cultura didática e a formação de professores nesta instituição, Honório Filho e Alencar (2002) afirmam que “[...] O

⁴ O Grupo de Aplicação, escola anexa ao Centro de Formação de Professores Primários de Catalão, exerceu suas atividades entre os anos de 1964 e 1983. A partir do ano de 1984, os alunos, professores e funcionários desta Instituição foram realocados para o Instituto de Educação, que corresponde hoje a Escola Estadual Instituto de Educação “Matilde Margon Vaz”.

centro de formação de professores de Catalão foi um dos maiores marcos iniciais na evolução da educação em Goiás”. Assim sendo, os estudos a serem desenvolvidos sobre esta instituição serão relevantes do ponto de vista científico, contribuindo para os avanços da produção de conhecimento no campo da História da Educação em Goiás, em especial, no sudeste goiano.

Ao realizar um levantamento bibliográfico sobre os principais trabalhos capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados ao tema da pesquisa, recorreremos ao Banco Digital de Teses e Dissertações – BDTD/UFG, ao Banco Digital de Teses e Dissertações – BDTD/Nacional e à Biblioteca Eletrônica SciELO.

Dentre os termos buscados (“Centro de Formação de Professores Primários de Catalão”, “Centro de Formação de Professores Primários”, “Centro de Formação de Professores”, “Formação de Professores”, “Escola Parque”, “Grupo de Aplicação”, “Catalão”, “História de Instituições Escolares”, “História de Instituições”, “História de vida” e “Ditadura Militar”) localizamos cerca de quarenta produções que se aproximam da nossa área de interesse (das quais duas teses, quatorze dissertações e vinte e quatro artigos científicos).

Referente ao tema “história de vida e formação”, localizamos as dissertações de Lima (2014), Sabino da Silva (2015), Silva (2015), Guardieiro Costa (2015), Cruz (2016), todas produzidas no PPGEDUC.

Ao buscar as produções alusivas ao tema “história de instituições escolares”, além das pesquisas de Peixoto (2013), Naves (2013), Jacob (2016) e Santos (2009), nos deparamos com trabalhos de Nascimento (2009), Figuerêdo (2015), Silva (2013), voltados especificamente às escolas experimentais como o Centro Educacional Carneiro Ribeiro de Salvador/Bahia e os estudos de Bezerra (2014) e Souza (2014), referentes à Escola Parque de Brasília/DF.

Quanto aos artigos científicos indexados no portal eletrônico SciELO, verificamos que na área da História da Educação há uma diversidade de temas tratados, sendo os mais recorrentes: “formação de professores” e “história da formação de professores”. Nessa varredura foi possível perceber que muitos pesquisadores se dedicaram a analisar o contexto da formação de professores e as reformas educacionais no período da Ditadura Militar e ainda as influências de Anísio Teixeira no cenário educacional brasileiro. Figuram em menor número as produções sobre história institucional sob a perspectiva dos sujeitos, através de “história de vida” e “(auto)biografia”.

Uma abordagem mais aproximada a respeito da criação dos Centros de Formação de Professores Primários em Goiás foi contemplada na tese de Inácio (2011) e na dissertação de Pina (2001), que se dedicaram a pesquisar a política de formação de professores e os acordos MEC-USAID. Outros documentos oficiais que são fontes de referência para o entendimento desse contexto são “Acôrdos, Contratos, Convênios” (1967) e “III Plano de Operações – Avaliação – Projeto MEC/UNICEF/UNESCO” (1974), registros que tratam dos acordos celebrados entre o Ministério da Educação e Cultura e os organismos internacionais.

Ao mapear estas fontes identificamos que, excetuando-se as produções de Honório Filho (2002, 2010) sobre o Centro de Formação de Professores Primários de Catalão, não foram localizadas pesquisas que investigaram esta instituição e mais especificamente o Grupo de Aplicação.

Considerando o que foi abordado nas pesquisas supracitadas e acompanhando o que vem sendo produzido pela linha de pesquisa anteriormente denominada “História e Culturas Educacionais”, atualmente “Políticas Educacionais, História da Educação e Pesquisa (Auto)Biográfica”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG/Regional Catalão, apontamos como proposta o estudo do Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão/GO, por uma perspectiva ainda não explorada: narrativas de alunas-professoras que exerceram o magistério, entre os anos de 1964 a 1983, período que demarca o tempo de funcionamento da instituição. Ao nos dedicarmos a esta tarefa, nos pautamos na teoria referente à história institucional, tendo como referência inicial Bolívar (2012, 2014), Naves (2013) e Jacob (2016).

Nesse sentido, temos como ponto de partida a seguinte questão: Como se constitui a história do Grupo de Aplicação a partir das histórias de vida de professoras que cursaram o Magistério no Centro de Formação de Professores Primários em Catalão/GO, e exerceram a docência entre os anos de 1964 e 1983?

Estabelecemos enquanto objetivo geral: conhecer a história do Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão/GO a partir das narrativas das professoras que nesta instituição exerceram o Magistério entre os anos de 1964 e 1983.

Mais especificamente, pretendemos: a) revisar teoricamente o método biográfico narrativo aprofundando os estudos sobre os principais conceitos referentes a nossa proposta de pesquisa; b) identificar o Grupo de Aplicação dentro do contexto do Centro

de Formação de Professores Primários de Catalão e da Educação Brasileira no período estudado; c) compreender a história de vida de professoras que atuaram no Grupo de Aplicação e os aspectos relacionados a sua inserção na instituição; d) analisar a história do Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão a partir das narrativas das professoras que nesta instituição exerceram o magistério entre os anos de 1964 e 1983.

Em nossa abordagem pretendemos explorar o olhar das professoras sobre a instituição, ou seja, por meio do enfoque biográfico narrativo procuramos vislumbrar através das narrativas das alunas-professoras uma biografia institucional (BOLÍVAR, 2014).

Optamos por denominar as participantes da pesquisa como “alunas-professoras” e não apenas “professoras”, ou “ex-professoras”, considerando que o Grupo de Aplicação é uma instituição escolar que apresenta-se a nós de forma inseparável do contexto do C.F.P.P. e por essa razão, vamos lidar com diferentes aspectos relacionados a inserção dessas professoras na instituição, ora exercendo o papel de alunas no Curso de Magistério, ora de docentes na Escola Anexa, dentre outras possibilidades de atuação.

Para a produção de dados recorreremos inicialmente à pesquisa documental. Conforme Bolívar (2012, p.35), documentos biográficos (pessoais ou institucionais) dão sentido a ações ou trajetórias de vida e contam a perspectiva de quem as viveu.

Além de materiais biográficos primários (narrativas ou relatos autobiográficos), procuramos localizar materiais biográficos secundários (correspondências, diários, cadernos de planejamento, documentos oficiais, fotografias, etc.) (FERRAROTTI, 2010, p.43).

Nossa intenção é ampliar ao máximo o foco da análise documental, tomando os documentos institucionais como narrativas, assim como as narrativas das professoras como documentos biográficos. Recorreremos ao arquivo do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação de Catalão NEPEDUCA – UFG/Regional Catalão, que conserva materiais do C. F. P. P. C., acervo documental que pertencia à ex-diretora Suely da Paixão⁵ e ao arquivo da Escola Estadual Instituto de Educação “Matilde Margon Vaz”⁶.

⁵ No Acervo “Suely da Paixão” localizamos o Inventário do Parque Primário Complementar da extinta CNEA em Catalão, documentos do Projeto MEC/UNICEF/UNESCO, Planos de Ensino, Planos de Aula e Avaliações do Centro de Formação e também do Grupo de Aplicação. Há ainda nove álbuns fotográficos que foram doados ao NEPEDUCA, pela ex-diretora, professora Suely da Paixão, mas, apesar desta pequena organização das fotografias, as mesmas não têm, em geral, uma data específica. Apesar desta

Abrahão (2008, p. 16) caracteriza os estudos com as Histórias de Vida que se valem além dos relatos e narrativas como também “[...] qualquer outro tipo de informação ou documentação adicional que permita a reconstrução da forma mais exaustiva possível dessa vida inserida em seu contexto”.

Nossa proposta é estruturar a dissertação em quatro capítulos. O Capítulo I tem como objetivo revisar teoricamente o método biográfico-narrativo, aprofundando os estudos sobre os seus principais conceitos.

No Capítulo II o objetivo é identificar o Grupo de Aplicação dentro do contexto do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão e da Educação Brasileira no período estudado. Para tanto, iniciamos com discussões sobre Anísio Teixeira e suas influências no cenário educacional brasileiro. Em seguida, buscamos compreender o contexto da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo e como a cidade de Catalão entra nesse circuito, na década de 1950. Posteriormente, discutimos sobre a implantação do C.F.P.P. em Catalão/GO e como esta instituição conservou o ideário da Escola Parque. Por fim, buscamos traçar uma biografia do Grupo de Aplicação do C.F.P.P. de Catalão/GO, a partir das fontes documentais analisadas, dentre as quais destacamos o livro de “Ocorrência de Professores e Alunos (1965-1969)”.

O Capítulo III tem por objetivo compreender a história de vida de professoras que atuaram no Grupo de Aplicação e os aspectos relacionados a sua inserção na instituição. Assim, a partir das suas narrativas biográficas, conhecemos quem são as professoras que nos ajudarão a contar a história do Grupo de Aplicação do C.F.P.P. de Catalão/GO. Ao reconstituir o percurso de vida das alunas-professoras participantes da pesquisa procuramos compreender em que medida sua atuação na instituição contribuiu para a construção e consolidação do seu perfil profissional.

No Capítulo IV, nosso objetivo é analisar a história do Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão a partir das narrativas das professoras, que nesta instituição exerceram o magistério entre os anos de 1964 e 1983. Nossa intenção é conhecer a história do Grupo de Aplicação na perspectiva das professoras e qual o significado elas atribuem a esta instituição na sua vida e carreira.

organização mínima, consideramos estes álbuns fotográficos como fontes históricas riquíssimas, que nos trarão uma dimensão a mais para pensar o contexto em estudo.

⁶ No Arquivo Escolar localizamos vários materiais referentes especificamente ao Grupo de Aplicação: Caderno de Ocorrência de Professores e Alunos com registros dos anos de 1965 a 1969; cadernos de pagamento de professores e funcionários; Livros de Matrícula de alunos dos anos de 1964 a 1984; Livros de Frequência; Livros de Atas; Livros de Ponto de professores e funcionários.

CAPÍTULO I

Diante da infinidade de modos de se fazer uma Pesquisa em Educação, não é possível afirmar categoricamente que o modo por nós escolhido seja o mais acertado, seguro ou válido. Nas palavras de Luchese (2014, p.148): “estamos imbricados nas escolhas que fazemos e assumi-las parece ser um caminho”. Cabe apenas considerar que acreditamos nesta escolha, como um caminho possível:

No campo epistemológico da pesquisa qualitativa interpretativista, as narrativas de si (autorreferenciais) vêm se constituindo nos últimos trinta anos, indiscutivelmente, uma fonte de pesquisa privilegiada para a investigação científica, nos mais diversos campos disciplinares das Ciências Humanas e Sociais. (PASSEGGI et al, 2017, p.469)

Neste primeiro capítulo, buscamos revisar teoricamente o método biográfico-narrativo, os estudos sobre os principais conceitos que sustentam nossa proposta de pesquisa: narrativas, biografização e biografia institucional. Apresentamos também o percurso metodológico proposto na busca pela biografia institucional do Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão/GO. Em nossa narrativa buscamos contemplar como se deu o processo de produção de dados, as visitas aos arquivos e as entrevistas/conversas⁷ com as professoras.

1.1 O Método Biográfico-Narrativo: desafios.

“La investigación biográfico-narrativa, además de una metodología de recogida/análisis de datos, se ha constituido hoy en una perspectiva propia, como forma legítima de construir conocimiento en la investigación educativa y social.”
(BOLÍVAR, 2012, p.31)

Defendida por Bolívar (2012, p.31-32) como uma perspectiva própria de conhecer o mundo, que permite dar significado e compreender as dimensões cognitivas, afetivas e de ação, a pesquisa biográfico-narrativa representa um lugar de encontro entre diversas Ciências Sociais como a História, a Antropologia e a Psicologia, por exemplo.

O método biográfico-narrativo, conforme Delory-Momberger (2012, p.524), consiste em “[...] perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas

⁷ BRAGANÇA; LIMA (2016)

que ele dá à sua experiência”. É nesta articulação entre o ser social e singular que se insere a importância da escrita da vida, o que implica na elaboração da experiência, a partir da reflexão sobre o agir e o pensar humanos.

Além de pesquisas de “investigação-ação-formação”, o método biográfico narrativo nos possibilita a perspectiva de estudos das organizações escolares proposta por Bolívar (2002a, p.202): “Estudar as organizações a partir das histórias, narrativas e memórias que se tecem em torno delas”.

Assim, a biografia institucional corresponde a uma realidade socialmente construída, que Bolívar (2002a, p.200) denomina como história de vida profissionais mescladas ou cruzadas, história biográfico-institucional, história da instituição, história compartilhada do grupo estudado.

Jacob (2016, p.28), ao investigar a “história/biografia de uma instituição” de Ouvidor/GO destaca como a singularidade de cada biografia constitui a instituição no contexto das determinações sociais e históricas.

A exemplo da pesquisa realizada por Naves (2013, p.19), acreditamos que por meio das narrativas é possível “o estabelecimento de um diálogo entre a história dessa instituição escolar e as memórias que foram se construindo, e/ou se diluindo, ao longo de sua existência”.

Como evidenciado nestas pesquisas, o resgate de memórias nas narrativas sobre as histórias de vida depende de uma ação intencional e consciente do sujeito da pesquisa, ao produzir a narrativa sobre si e sua história em dado contexto e da sensibilidade do pesquisador em captar todas as facetas e perspectivas como possibilidades de reconstrução do passado, permeadas por visões de mundo e subjetividade diferentes.

É o que Delory-Momberger (2012, p.524) define como “postura específica da pesquisa biográfica”. Essa abordagem de pesquisa configura-se como uma via de conhecimento tanto para os sujeitos da pesquisa como para os pesquisadores, do ponto de vista do conhecimento científico, da metodologia, dos conceitos (JOSSO, 2007, p.437).

1.2 Narrativas... Biografização... Biografia institucional...

“No fundo, a vida só pode ser representada em forma de narração”
(BOLÍVAR, 2002a, p.138)

Ao ato de narrar, que Delory-Momberger (2011, p. 335) define como “biografar”, é atribuída a “condição biográfica” de permanente “escrita da vida”, que significa uma constante construção e reconstrução identitária do sujeito e do grupo social do qual faz parte.

A narrativa, portanto, é a forma mais subjetiva e autêntica de representar a vida, e assim concorda Bolívar (2002a, p.138): “no fundo, a vida só pode ser representada em forma de narração”.

Ferrarotti (2010, p.43) questiona: “como é que a subjetividade inerente à autobiografia pode tornar-se conhecimento científico?”. E em seguida esclarece que:

Toda a vida humana se revela, até nos seus aspectos menos generalizáveis, como a síntese vertical de uma história social. Todo comportamento ou ato individual nos parece, até nas formas mais únicas, a síntese horizontal de uma estrutura social. [...] o nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos. E a história desse sistema está contida por inteiro na história da nossa vida individual (FERRAROTTI, 2010, p.44).

Bolívar (2002a, p.180) também afirma que: “Embora os relatos de vida sempre façam referência à singularidade de uma vida, eles refletem a coletividade social de que se trate”. Ferrarotti (2010, p.47) defende ainda que a narrativa biográfica deve ser entendida como uma ação social. É na narrativa, como enfatizam estes autores, que o sujeito que narra dá sentido a si mesmo e ao mundo.

Pujadas (2000, p.148) chama a atenção para o fato de que o narrador não relata o acontecimento em si na narrativa biográfica, mas sim elabora uma leitura do processo pessoal e/ou social, ou seja, são as interpretações das experiências, que Bolívar (2012, p.37) denomina como “trama” ou “argumento” que integra o passado e o presente.

Assim, a nossa expectativa é de reconstruir/reconstituir/recompôr, a partir das narrativas das professoras sobre a suas histórias de vida, a história da instituição pesquisada. Estamos em busca de compreender o que significa/significou a instituição na perspectiva dessas professoras.

1.3 Percurso metodológico proposto na busca pela biografia institucional do Grupo de Aplicação do C.F.P.P. de Catalão/GO: primeiros contatos com os dados.

“[...] una cosa es la vida vivida y outra hacer de la vida una historia”
(BOLÍVAR, 2012, p.37)

Com a devida autorização por parte do Comitê de Ética em Pesquisa da UFG⁸, iniciamos o processo de produção de dados. Nosso primeiro procedimento foi a consulta ao arquivo do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação de Catalão NEPEDUCA – UFG/Regional Catalão que conserva materiais do C. F. P. P. C., acervo documental que pertencia à ex-diretora Suely da Paixão. Realizamos esse levantamento de fontes no mês de agosto de dois mil e dezesseis, no qual localizamos o Inventário do Parque Primário Complementar da extinta CNEA em Catalão, documentos do Projeto MEC/UNICEF/UNESCO, Planos de Ensino, Planos de Aula e Avaliações do Centro de Formação e também do Grupo de Aplicação.

Num segundo momento, visitamos a Escola Estadual Instituto de Educação “Matilde Margon Vaz” e fizemos a solicitação para consulta aos arquivos escolares. No mês de setembro do ano de dois mil e dezesseis tivemos a autorização para ter acesso ao material e nos deparamos com o problema da inexistência de uma política de guarda e conservação do arquivo escolar, sendo que os documentos mais antigos se encontravam armazenados em um depósito, sem serem catalogados ou organizados.

Nesta oportunidade, identificamos vários materiais referentes especificamente ao Grupo de Aplicação, dentre os quais destacamos os que se apresentavam em melhor estado de conservação: Caderno de Ocorrência de Professores e Alunos com registros dos anos de 1965 a 1969; cadernos de pagamento de professores e funcionários; Livros de Matrícula de alunos dos anos de 1964 a 1984; Livros de Frequência; Livros de Atas; Livros de Ponto de professores e funcionários. Os materiais selecionados foram cedidos temporariamente pela escola e ao longo do tempo de realização da pesquisa permaneceram no arquivo NEPEDUCA para o processo de análise documental.

Diante dessa quantidade considerável de fontes documentais que representam testemunhos das atividades ocorridas, vestígios do passado, fontes potenciais de informação, fez-se necessário um estudo do contexto no qual estes documentos foram produzidos. A partir desta avaliação crítica do contexto, dos prováveis autores e da

⁸ CNS/CONEP - CAEE: 57499516.7.0000.5083. Projeto submetido em: 01/07/2016. Número do parecer: 1.641.926. Data da aprovação: 20/07/2016.

natureza dos textos contidos nesses documentos, tentamos “ler nas entrelinhas” uma interpretação que nos possibilitou uma posterior reconstrução e formulação de explicações para os “ditos e não ditos”, para o que está explícito e também para as lacunas que se apresentam (CELLARD, 2010, 299-303).

A partir da consulta inicial aos Livros de Ponto foi possível identificar algumas “alunas-professoras” e sua época de atuação no Grupo de Aplicação do C. F. P. P. de Catalão/GO.

Ainda no mês de setembro de dois mil e dezesseis realizamos as primeiras entrevistas. As demais foram realizadas nos meses de março e maio do ano de dois mil e dezessete. Seguimos o mesmo procedimento com todas as professoras: o convite foi feito por contato telefônico e, sendo aceito, agendamos a visita na Universidade. Os encontros aconteceram na sala 203, do Centro Integrado de Pesquisa e na sala 04, Bloco H, da UAEE. As entrevistas⁹ foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. Nas transcrições procuramos preservar o estilo pessoal de cada informante. (PUJADAS, 2000)

Quadro 1 – Dados relativos a realização das entrevistas.

Professora	Como ficou conhecida	Idade*	Data e horário da Entrevista		Local da Entrevista	Duração da Entrevista
Elza	A Sargentona	60 anos	09/09/2016	14h	LAMUL – UFG	63 min.
Edma	A má	66 anos	16/09/2016	14h	LAMUL – UFG	126 min.
Suleima	A Su	70 anos	24/03/2017	14h	Sala 04, Bloco H – UAEE/UFG	122 min.
Sebastiana	A menina da idade	66 anos	03/05/2017	14h	LAMUL – UFG	76 min.

Fonte: Diário de Campo da Pesquisa, 2016-2017. *Idade das professoras na data da entrevista.

Para a realização das entrevistas procuramos ter em mente o conceito de narrativa como reconstrução da experiência, processo reflexivo que dá significado ao acontecido ou vivido (BOLÍVAR, 2002b). Conforme afirma Ferrarotti (2010, p.46): “Uma narrativa biográfica não é um relatório de ‘acontecimentos’, mas uma ação social pela qual o indivíduo retotaliza sinteticamente a sua vida (a biografia) e a interação social em curso (a entrevista), por meio de uma narrativa-interação”.

⁹ As entrevistas encontram-se transcritas na íntegra, arquivadas em formato digital (CD). Elaboramos um quadro com o resumo das principais informações sobre as professoras colaboradoras com a pesquisa (Quadro 10).

Optamos por realizar os encontros na Universidade¹⁰ por considerarmos um estímulo às memórias das alunas-professoras, já que o local onde funcionava o Grupo de Aplicação corresponde atualmente aos Blocos H e I, estruturas de funcionamento da Unidade Acadêmica Especial Educação UAEE/RC/UFG.

Figura 01: Carta imagem – localização da UAEE – UFG/Regional Catalão



Fonte: Google Pro - 2016. Org. e Adapt. BUSSOLA, B. V.

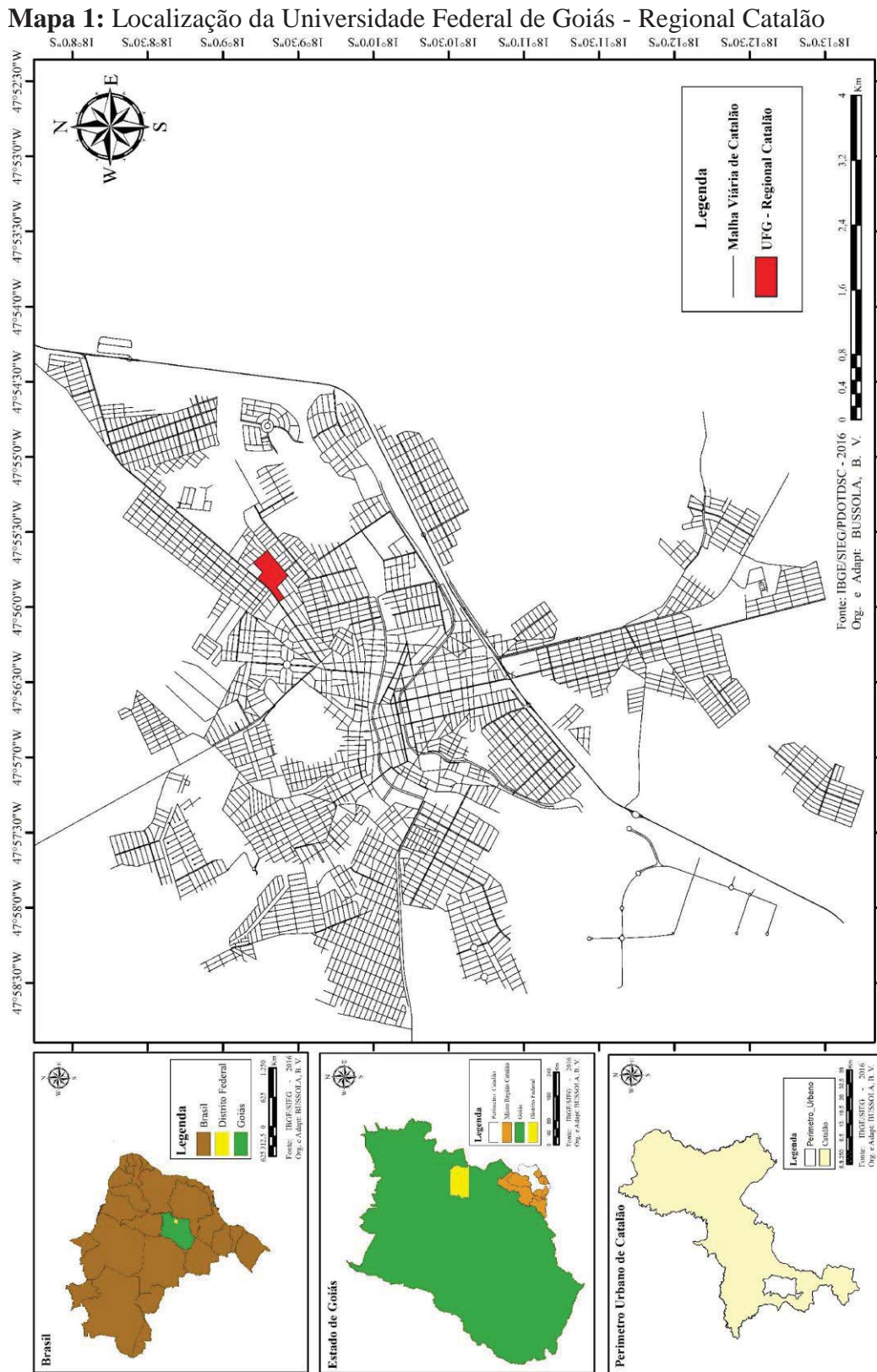
Figura 02: Blocos H e I da UAEE – UFG/Regional Catalão



Fonte: https://mestrado_educacao.catalao.ufg.br/

¹⁰ Mapa de localização da UFG/Regional Catalão na página a seguir.

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - REGIONAL CATALÃO



Fonte: IBGE/SIEG/PDOTDSC – 2016. Org. e Adapt. BUSSOLA, B. V.

CAPÍTULO II

Mas, por onde começar?...

Os caminhos para adentrar-se numa instituição são inúmeros. Há, como em edifícios, subterrâneos, alicerces, porões, portas, janelas, sótãos, telhados, chaminés... O desafio é entrar na instituição. É pouco relevante, parece-me, o caminho a ser escolhido. Posso chegar à instituição pela legislação educacional, pelo seu currículo, pelo seu quadro de alunos, pela sua proposta pedagógica, pela sua cultura manifesta, pelos trabalhos escolares, pela arquitetura do prédio, pelos professores que dela participaram, pelos ex-alunos, pelo mobiliário, pelas memórias, pela historiografia preexistente ou por arquivos e fontes múltiplas (escritas, orais, imagens, sons e outras). O que me dá o passaporte de ingresso é o conjunto de fontes que levanto, critico e seleciono, e nenhum tipo de fonte deve ser interdito (SANFELICE, 2007, p.77).

Ao investigar os aspectos históricos de uma instituição escolar do interior de Goiás, Peixoto (2013) evidenciou o árduo exercício de “conhecer, desvelar e interpretar” a “pluralidade” que constitui o espaço escolar ou instituição de ensino (PEIXOTO, 2013, p.50). Essa pluralidade a qual a autora se refere diz respeito às relações políticas, econômicas, religiosas, sociais e educacionais estabelecidas no plano local e também no plano da política nacional. Nesse sentido, nosso objetivo neste capítulo é identificar o Grupo de Aplicação dentro do contexto do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão e da Educação Brasileira no período estudado.

Para tanto, tomamos como aporte teórico as obras de Almeida (2014), Ferreira (2006, 2008), Freitas e Biccás (2009), Güttschow (2011), Moreira (1960), Teixeira (1953, 1962, 1971, 2005, 2006). Recorremos também a documentos e relatórios produzido pelo MEC/INEP relativos a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo.

Para a produção de dados recorreremos inicialmente à pesquisa documental e, para a análise dos mesmos, apoiamo-nos na perspectiva de autores como Cellard (2010) e Bolívar (2012). Apresentamos dados extraídos do acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA – UFG/Regional Catalão e documentos localizados na Escola Estadual Instituto de Educação “Matilde Margon Vaz”.

2.1 Anísio Teixeira: a incansável luta por uma “educação democrática”

Se depressa marcha a vida, mais depressa há de marchar a escola.
(TEIXEIRA, 1971, p.99)

Grandes transformações no contexto social brasileiro, desde os anos de 1920, repercutem fortemente no cenário educacional, situação expressa enfaticamente por Anísio Teixeira ao afirmar que “[...] as escolas já não formam o caráter...” e “a velha autoridade dos mestres já não é a mesma, sé é que existe ainda” (TEIXEIRA, 1971, p.18). Para Teixeira (1971, p.20), a escola nesse contexto de problemas é o retrato da sociedade brasileira. O autor afirma que “[...] não são as escolas as responsáveis pelas transformações do espírito da sociedade. As escolas são como os romancistas, também acusados de corromperem a sociedade. Elas, como eles, refletem, tão somente, o que já vai pela própria sociedade” (TEIXEIRA, 1971, p.20).

Altos índices de analfabetismo e a precariedade da formação de professores: dois dos grandes “males” que juntamente com os problemas políticos e econômicos compuseram o repertório analítico que enquadraram o Brasil como um país subdesenvolvido, doente, carente, refém de atores institucionais como o INEP e de organismos multilaterais como CEPAL, ONU, UNESCO que intervíram financeira e ideologicamente através de ações emergenciais que visavam a superação da nossa situação de “atraso” (FREITAS; BICCAS, 2009).

O analfabetismo foi considerado, na década de 1920, a “grande chaga nacional” (FREITAS; BICCAS, 2009, p.86), preocupação evidente nos discursos dos líderes políticos e intelectuais brasileiros, foco de “diagnósticos” e “inquéritos” (FREITAS; BICCAS, 2009, p.41) que alarmavam o quanto essa “doença” determinava a identidade nacional. Assim, a urgência e necessidade em curar, escolarizar, moralizar e modernizar o país entrou como “tom de unidade nacional” (FREITAS; BICCAS, 2009).

O contato de Teixeira com a realidade dos Estados Unidos da América, no ano de 1927, foi determinante na definição de sua postura política defensora de uma filosofia da educação comprometida com a transformação da sociedade. O deslumbramento de Teixeira com projeto educacional norte-americano o levou a crer na possibilidade da escola como a via de reconstrução da sociedade brasileira (TEIXEIRA, 2006).

Conforme Frangella (2000, p.05), uma escola de melhor nível e que atendesse uma maior parcela da população brasileira impeliu a busca por uma profissionalização

docente em novos moldes que estivessem em consonância com o desejo de um país modernizado. A autora afirma que:

Todo este movimento inicia-se concretamente durante a Reforma implementada por Anísio Teixeira no Rio de Janeiro na década de 30, o que já se expressa na criação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932) como um laboratório do curso de formação de professores. No Instituto, incorporam-se a Escola primária, o Jardim de infância que seriam campo de experimentação, demonstração e de prática de ensino do curso de formação de professores. (FRANGELLA, 2000, p.05)

Os princípios, ideais e valores do pensamento deweyano foram apropriados por Teixeira e incorporados nas suas propostas de educação no Brasil de maneira bastante expressiva. Teixeira traduziu obras de Dewey, produziu artigos, relatórios, balanços financeiros e propostas sobre o financiamento da educação pública, além de protagonizar os movimentos das reformas educacionais nos estados do Rio de Janeiro, da Bahia e, anos mais tarde, no Distrito Federal, além de ser integrante do grupo de signatários que foram responsáveis por dois grandes marcos na história da educação brasileira em defesa da educação pública, gratuita e laica: o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) e o Manifesto dos Educadores mais uma vez convocados (1959).

Para a realização da proposta de educação democrática no cenário educacional brasileiro seria necessária uma total transformação da escola: “um novo programa, um novo método, um novo professor e uma nova escola” (TEIXEIRA, 1971, p.41).

Uma nova escola, para qual sociedade? A proposta de uma educação mais democrática nos moldes escolanovistas de Teixeira se materializou em experiências isoladas de escolas experimentais, como, por exemplo, as Escolas Parque em Salvador e em Brasília. Os modelos bem-sucedidos na Bahia e no Distrito Federal seriam a inspiração para um grande projeto de educação nacional.

Mas, como concretizar um grandioso projeto de educação nacional tendo em vista uma imensa diversidade cultural e as desigualdades sociais e regionais? Vejamos uma dentre várias dessas tentativas: a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA), que teve início em 1958, no Governo de Juscelino Kubitschek.

2.2 CNEA: a escola como o “remédio para todos os males”

A fim de verificar a realidade da educação nas diversas regiões brasileiras, atreladas às discussões sobre educação e desenvolvimento (FREITAS; BICCAS, 2009, p.139), foram desenvolvidas pesquisas, os chamados “*surveys*” (FREITAS; BICCAS, 2009, p. 149). Essas pesquisas subsidiaram a implantação de “escolas experimentais” ou “escolas laboratório”, nas quais o educador viria a ser um “permanente investigador da vida escolar” (FREITAS; BICCAS, 2009, p.80).

Os “*surveys*” realizados no contexto dos projetos do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) no estado de Goiás identificaram escolas funcionando precariamente em ranchos (Moreira, 1960, p. 35). Segundo Ferreira (2006, p.114), os Projetos do Programa de Pesquisa em “Cidades-Laboratório” foram desenvolvidos no ano de 1958 em Catalão, sob responsabilidade de Fernando Altenfelder Silva (ELSP - Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo).

Instituída pela Portaria nº 5-A, de 9 de Janeiro de 1958, a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA) teve as suas atividades iniciadas na cidade de Leopoldina/MG, elegida no Plano Piloto da Campanha, por ser considerado um dos municípios representativos que exerciam influência nas regiões, rurais ou urbanas, de seu entorno (MOREIRA, 1960).

A cidade de Catalão/GO entra no circuito da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo como um município representativo da Região Centro-Oeste. Acreditamos que por ser considerada uma cidade próspera, em franco desenvolvimento, e também por sua proximidade e relação com as cidades do Triângulo Mineiro. Mas, ainda nos questionamos: quais outros critérios, razões e influências foram determinantes naquele contexto? Afinal, assim como Leopoldina e as demais cidades escolhidas como “cidades-laboratório”, Catalão apresentava características não tão positivas e otimistas em relação a escolarização da população e as taxas de analfabetismo naquela época¹¹.

A construção da nova capital em Brasília e a sua ligação com São Paulo via BR-050 são citados por Almeida (2014, p.16) como fatores que contribuíram de forma muito significativa para o desenvolvimento comercial, industrial e populacional em Catalão. Mas, a autora destaca como a cidade ainda enfrentava problemas econômicos,

¹¹ Conforme Jacob (2015) o analfabetismo na década de 1960 ainda atingia aproximadamente 55% da população do Estado de Goiás.

políticos e culturais, com boa parte da população de baixa renda vivendo no campo, impossibilitada de frequentar a escola.

No Relatório de Moreira (1960, p.41) consta que Catalão foi contemplada com o terceiro Centro Piloto de Erradicação do Analfabetismo, em setembro de 1958. Consta também no relatório de Moreira (1960, p. 37) que: “Ainda em Catalão, Goiás, outras construções escolares foram realizadas para abrigar milhares de crianças sem assistência educacional”.

O trabalho de conclusão de curso de Jucemária Silva de Almeida sobre os Grupos Escolares em Catalão-GO, defendido no Curso de Pedagogia UAEE/RC/UFG, no ano de 2014, abordou o surgimento e o processo de implantação dos Grupos Escolares em Catalão entre os anos de 1923 e 1971. A referida autora chega a mencionar a criação da “Escola Complementar de Artes Industriais” (ALMEIDA, 2014, p.22). Mas, ao longo do desenvolvimento da pesquisa se dedica a aprofundar as discussões referentes apenas aos Grupos Escolares Rita Paranhos Bretas, Joaquim de Araújo e Silva, Dona Iayá, Wilson Elias Democh e David Persicano.

Sobre a construção destes Grupos Escolares em Catalão, Almeida (2014, p.21) destaca o papel do deputado federal Wagner Estelita Campos e o seu empenho em colocar Catalão no circuito da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, no ano de 1958.

Destacamos do Relatório de Moreira (1960) dois trechos que tratam das finalidades e objetivos da Campanha com as atividades dos Centros-Piloto:

Erradicar o analfabetismo não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas, principalmente, associar essas habilidades às atividades comuns, quotidianas. Daí a importância das atividades manuais, nas escolas da CNEA (Parque Primário Complementar). (MOREIRA, 1960, p.105)

Quanto aos meios para esses objetivos, sugerimos que o Parque possuísse um curso de estudos e práticas recreativas, sociais e cívicas, e, em caráter facultativo, (de acordo com a opinião dos pais ou responsáveis), um de estudos e práticas religiosas. Atendendo à finalidade de preparação para a vida profissional, o Parque disporia de um curso de artes industriais, além de outros de conhecimentos gerais. (MOREIRA, 1960, p.107)

Os Centros-Piloto seriam, portanto, dotados de um pavilhão de oficinas para a prática de artes industriais para que os alunos pudessem ter uma educação para o trabalho, conforme as demandas da área urbana. O Relatório da Campanha apresenta como sugestão: marcenaria, mecânica, eletricidade elementar prática, instalações

hidráulicas, latoaria e lanternagem, corte e costura, culinária, decoração e arte doméstica, bordados e tecelagem manual (MOREIRA, 1960, p.108).

Dispomos de poucos elementos, na verdade apenas pistas ou indícios, que nos levem a afirmar que a Escola Parque em Catalão foi uma experiência bem-sucedida e que nos deixou um grande legado educacional. Localizamos uma foto do prefeito Antônio Miguel Jorge Chaud com o Presidente Juscelino Kubitschek no ano de 1956 (PORTAL VIP, 2015, p.73) e o registro de outro acontecimento que foi a visita do prefeito Jacy de Campos Netto às obras da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, em 20 de agosto de 1959, dentre as solenidades comemorativas por ocasião do Centenário de Catalão (PORTAL VIP, 2015, p.88).

Por determinação do Decreto Nº 51.470, de 22 de maio de 1962 (Art. 19), os Centros Pilotos de Erradicação do Analfabetismo foram transformados em Centros Regionais de Treinamento de Professores de ensino primário. E pelo Decreto Nº 51.867, de 26 de março de 1963, o Ministério da Educação e Cultura extingue a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo. (GÜTTSCHOW, 2011).

Localizamos no Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA – UFG/Regional Catalão, um documento, datado de 1964, que conserva assinatura de Maria Aires Gomes Barbosa, na condição de Assistente de Educação do MEC e responsável pelo patrimônio da extinta CNEA em Catalão. Trata-se de um acordo autorizado pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Goiás, cedendo prédios e equipamentos do Parque Primário Complementar – Escola Parque em Catalão, para o Centro de Formação de Professores Primários de Catalão, representado na ocasião por sua primeira diretora Maria do Rosário Macarini.

2.3 C.F.P.P. de Catalão/GO e o ideário da Escola Parque

No ano de 1962, descontente com a precária situação da formação de professores no Brasil, Anísio Teixeira problematiza que os cursos de nível secundário destinados a formação de professores, não estavam capacitando pedagogicamente os professores para atuação tanto na escola primária, quanto na escola média. Mediante suas constatações, apresenta um plano para um novo tipo de formação do magistério na “Conferência Sôbre Educação e Desenvolvimento Econômico e Social na América Latina”, realizada no Chile. Este novo tipo de treinamento para o magistério:

[...] se faria pelo método do aprendizado, em classes infantis, primária e médias regidas por professores-mestres, ajudado por especialistas de educação em currículos, programas, psicologia escolar, que debateriam, em seminários, os problemas teóricos e práticos do ensino. (TEIXEIRA, 1962, n.p.)

Sua proposta era que se instituíssem Centros de Treinamento de Professores, nos moldes das escolas de medicina, com os seus hospitais de clínicas, para que os professores pudessem estagiar em “escolas de experiência, demonstração e prática” de nível infantil, primário e médio, nos quais “os estudos seriam rigorosamente articulados com essa prática direta do ensino” (TEIXEIRA, 1962).

No Plano de Teixeira estava previsto que os Centros de Treinamento comportariam espaços destinados a residência temporária e que “o aluno-mestre estagiasse, como interno, praticando a sua arte e estudando-lhe os aspectos teóricos, técnicos e de conteúdo” (TEIXEIRA, 1962).

A ambição deste plano, além de contemplar a questão da formação de professores, previa ampliar a rede escolar primária e média em todo o Brasil com a criação das escolas experimentais que na proposta estavam especificadas como: jardins de infância, escolas-classe, escolas secundárias e escolas-parques (TEIXEIRA, 1962).

Segundo Souza (2014, p.65) “[...] a Escola-Parque seria uma experiência de educação primária integral no Brasil, sendo aplicados os ideais da Educação Nova, na forma de um novo currículo, de um novo programa e também de um novo professor”. O autor afirma que a criação do Centro Educacional Carneiro Ribeiro na Bahia (1950) e Escola Classe/Parque de Brasília (1960) foram exatamente a materialização do pensamento de Anísio Teixeira, e diferencia que a Escola Classe seria o lugar das

atividades curriculares e a Escola Parque desenvolveria, no contraturno, as atividades de trabalho e socialização, de arte e de educação física (SOUZA, 2014, p.86).

Um empreendimento deste porte apenas poderia ser realizado quando a União considerasse a possibilidade de receber auxílio internacional. E assim, a proposta foi materializada mediante aos Acordos MEC-USAID¹², entre os anos de 1961 a 1983, tema que foi objeto de investigação da Tese de Doutorado de Inácio, em 2011:

[...] a certeza da necessidade de estabelecer vínculos estreitos entre a educação brasileira e a norte-americana baseava-se no fato de ser vantajosa a utilização do que ele intitulava “a nova tecnologia do ensino”, por ela possuir uma linguagem reconhecida como científica e, portanto, universal, que permitiria a sua transferência de uma cultura para a outra. Anísio Teixeira supunha ser importante essa forma de educação no combate à “tendência para a educação não utilitária” das nações subdesenvolvidas. A educação deveria assumir o espírito utilitário como garantia de sustentação do desenvolvimento econômico (INÁCIO, 2011, p.53-54).

O problema da formação de professores em Goiás apresentava-se como um reflexo da situação de todo o Brasil. Na tentativa de superação dessa situação de “atraso”, foram tomadas medidas consideradas urgentes:

Se, no primeiro plano do governo Mauro Borges para a formação de professores, propunham-se convênios com escolas normais particulares, instalação de escolas normais em cidades de maior densidade populacional e desenvolvimento de cursos normais regionais; no segundo plano, de 1962, priorizou-se a adoção de programas de treinamento de professores em curto prazo, justificada por uma avaliação negativa da Escola Normal. Além da avaliação negativa da Escola Normal, o que estava sendo considerado era o modelo a ser seguido, ou seja, o que os países adiantados propunham para a formação de professores. Os EUA estavam propondo já há algum tempo os programas intensivos de formação e treinamento dos docentes, que iriam aumentar cada vez mais, ao longo dos anos 1960 e 1970, sob diversas modalidades e em várias regiões do Brasil. (INÁCIO, 2011, p.126)

Segundo Bernardes (1983):

Goiás integrou-se, a partir de 1963, a exemplo de outras unidades da Federação, ao Plano Mestre de Operações para um Programa de Educação Primária e Normal do Brasil, tornando-se participante do Projeto-conjunto MEC-INEP/UNICEF/UNESCO, ao assinar convênio com estes organismos, para uma programação de três anos, renovados

¹² Acordo que incluiu uma série de convênios realizados a partir de 1964, durante o regime militar brasileiro, entre o Ministério da Educação (MEC) e a United States Agency for International Development (USAID). (PINA, 2011)

por mais dois períodos até 31 de dezembro de 1973. O referido convênio possibilitou inicialmente o funcionamento do Centro de Treinamento do Magistério de Inhumas, com o objetivo de formar supervisores de Ensino Primário e dos Centros de Formação de Professores Primários de Morrinhos e Catalão, que se dedicaram a formação de professores primários (BERNARDES, 1983, p.79-80).

O modelo do Centro de Formação de Professores em Goiás era exclusivo para a formação de professores primários em caráter emergencial (não correspondia à habilitação de um curso Normal ou Magistério) e foi adotado em Catalão e em mais três cidades: Morrinhos, Inhumas e Tocantinópolis, conforme a Lei Nº 6341, de 21 de julho de 1966 e a Lei Nº 7.407, de 11 de novembro de 1971, que lhe deu nova redação. A implantação e o funcionamento destas instituições se deram por meio de convênios celebrados entre UNICEF/UNESCO/MEC e a Secretaria de Educação do Estado de Goiás (HONÓRIO FILHO, 2010).

Uma proposta para a formação de professores em caráter de emergência: 3 anos em 10 meses. Segundo Inácio (2011):

A proposta não era, portanto, de uma formação voltada para o crescimento humano, pessoal e social dos envolvidos, que os conduziria a uma real profissionalização, e sim de um treinamento que os adestrasse para a execução do que estava sendo imposto; uma vez treinados, deveriam ser também supervisionados, inclusive nos seus hábitos e atitudes, sem restrição a ambientes. Observa-se também que a questão moral não era explicitada, mas compunha de forma sutil os objetivos elencados. Outro fator considerado importante pelos defensores dos Centros de Formação, além da sua objetividade, era o seu dinamismo, que garantiria solução imediata para os problemas da educação enfrentados pelo estado de Goiás, com reflexo na economia. Sendo de curta duração, dez meses, a suposta “formação” colocaria, em tempo recorde, mais professores atuando considerados formados por possuírem o título de Professor Primário. Não se questionava a forma aligeirada em que esse processo de formação se realizaria nem quais seriam suas consequências (INÁCIO, 2011, p.130).

Conforme o documento de criação dos Centros de Formação de Professores Primários de Catalão e Morrinhos, os Cursos Experimentais de Formação de Professores Primários funcionariam em estilo de Cursos Normais de Grau Colegial em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961, habilitando para o título de “Professor Primário”.

Essa especificidade da habilitação perdurou até a promulgação da Lei nº 5.692/71, que implicou em adequações na estrutura dos referidos Cursos de Formação, que passaram a ser denominados como “Cursos Intensivos de Habilitação Específica

para o Magistério (1^a. a 4^a. série do Ensino de 1^o. Grau)”, com reconhecimento da profissionalização ao nível de 2^o. Grau.

Inácio (2011) nos traz uma justificativa para a permanência dos Centros de Formação em Goiás após a Lei nº 5.692/71:

[...] a permanência dos CFPPs era preferível, por ser sua formação rápida e por garantir o acesso a conhecimentos básicos necessários para a efetivação da política educacional brasileira, empenhada em servir aos interesses principalmente políticos e econômicos do país, mesmo sendo de caráter aligeirado e impróprio a uma real formação de professores. O que estava em jogo não era a formação em si, mas os resultados estatísticos a partir dos quais o estado de Goiás poderia despontar entre os estados comprometidos com o desenvolvimento econômico nacional e local via incremento na educação (INÁCIO, 2011, p.167).

Ao cessar o subsídio financeiro proveniente dos acordos internacionais, o Governo de Goiás assume a manutenção dessas instituições, sob responsabilidade da Secretaria de Educação e Cultura (INÁCIO, 2011, p.175).

Inácio (2011, p.107) destaca a forte influência norte-americana no modelo de formação implantado no C.F.P.P. de Catalão/GO e ainda o fato dessa instituição ter funcionado entre os anos de 1964 e 1983, período do Regime Militar no Brasil.

O Centro de Formação de Professores Primários de Catalão teve vida longa. Consta no arquivo da Subsecretaria Regional de Educação de Catalão a relação dos alunos matriculados de 1964 a 1983, o que implica uma existência de aproximadamente 19 anos como locus de formação, treinamento e produção de conhecimentos para legitimar, diplomar professores. A promulgação da Lei nº. 7.044/82 levou à extinção do Centro (INÁCIO, 2011, p.216).

Com a desativação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão, suas instalações foram cedidas para a implantação de uma extensão da Universidade Federal de Goiás, que posteriormente se tornou Campus Avançado e atualmente corresponde à UFG/Regional Catalão.

No contexto do C.F.P.P. de Catalão/GO existiu uma escola anexa, para demonstração e prática de ensino: o Grupo de Aplicação, nosso objeto de estudo.

2.4 O Grupo de Aplicação do C.F.P.P. de Catalão/GO

A partir do contato com as produções de Honório Filho (2002, 2010) e Inácio (2011) sobre o Centro de Formação de Professores Primários de Catalão, identificamos uma possibilidade de investigação: sua escola anexa.

Propomos para o estudo do Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão/GO um ponto de intersecção entre a História da Educação e a Pesquisa (Auto)Biográfica: uma biografia institucional.

Conforme Bolívar (2002a, p.200):

Rememorar a história institucional é, num dos seus registros, um modo de criar um sentido comunitário para a ação coletiva do centro escolar. Há uma forma de comunidade (“comunidade de memória”) que faz com que sobreviva o sentido da ação, apesar do conjunto de membros que foram passando ao longo do tempo. Essa memória social e compartilhada, normalmente ativada no processo conversacional, é a reconstrução do passado a partir do espaço existencial e do tempo vividos em comum. As lembranças, assim, apelam para a consciência coletiva do grupo, que vão modificando a percepção do passado em função das circunstâncias presentes. Por isso, a história institucional não tem um caráter fixo, vai mudando de acordo com o que vai acontecendo. Essa *memória social compartilhada*, normalmente ativada no processo conversacional, é uma *reconstrução do passado* a partir do espaço existencial vivido em comum (BOLÍVAR, 2002a, p.200 grifos do autor).

Assim, na perspectiva da biografia institucional proposta por Bolívar (2002a), tomamos os documentos também como “narrativas”, produzidas por determinados sujeitos em um dado tempo e contexto histórico. Diante da quantidade considerável de fontes localizadas, tanto os documentos organizados e catalogados no Arquivo NEPEDUCA, como aqueles esquecidos num depósito de papéis na Escola Estadual Instituto de Educação “Matilde Margon Vaz”, destacamos como suportes principais para a nossa análise: o Inventário do Parque Primário Complementar da extinta CNEA em Catalão; Livro de Ocorrência de Professores e Alunos com registros dos anos de 1965 a 1969; Livros de Matrícula de alunos dos anos de 1964¹³ a 1984.

¹³ Apesar da Lei de Criação do C. F. P. P. de Catalão/GO datar do ano de 1966, os Livros de Matrícula registram o início das atividades do Grupo de Aplicação no ano de 1964.

2.4.1 Biografia da Instituição

Ao ter acesso às transcrições de entrevistas¹⁴ e outros documentos do “Acervo Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA – UFG/Regional Catalão, nossa tendência inicial foi tentar compreender a complexidade da relação dessas instituições: Patronato¹⁵, Escola Parque, C. F. P. P. C. e Grupo de Aplicação.

O Patronato era uma espécie de “casa de acolhida de crianças desvalidas” que era mantida por benfeitores locais na década de 1950. Essas crianças da periferia¹⁶ da cidade de Catalão recebiam toda a assistência do Patronato e estudavam na Escola Parque, que foi uma instituição que existiu antes do C. F. P. P. C., num formato de escola de tempo integral, para o ensino primário e o ensino de ofícios. Posteriormente, com a implantação do C.F.P.P.C. na década de 1960, as crianças do Patronato passaram a estudar no Grupo de Aplicação, que incorporou as oficinas da antiga Escola Parque. Todo o patrimônio da Escola Parque (Centro Piloto da CNEA em Catalão) foi cedido em Termo de Comodato para uso do C.F.P.P.C.

No documento escrito que localizamos referente ao Parque Primário Complementar – Escola Parque, estão registrados máquinas, equipamentos e materiais referente às seguintes oficinas: “Artes do couro”, “Marcenaria ou artes de madeira”, “Rádio Técnico”, “Artes de Metal”, “Tecelagens e Bordados” e “Corte e Costura”. Além disso, estão listados diversos móveis, utensílios e ferramentas do Clube Agrícola, referente a plantações e criações de animais (INVENTÁRIO..., 1964).

Ainda nesse documento há menção à estrutura física da escola que contava com um prédio principal com doze salas de aula e oficinas, uma sala de desenho, uma parte administrativa com cinco salas e dois cômodos para sanitários, cisternas, rede elétrica, um prédio para refeitório com cozinha e dispensa anexos, um prédio com cozinha comum com cômodo anexo para depósito de material de atividade agrícola, o prédio de

¹⁴ Entrevistas realizadas entre os anos de 2001 e 2009 no âmbito dos projetos “*Em tempo de educar: formação cultural dos professores no interior de Goiás – Catalão (1921-1974)*” e “*Memória viva: produção de novas fontes históricas sobre a cultura educacional e a formação de professores, no sudeste goiano*”, coordenados pelo Prof. Dr. Wolney Honório Filho.

¹⁵ Nos livros de matrícula dos anos de 1969 a 1974 constam registros de residência no “Patronato”, local onde hoje encontra-se em funcionamento o 9º Comando Regional e 18º Batalhão de Polícia Militar de Catalão/GO, na Avenida Dr. Lamartine Pinto de Avelar, ao lado a UFG/Regional Catalão.

¹⁶ Conforme registros de residência nos livros de matrícula: “Brejinho”, “Lagoa”, “Pé do Morro”, “DERGO”, “Fazenda”. Esses lugares correspondem atualmente aos bairros São João, Vila Chaud, Vila Cruzeiro, Ipanema e Setor Universitário, na cidade de Catalão/GO.

residência do técnico agrícola, um prédio todo de madeira de lei (paiol), a pocilga, o aviário, o estábulo e o prédio de residência de guarda (INVENTÁRIO..., 1964).

Não há nos documentos menção específica a distribuição destes espaços quanto a organização e funcionamento do Grupo de Aplicação, nem registros escritos referentes a como ocorriam as atividades nas oficinas.

Há nove álbuns fotográficos que foram doados ao NEPEDUCA, pela ex-diretora, professora Suely da Paixão. Mas, apesar desta pequena organização das fotografias, as mesmas não têm, em geral, uma data específica. Apesar desta organização mínima, consideramos estes álbuns fotográficos como fontes históricas riquíssimas, que nos trarão uma dimensão a mais para pensar o contexto em estudo.

Selecionamos algumas imagens das fotografias¹⁷ que constam no álbum “1967-1968-1969”, nas quais podemos observar as crianças expondo os trabalhos realizados nas oficinas. Para os meninos, trabalhos em couro, madeira e metais. Já para as meninas, as opções eram: tecelagens, bordados, corte e costura.

Há fotografias nos referidos álbuns que registram o momento de comercialização dos trabalhos produzidos nas oficinas, tanto na própria escola como em feiras de artesanato que aconteciam no centro da cidade. Acredita-se que a renda arrecadada com a venda desses trabalhos fosse revertida para a própria instituição, assim como acontecia na época da Escola Parque.

Figura 03: Feira de Artesanato



Fonte: Álbum “1967-1968-1969” – Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA.

¹⁷ Consideramos aqui, conforme Silva (2016, p.29), que “as fotografia caminham no conceito de fonte”, ou seja, estão sendo tomadas em nossa pesquisa também como “narrativas”.

Figura 04: Oficina “Artes do couro”



Fonte: Álbum “1967-1968-1969” – Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA.

Figura 05: Oficina “Marcenaria ou artes de madeira”



Fonte: Álbum “1967-1968-1969” – Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA.

Figura 06: Oficina “Artes de Metal”



Fonte: Álbum “1967-1968-1969” – Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA.

Figura 07: Oficina “Tecelagens e Bordados”



Fonte: Álbum “1967-1968-1969” – Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA.

Figura 08: Oficina “Corte e Costura”

Fonte: Álbum “1967-1968-1969” – Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA.

Por muito tempo, esse ideário da Escola Parque permaneceu na memória dos moradores da cidade, como uma referência em educação e formação, referência esta que foi reforçada pelo Centro de Formação, e posteriormente pela Universidade Federal de Goiás – Regional/Catalão. Podemos dizer que este espaço se configurou em nossa cidade como um “território educativo” (MAGALHÃES, 2004, p.163).

A sobrevivência simbólica da Escola Parque perdurou ao longo de tantos anos, que, por exemplo, Guardieiro Costa (2015) em sua dissertação de mestrado, ao justificar a escolha do seu tema de pesquisa, narra sobre a sua própria trajetória de formação e menciona que após concluir o Curso de Formação para o Magistério, cumpriu no ano de 1977 “o estágio supervisionado na Escola Parque lecionando para crianças da 2ª série primária”. A autora afirma que Escola Parque era o Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores na cidade de Catalão/GO.

Inácio (2011, p.215) menciona o Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão como o “local onde os bolsistas realizavam sua formação prática e treinamento através dos estágios docentes”.

Segundo Honório Filho (2002):

O Grupo de Aplicação funcionava noutro pavilhão, dentro do Centro de Formação e era o local onde os alunos/professores praticavam tudo

aquilo que aprenderam. Estes estágios eram considerados tanto como glória quanto como apenas um degrau na ascensão de sucesso na carreira docente (HONÓRIO FILHO, 2002, p.08).

A existência de uma escola primária anexa, para a demonstração e prática de ensino era uma exigência mínima prevista na Lei Orgânica do Ensino Normal de 1946 (Art. 42. do Decreto Lei Nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946). Outra exigência que aparece na Lei Nº 6341, de 21 de julho de 1966 é que o Grupo Escolar de Aplicação deveria ser dotado de um “Pavilhão de Artes Industriais”.

Assim, identificamos uma instituição com finalidades distintas: ao mesmo tempo que se configura como campo de estágio para o magistério, também atende uma demanda social específica em relação a escolarização inicial e educação para o trabalho. Mas, alunas do Centro de Formação, atuando como professoras no Grupo de Aplicação, não eram as responsáveis pelo ensino dos ofícios.

Figura 09: Boletim Escolar do ano de 1966

Grupo Escolar de Aplicação
Centro de Formação de Professores Primários
Catalão - Goiás

Nome do Aluno: *João Batista*

Idade: *14* Data Nascimento: *29.4.52* Filiação: Pai: *Manuel Rodrigues Pires*

Profissão: *lavrador* Grau de instrução: Mãe: *Sebastiana Rodrigues Pires*

Profissão: *doméstica* Grau de instrução: Religião: *Católica*

Residência: *Fazenda Pires*

	Fev.	Março	Abril	Maio	Teste P.	Agosto	Set.	Out.	Teste F.	Final	Média	Global
L. Pátria	-	-	85	85	95	65	75	95	88	86		
Aritmética	-	-	55	70	95	40	85	90	74	72		
Est. Sociais	-	-	-	-	100	70	100	60	98	87		
C. Naturais	-	-	-	-	95	70	95	95	94	89		83

Promoção: *Promovido para o 4º ano*

Professora: *Silvia Passalunghi* Diretora: _____

Fonte: Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA – UFG/Regional Catalão

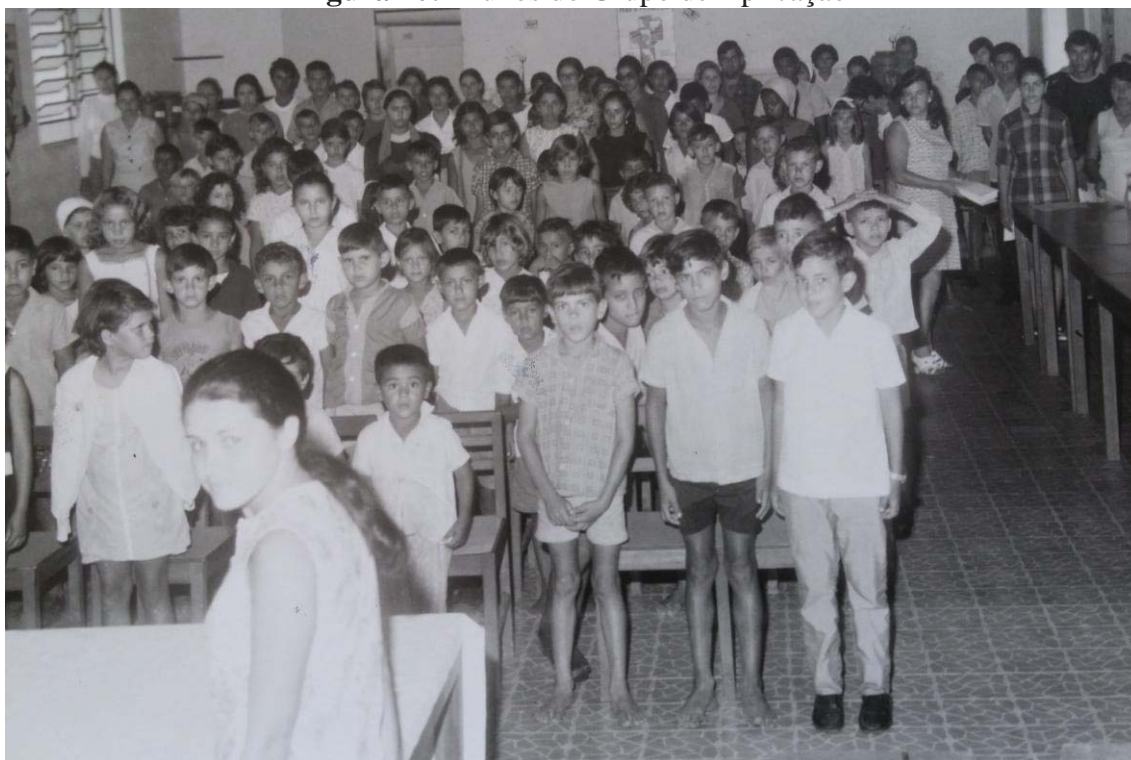
Para precisar o ano deste Boletim Escolar, fizemos o exercício de localizar o nome do aluno no livro de matrículas. Percebemos aqui um caso de defasagem idade/série.

Outra questão que podemos destacar é a profissão dos pais, um indicativo de uma classe social menos favorecida. Conforme os Livros de Matrícula, até o ano de 1969, dentre as profissões mais recorrentes registradas estão: lavrador, carpinteiro, carapina, boiadeiro, vaqueiro, peão, pedreiro, eletricitista, encanador, folheiro, ferreiro, motorista, chofer, charreteiro, operário. Em menor número aparecem as profissões: barbeiro, alfaiate, sapateiro, construtor, fazendeiro, comerciante, ourives, telegrafista, mecânico, ferroviário e funcionário público.

Em relação à profissão das mães estão registradas as ocupações de costureira, doméstica e lavadeira. Há ainda os registros referentes aos pais de alunos que eram funcionários do próprio Centro de Formação.

A imagem a seguir (sem data específica) é uma das que mais chamou a nossa atenção: percebemos uma grande quantidade de alunos reunidos e na primeira fila alguns alunos sem sapatos.

Figura 10: Alunos do Grupo de Aplicação



Fonte: Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA – UFG/Regional Catalão.

Nesta leitura inicial dos documentos buscamos a biografia desta instituição escolar, o que Magalhães (2004, p.68) denomina como uma “identidade” que é desenvolvida com base na relação com o contexto. Nesse sentido, Honório Filho e Jacob (2015, p.148) afirmam que:

A concepção aqui é que uma Instituição Escolar é uma realidade construída socialmente, e que tem sua própria história. Ou seja, ela não é uma realidade puramente objetiva, mas é atravessada por regras, estruturas, gestão, significados, rituais que indicam uma cultura organizativa. Ou seja, ela tem sua biografia institucional, que significa que seus processos e modo de ser podem ser ou se tornarem objetos de estudo de pesquisa científica, onde sua memória organizacional emerge de relatos da vida organizativa, o que coloca em jogo tanto memórias individuais quanto coletivas. E estas relações é o que caracteriza tanto a identidade da instituição quanto a identidade das pessoas que a constroem, enquanto parte da instituição (HONÓRIO FILHO; JACOB, 2015, p.148).

Podemos afirmar que a história de uma instituição escolar está longe de ser uma história contínua, previsível e linear, já que a história da instituição é atravessada pela história de vida das pessoas que por ali viveram e conviveram, numa multiplicidade de condições, num contexto dinâmico, imprevisível e complexo. Concordamos com Magalhães (2004) ao destacar que:

A história das instituições educativas cumpre este triplo registro de conhecimento do passado, problematização do presente, perspectivação do futuro. Organismos vivos, as instituições educativas como grupos sociais e como as pessoas angustiam-se, pensam tomam decisões, analisando o presente na sua complexidade e no jogo de probabilidades de desenvolvimento, perspectivando o futuro e inquirindo, fazendo balanço, atualizando o seu próprio passado. É uma história material, social, cultural, biográfica, reflexiva, que procura uma objetividade e um sentido de inquérito, na conceitualização, descrição, narrativa, compreendendo e explicando o presente-passado por referência ao destino dos sujeitos e à evolução da realidade (MAGALHÃES, 2004, p.71).

No quadro a seguir é possível perceber que o Grupo de Aplicação do C. F. P. P. de Catalão/GO passa por essa indefinição de condição e status ao longo dos anos. Algumas das mudanças estão relacionadas a alterações na legislação educacional, mas podemos considerar também a questão da biografia institucional. Podemos dizer que, no primeiro momento, a instituição foi criada como campo de estágio e também atendeu uma demanda social da educação das crianças daquela região da cidade. Anos mais tarde, com a transformação em Instituto de Educação, deixa de ser campo de estágio, e sofre uma transformação de uma instituição anexa para uma outra nova instituição.

Quadro 2 – Identificação da Instituição

Ano	Nome
Antes de 1964	Parque Primário Complementar (antiga Escola Parque)
1964	Grupo de Aplicação do CFPPE de Catalão (Centro de Formação de Professores Primários de Emergência de Catalão)
1965	Grupo Escolar de Aplicação do Centro de Formação de Professores de Emergência
1966	Grupo de Aplicação do C.F.P.P – Catalão (Go)
1967	Grupo de Aplicação do CFPP de Catalão
1968	Grupo Escolar de Aplicação
1969	Grupo de Aplicação do CFPP de Catalão
1970	Grupo de Aplicação do Centro de Formação
1971	Grupo de Aplicação do C.F.P.P.
1972	Grupo de Aplicação do C.F.P.P. de Catalão
1973	Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão
1974	Grupo Escolar de Aplicação do C.F.P.
1975	Grupo Escolar de Aplicação do C.F.P. Escola Estadual de 1º Grau de Aplicação do C.F.P. de Catalão
1976	Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão – Goiás
1977	Escola Estadual de 1º Grau de Aplicação do CFP de Catalão – Go
1978	Escola Estadual de 1º Grau de Aplicação do C.F.P. Grupo Escolar de primeiro Grau de Aplicação do CFP
1979	Escola Estadual de 1º Grau de Aplicação do C.F.P.
1980	Escola Estadual de 1º Grau de Aplicação do C.F.P. de Catalão
1981	Escola Estadual de 1º Grau de Aplicação do C.F.P. de Catalão
1982	Escola Estadual de 1º Grau de Aplicação do C.F.P. de Catalão Escola de Aplicação do Centro de Formação de Catalão Escola Estadual de I Grau da Aplicação do CFP E. E. de 1º Grau de Aplicação do CFP E. E. de Aplicação do C.F.P.
1983	Instituto de Educação de Catalão
A partir de 1984	Instituto de Educação “Matilde Margon Vaz”
Dias atuais	Escola Estadual Instituto de Educação “Matilde Margon Vaz”

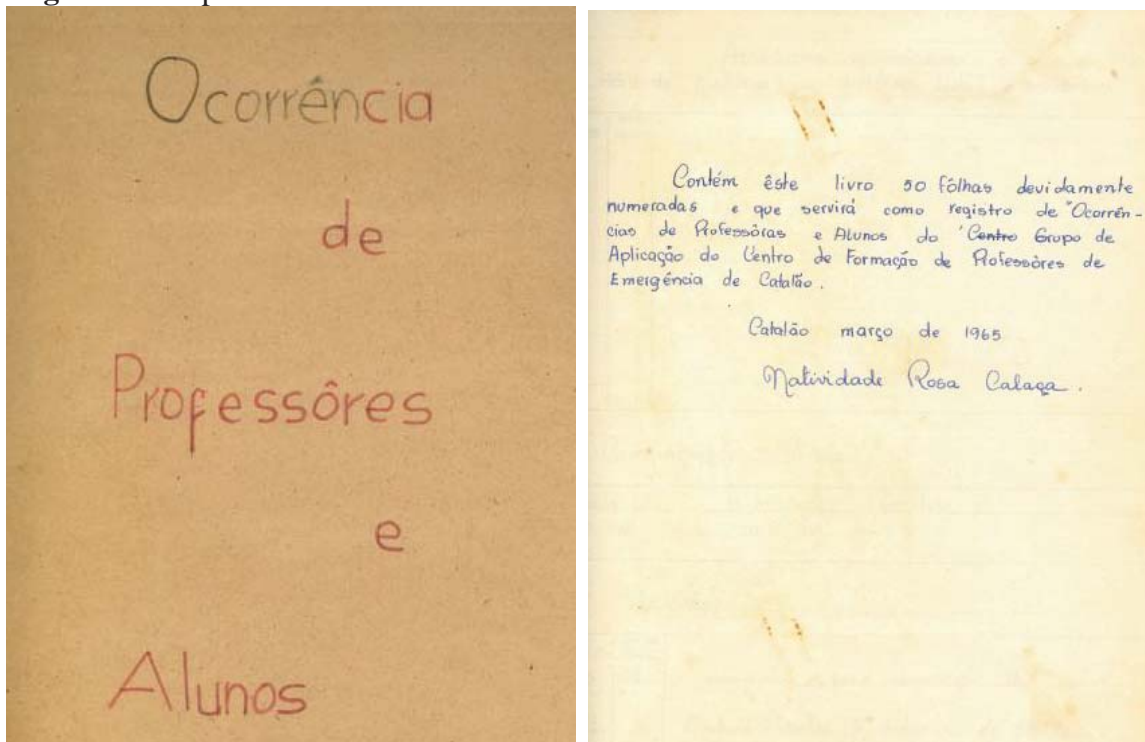
Fonte: Organizado pela autora a partir dos documentos do arquivo NEPEDUCA.

Grupo Escolar de Demonstração, Centro de Aplicação, Escola de Aplicação do CFP, Escola Estadual de Aplicação do CFPP de Catalão, são alguns nomes que aparecem em documentos sem data específica.

2.4.2 Ocorrência de Professôres e Alunos (1965-1969)

Esquecido em um depósito¹⁸ junto com outros diversos documentos na Escola Estadual Instituto de Educação “Matilde Margon Vaz” estava um caderno, com folhas numeradas, intitulado: “Ocorrência de Professôres¹⁹ de Alunos”.

Figura 11: Capa e termo de abertura do livro de “Ocorrência de Professores e Alunos”



Fonte: Arquivo NEPEDUCA – “Ocorrência de Professôres e Alunos”

Inferimos que este documento é correspondente ao Livro de Ocorrências Escolares, que

constitui-se de um instrumento institucional utilizado na escola, em sua acepção, para registrar os acontecimentos que prejudicam o seu funcionamento, no que diz respeito as condutas dos alunos. Em sua origem era denominado como o “Livro Negro” ou “Livro Preto” devido ao caráter punitivo e ao temor dos estudantes em ter o nome anotado em suas páginas e das consequências disciplinares. (NASCENTE; LUIZ; FONSECA, 2015, p.03)

Segundo Nascente, Luiz e Fonseca (2015, p.03) por não haver uma regulamentação específica referente aos Livros de Ocorrência, os mesmos podem conter

¹⁸ O Livro “Ocorrência de Professôres a Alunos” foi encontrado durante a visita ao arquivo escolar, realizado na Escola Estadual Instituto de Educação “Matilde Margon Vaz”, no dia 01 de setembro de 2016.

¹⁹ Optamos por manter a ortografia original do termo “Professôres”, com o acento circunflexo, conforme consta no documento.

registros “carregados de valores culturais e representam aspectos da própria prática pedagógica da escola”. Quanto a autoria dos registros estes autores afirmam que:

[...] as ocorrências quase sempre são anotadas pelo diretor, entretanto de acordo com a organização de cada unidade escolar, coordenadores, professores e inspetores também podem ser autores dos registros no Livro (NASCENTE; LUIZ; FONSECA, 2015, p.03).

Almeida e Simões (2005, p.156) relacionam o “Livro Preto” como um dos “documentos oficiais” da escola, destinado ao registro de ocorrências disciplinares. Na pesquisa de Almeida e Simões (2005, p.157) foram verificados registros de ocorrências referentes a relação professor-aluno, regras estabelecidas pela escola, relação aluno-aluno, convocação/comparecimento de pais, relação aluno-patrimônio escolar e relação alunos-funcionários administrativos. As tais “ocorrências” registram em detalhes fatos e acontecimentos relativos a indisciplina, incivilidade e violência (ALMEIDA; SIMÕES, 2005, p.161).

Os Livros de Ocorrência são considerados, portanto, “como instrumentos de normalização e disciplinamento escolar” (FONSECA; SALLES; SILVA, 2014, p.35) e ainda hoje “continua sendo utilizado como instrumento de controle e proteção da escola” (NASCENTE; LUIZ; FONSECA, 2015, p.01):

Neste início do século XXI esta prática ainda vigora, ou seja, os Livros de Ocorrências ainda são utilizados na maioria das escolas públicas em todo o território nacional; porém sua utilização parece ter sofrido mudanças quanto aos objetivos iniciais que supostamente teriam prescrito os registros. Em alguns estados os registros constam como um procedimento previsto no regimento escolar como condição para aplicação das normas disciplinares. Desta forma, parece ser uma definição de cada unidade escolar a implementação desses registros, tendo-se instituído como prática, na maioria dessas unidades, os chamados Livros de Ocorrências. (FONSECA; SALLES; SILVA, 2014, p.37)

Entendemos então o termo “ocorrência” como todo fato ocorrido no cotidiano escolar considerado pelo diretor/coordenador/inspetor como importante, digno de ser comunicado: “a relevância do conteúdo registrado nestes materiais nos ajuda a compreender o sentido destas comunicações” (NASCENTE; LUIZ; FONSECA, 2015, p.05).

Apesar de constar no termo de abertura a assinatura da sua primeira diretora, não sabemos afirmar ao certo a autoria dos registros no Livro de Ocorrência de Professores e Alunos do Grupo de Aplicação. Não nos parece um temido “Livro Negro”. O mesmo

apresenta-se a nós como uma rica narrativa, uma espécie de diário ou relatório mensal de atividades ocorridas nas organizações internas do Grupo, que nos revelam curiosidades sobre o cotidiano da escola.

Conforme registrado em abril de 1965 no referido Livro de Ocorrência, o Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores de Emergência de Catalão contava com cinco classes: Pré, 1^a, 2^a, 3^a, 4^a séries.

Listamos os nomes das professoras do Grupo na forma e na ordem em que aparecem registrados no Livro de Ocorrência, nos anos de 1965 a 1969

Quadro 3 – Nomes de Professoras do Grupo de Aplicação que constam no Livro de Ocorrência (1965-1969)

ANO	NOMES DE PROFESSORAS
1965	Regina Costa Netto, Márcia S. Fayad, Maria do Rosário P. Borges, Vânia Elcy Lucas, Edna C. Paranhos, Wilma Borges.
1966	-
1967	Jamile, Fátima, Suleima, Sílvia, R. Costa, R. Netto, Célia.
1968	Jamile, Sílvia, Suleima, Edna, Clarice, Fátima, H. Angélica, Silá, Iolanda, Célia.
1969	Sílvia, Suely, Ana Jorge, Jamile, Ana Maria, Ana Borges, Fátima, Clarice, Sebastiana, Suleima, Valdeci, S. Aparecida, Edna.

Fonte: Arquivo NEPEDUCA – “Ocorrência de Professôres e Alunos”

Listamos os nomes dessas professoras com o intuito de identificar e dar destaque a sua atuação nos primeiros anos de funcionamento da instituição, considerando que:

[...] na organização da escola e nas relações dessa com a comunidade, o corpo docente constitui um grupo social que influencia os modos de gestão, que orienta as tomadas de decisões e de participação na vida social da escola e, que define a construção de sua identidade e de seus valores (PESSANHA, 2013, p.233).

Acreditamos que não somente os professores são os responsáveis na construção da biografia da instituição. Reconhecemos que toda a equipe administrativa e demais funcionários, como os próprios alunos e pais de alunos compõe o cenário institucional e o entrecruzamento dessas perspectivas podem enriquecer a narrativa sobre a instituição em questão.

Mas, aqui estamos colocando em cena a perspectiva das professoras, e como através da sua atuação deram forma a relações sociais que contribuíam para a visibilidade e reconhecimento dessa instituição, sua exemplaridade, mesmo fora dos muros da escola (PESSANHA, 2013).

Nesse sentido, afirma Sanfelice (2007, p.78), que: “Nenhuma instituição manifesta sua identidade plena apenas no interior dos seus muros, por isso é

fundamental olhar para o seu entorno”. Por meio de diversas atividades, o Grupo de Aplicação esteve conectado ao contexto do Centro de Formação e sociedade catalana à época.

Elaboramos um quadro demonstrativo dos itens recorrentes nos registros do Livro de Ocorrência ao longo dos anos de 1965 a 1969²⁰

Quadro 4 – Registros sobre as Ocorrência de Professôres e Alunos (1965-1969)

1965	1967	1968	1969
Atividades de Classe		Poesias	
1) Hora de histórias – Histórias Lidas e Contadas	Poesias	Cantos	
	Estórias	Estórias	Poesias
2) Comemorações Cívicas	Cantos	Desenhos	Cantos
	Desenhos	Aulas de Demonstração	Estórias
3) Excursões	Aulas de Demonstração	Unidade de Trabalho	Desenhos
Instituições Escolares	Pinturas e Modelagem	Visitas	Aulas de Demonstração
1) Cantina	Excursões	Excursões	Unidade de Trabalho
2) Biblioteca Escolar	Alunos Socorridos (nomes)	Alunos Socorridos (nomes)	Excursões
3) Clube de Saúde (ocorrências)	Desenhos e Modelagens	Entrevistas	Entrevistas
4) Clube Agrícola	Entrevistas	Palestras	Palestras
5) Jornal	Palestras	Filmes	Comemorações
Visitas Recebidas	Comemorações da Escola	Pinturas	Visitas
Poesias	Visitas	Colagens	Alunos Socorridos (nomes)
Reuniões de Professôras	Unidades de Trabalho	Comemorações	Filmes
	Filmes	Mosaico	Jornal de Classe
Atividades Técnicas	Jornal de Classe	Jogos	Aulas Práticas
Entrevista	Aulas Práticas	Aulas Práticas	
Palestras com Outras Pessoas		Pequenos Trabalhos	

Fonte: Arquivo NEPEDUCA – “Ocorrência de Professôres e Alunos”

²⁰ Não constam no Livro de Ocorrência registros referentes ao ano de 1966.

Dentre os itens listados, elegemos cinco, os quais se repetem nos registros de todos os anos: comemorações, excursões, visitas recebidas, entrevistas e palestras.

Quadro 5 – Comemorações – “Ocorrência de Professôres e Alunos” (1965-1969)

ANO	MÊS	COMEMORAÇÃO
1965	Abril	Tiradentes – Descobrimento do Brasil – Brasília
	Maio	Homenagem às Mães
1967	Abril	Dia do Índio – Tiradentes – Descobrimento do Brasil – Aniversário de Brasília
	Maio	Dia das Mães
	Junho	Festa Junina
	Setembro	O Dia da árvore – aniversário da Diretora Suely da Paixão
	Outubro	A semana da criança
1968	Abril	Dia do Índio – Aniversário de Brasília – Tiradentes – Descobrimento do Brasil
	Maio	Dia das mães – abolição da Escravatura
	setembro	Independência do Brasil – Dia da Árvore – Encerramento Semana da Comunidade
	outubro	A semana da Criança – Descobrimento da América – Dia do Professor
	novembro	O dia da bandeira – Proclamação da República
1969	Março	Dia da Revolução
	Abril	O dia do Índio
	Maio	Dia das Mães
	Junho	Festa de São João

Fonte: Arquivo NEPEDUCA – “Ocorrência de Professôres e Alunos”

As comemorações eram relativas a alguns feriados e datas cívicas e certamente estavam relacionadas aos conteúdos desenvolvidos nas “Unidades de Trabalho” em cada época, proposta metodológica através da qual os professores levariam as crianças a uma leitura da realidade através do método científico, proposta que evidencia os princípios escolanovistas (HONÓRIO FILHO, 2010, p.142-144).

Embora situado num momento histórico de repressão, de um governo rígido, fechado, antidemocrático, a realidade do C. F. P. P. e do Grupo de Aplicação nesse contexto, representam especificidades, como o fato da instituição ter sido contemplada com uma assistência didático-pedagógica diferenciada, uma boa remuneração aos professores e uma abundância de material didático. As referências mais recorrentes à questão do militarismo são a imposição do civismo e a própria postura da diretora que teve a fama de “brava” e “severa”. (CAMPOS; HONÓRIO FILHO, 2006)

No mês de setembro do ano de 1967, dentre as comemorações do mês, está registrado o aniversário da Diretora Suely da Paixão.

Figura 12: Diretora Suely da Paixão



Fonte: Arquivo NEPEDUCA – UFG/Regional Catalão

Conhecida por comandar com “mão de ferro”, a professora Suely da Paixão foi diretora do Grupo de Aplicação no ano de 1967, e depois permaneceu na direção do Centro de Formação ao longo de 14 anos. A rigidez disciplinar foi a sua marca e isso ficou registrado no Livro Diário²¹, conforme menciona Inácio (2011, p.250-251):

A bolsista, em seus versos finais, demonstra, entre outras percepções, como era a relação com a diretora do Centro ao descrever o “olhar fulminante” que esta lhes dirigia, provavelmente quando praticavam algum ato que não era aceito como adequado a uma futura professora. A rigidez disciplinar era evidente e se fazia sentir na regularidade das atividades pedagógicas e na responsabilidade demonstrada pelos bolsistas em relação às tarefas que tinham que cumprir (INÁCIO, 2011, p.250-251).

²¹ Importante fonte documental para estudos relacionados ao Centro de Formação de Professores Primários de Catalão: “[...] suas folhas serviam de registro de observação, reclamações, exclamações, sobre o dia a dia da formação de professores, no Centro de Formação de Professores Primários de Catalão” (HONÓRIO FILHO, 2002, p.05).

Apesar de toda a fama pela imposição da rigidez disciplinar, a diretora também é lembrada por proporcionar às alunas oportunidades de festas, comemorações, visitas, passeios, viagens, excursões.

Quadro 6 – Excursões – “Ocorrência de Professôres e Alunos” (1965-1969)

ANO	MÊS	EXCURSÃO
1965	Abril	Granjinha para observação dos animais; Distrito Florestal para observação de plantas e o estudo sobre a localidade
	Maio	Pocilga e granjinha – observação de animais; Visitas as outras salas de aula; Excursão a uma fazenda. Observação das coisas do campo; Excursão a lagoa; Quintal da Escola
	Junho	A granjinha; Posto de Abastecimento de água da cidade
1967	Março	Aos banheiros e ao pátio
	Abril	Morro da Saudade; Dependência da Escola
	Maio	Pombal da Residência do Sr. Simão; Horta, jardim e pátio, Hora e pátio; Ao campo
	Junho	Ao serpentário da residência do Sr. Paulo de Lima; Marcenaria da residência do Sr. Alan, Pátio e prédios do Grupo, No pátio, na biblioteca, Pátio
	Agosto	Nos lugares mais importantes da cidade; Excursão sobre a cidade; Excursão ao saneamento; Excursão a Prefeitura; Excursão a fábrica de queijo; Excursão ao chiqueiro; Excursão ao serpentário
	Outubro	Serpentário do Paulo de Lima
	Novembro	Serpentário, Armazéns e Farmácia
1968	Março	Marca-Tempo; Horta da Escola; Pátio e Horta da Escola; Grupo – suas dependências
	Junho	A cidade: ruas, praças, avenidas e prédios principais; Ao serpentário do Sr. Célio Rodrigues
	Agosto	Estatística Local
1969	Abril	Pocilga – Casa do Sr. Sebastião
	Maio	Dependências da Escola
	Junho	Saneamento; Posto Meteorológico; Vizinhança da Escola

Fonte: Arquivo NEPEDUCA – “Ocorrência de Professôres e Alunos”

Quanto às excursões, destacamos que tanto para as alunas do Centro de Formação como também para as crianças do Grupo de Aplicação “[...] possibilitava-se o exercício da prática pedagógica de estudo e a interação com o meio através da experiência [...]” (INÁCIO, 2011, p.186).

Inácio (2011, p.186) chama atenção para esta mescla dos pressupostos escolanovistas com os princípios do tecnicismo que subsidiaram a formação das alunas do Centro de Formação: “estavam aprendendo a fazer fazendo”. Podemos observar pelas excursões registradas no Livro de Ocorrência, que o Grupo de Aplicação estava afinado com estes mesmos princípios.

Às crianças do Grupo de Aplicação eram oportunizadas experiências diversificadas, relacionadas ao conteúdo das disciplinas de Ciências e Estudos Sociais, tanto nas dependências da escola como fora dela.

O *School Bus* que conduzia as alunas do Centro de Formação às excursões e passeios também transportava os alunos do Grupo de Aplicação em suas “aulas-passeio” ou “trabalhos de campo”.

Figura 13: Alunas do Centro de Formação e o *School Bus*



Fonte: Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA – UFG/Regional Catalão.

Figura 14: O *School Bus* pelas ruas da cidade de Catalão: que batida!



Fonte: Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA – UFG/Regional Catalão.

Quadro 7 – Visitas Recebidas – “Ocorrência de Professôres e Alunos” (1965-1969)

ANO	MÊS	VISITA RECEBIDA
1965	abril	Bolsistas e Professora Letícia do Centro de Formação Dr. João Margon – Sr. Noronha – Da. Iolanda de Mendonça Vaz – Ma. R. Macarine – N. Rosa Calaça.
	maio	Pais de alunos no dia das mães
1967	abril	Dr. José Pedro – Zilda Pereira
	agosto	Marlene Aires, Frei Davi e Natividade R. Calaça
1968	maio	Irmã Margarida
	outubro	Margarida Maria de Jesus
1969	março	Funcionários da C.N.A.E. e Irmã Margarida
	abril	Irmã Margarida – Bispo Dom Gilberto Pereira Lopes – Irmãs Yolanda Mendonça – Irena – Soror – Paz.
	maio	Irmã Margarida – Normalistas de Ipameri
	junho	Irmã Margarida – Dr. Plana Sala (Representante da UNESCO no Brasil) – Norma Cunha Osório (Coordenadora Geral) – Lucy Maria (Coordenadora Estadual).

Fonte: Arquivo NEPEDUCA – “Ocorrência de Professôres e Alunos”

As crianças do Grupo de Aplicação recebiam visitas tanto de pessoas mais próximas, como por exemplo de professoras, diretoras, coordenadoras do Centro de Formação, como também de pessoas da comunidade e da sociedade catalana. Supomos que essas visitas aconteciam em caráter de inspeção, supervisão e também no sentido mais educativo, de orientação. Vejamos, por exemplo, as imagens (sem data específica) da visita da Equipe da Campanha Nacional de Alimentação Escolar, na qual Dona Wilma Barbosa fala às crianças do Grupo de Aplicação, sobre o tema “Alimentação”.

Figura 15: Visita da Equipe da C.N.A.E. aos Alunos do Grupo de Aplicação

Fonte: Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA – UFG/Regional Catalão.

Assim como as visitas, as entrevistas eram atividades realizadas com as crianças do Grupo de Aplicação, em sentido pedagógico. Grandes personalidades ou pessoas comuns da sociedade catalana, como também professoras, coordenadoras, diretoras e demais sujeitos ligados a instituição eram entrevistados sobre diferentes assuntos, temas que certamente contemplavam os conteúdos a serem trabalhados, conforme rigoroso planejamento.

Quadro 8 – Entrevistas – “Ocorrência de Professôres e Alunos” (1965-1969)

ANO	MÊS	ENTREVISTA	ASSUNTO
1965	junho	Sr. Elimar	Saneamento em Catalão
1967	abril	Suely da Paixão	Aspecto Político da Região C. Oeste / Escola
		Natividade Rosa Calaça	Escola
	maio	Maria das Dores Campos	Região C. Oeste de Goiás
		Suely da Paixão	Folclore de Goiás
		Vera Baiоче	Aspecto Histórico de Goiás
		Divina Sebastiana	Plantas
	agosto	Natividade Rosa	Escola
		Suely da Paixão	Escola
		José da Rosa Pena	Pai de uma criança sobre o que ele faz para sustentar uma família / Como sustentar uma família e as pessoas que ajudam a família
		Coracy M. Pereira	Mãe de uma criança sobre o que desempenha em casa e de que se alimentam para sobreviver / Uma mãe em seu papel no lar e de que se alimentar para viver / Com uma dona do lar e suas funções
setembro	Alberto Safatle	Funcionamento dos Correios e Telégrafos	
outubro	Clarice	As plantas	
1968	março	Berenice S. Adadd	Utilidade das plantas / Para que servem as plantas
	abril	Sr. Cornélio Ramos	Linha Férrea em GO
	maio		
	junho	Iolanda Mariano	As partes da flor
		Silá das Graças	Fotossíntese
		Maria Eleuza	Folclore Goiano
		Sebastiana Teodoro	Ensino em Goiás
	agosto	Sebastiana Aparecida	Como funciona a administração municipal
		Silá das Graças	Fruta
		Iolanda M. da Silva	Flor
1969	abril	Silá das Graças	Utilidade dos Animais

Fonte: Arquivo NEPEDUCA – “Ocorrência de Professôres e Alunos”

Acreditamos que, no mesmo sentido das visitas e entrevistas, as palestras eram momentos utilizados como estratégia pedagógica, mas, não somente. Estas atividades significavam também uma forma de manter a instituição aberta e conectada à comunidade, afinal, conforme afirma Sanfelice (2007, p.78-79):

As instituições não são recortes autônomos de uma realidade social, política, cultural, econômica e educacional. Por mais que se estude o interior de uma instituição, a explicação daquilo que se constata não está dada de forma imediata em si mesma. Mesmo admitindo que as instituições adquirem uma identidade, esta é fruto dos laços de determinações externas a elas, e como já dito, “acomodadas” dialeticamente no seu interior (SANFELICE, 2007, p.78-79).

Quadro 9 – Palestras – “Ocorrência de Professôres e Alunos” (1965-1969)

ANO	MÊS	PALESTRA	TEMA
1965	junho	Sr. Elimar	Saneamento em Catalão
1967	maio	Prof. Zilda	Norte de Goiás
		Suely da Paixão	Folclore de Goiás e Guerra do Paraguai
		Frei Davi	Páscoa
		Irmã Yolanda	Como confessar
	junho	Prof. Divina Sebastiana	Alimentação e Saúde
		Suely da Paixão e Natividade Rosa	Escola
		Prof. Ma. das Dôres Campos	Histórico de Catalão
outubro	Frei Olívio e Irmã Solange	-	
1968	março	Wilson Barbosa	Alimentação, Alimentos necessários ao organismo humano
	setembro		A comunidade
	outubro	Prof. Maria das Dores Campos	O Rio São Francisco
Dr. Paulo Faiad		Vultos Goianos	
1969	abril	Regina Costa da Silva	Brasília – Capital Federal
		Sr. Mauro	Exposição Agropecuária

Fonte: Arquivo NEPEDUCA – “Ocorrência de Professôres e Alunos”

Vale a pena ainda destacar um registro curioso, que data dos meses de maio e junho do ano de 1965, sobre as ocorrências do “Clube de Saúde”, no qual constam que crianças foram socorridas de ferimentos, tropeções, vermes, tombos, tonteiras, estômago, dor de dente, unha arrancada, corte e ferimento nas oficinas. A partir de março de 1967, constam nos registros de ocorrências referentes ao “Clube de Saúde” não mais os acontecimentos em si, mas sim o nome dos alunos que foram socorridos, listados juntamente à série e sua respectiva professora.

Outro registro que nos chama a atenção inicia-se no mês de abril do ano de 1967: filmes. Um recurso didático inovador ao qual as crianças do Grupo de Aplicação passaram a ter acesso. Certamente, um projetor de slides, que juntamente com a máquina de datilografar e o mimeógrafo, eram os recursos tecnológicos mais modernos da época.

O último registro que consta no Livro de Ocorrência data do mês de junho do ano de 1969 e é referente ao “Jornal de Classe”, outro item pouco detalhado que estamos ainda por entender melhor.

Inácio (2011, p.199) dá destaque às diversas atividades que aconteciam no contexto do Centro de Formação:

Nota-se que a realização da atividade não precisaria seguir uma metodologia rígida, os caminhos tanto para o desenvolvimento quanto para a demonstração dos resultados poderiam ser orientados por meio de: excursão, palestra, entrevista, pesquisa, observação, leitura informativa, dinâmica de grupo, discussão, estudo dirigido, além de anotações, álbuns, murais, cartas didáticas, desenhos, gráficos, recortes, colagem, dobraduras, modelagens, cantinho com pinturas. (INÁCIO, 2011, p 199)

Ao ter contato com o Livro “Ocorrência de Professores e Alunos” do Grupo de Aplicação, registradas entre os anos de 1965 e 1969, percebemos como essas diversas atividades realizadas no Centro de Formação também faziam parte do cotidiano dos professores e alunos do Grupo de Aplicação.

2.5 Considerações Parciais

Neste capítulo tivemos como objetivo identificar o Grupo de Aplicação dentro do contexto do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão e da Educação Brasileira no período estudado. A partir das fontes documentais analisadas, podemos afirmar que, apesar de se tratarem de duas instituições diferentes, a Escola Parque e o Grupo de Aplicação do C. F. P. P. C. são modelos condizentes com a proposta de Anísio Teixeira das escolas experimentais e a formação de professores que se deu conforme o padrão norte-americano, tido à época como o que havia de mais moderno em matéria de educação.

Instituições que resistem na memória dos catalanos em um tempo sobreposto. A sobrevivência simbólica da Escola Parque nos leva a pensar na complexidade de fatores envolvidos na preservação ou no esquecimento desse ideário ao longo dos anos.

Há muitas questões ainda não esclarecidas sobre estas instituições escolares em Catalão, como por exemplo a relação destas com o Patronato. O Patronato era uma espécie de “casa de acolhida de crianças desvalidas” que era mantida por benfeitores locais na década de 1950. Essas crianças da periferia da cidade de Catalão recebiam toda a assistência do Patronato e estudavam na Escola Parque. Posteriormente, com a implantação do C. F. P. P. C. no ano de 1964, as crianças do Patronato passaram a estudar no Grupo de Aplicação, que incorporou as oficinas da antiga Escola Parque.

Quanto ao perfil da instituição, podemos afirmar que sua criação foi para atender a demanda de campo de estágio: “desde sua gênese, fica explicitado que a função precípua dos colégios de demonstração estava atrelada à melhoria da formação docente (FRANGELLA, 2000, p.08).

Mas, enquanto escolas modelo pelo país recebiam alunos de classes mais abastadas, o Grupo de Aplicação do C. F. P. P. de Catalão/GO, nos seus primeiros anos de funcionamento, atendeu e acolheu alunos pobres. Também diferente de escolas modelares, escolas modelos, colégios de aplicação localizados no centro da cidade em regiões privilegiadas, o Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão estava localizado geograficamente na periferia da cidade. Conhecer o alunado é um elemento importante na reconstrução histórica e na definição do perfil institucional, que pode nos dar indicações sobre a finalidade e relevância social da instituição (SAVIANI, 2007, p.25).

Na análise documental realizada, percebemos como diversas atividades realizadas no Centro de Formação também faziam parte do cotidiano dos professores e alunos do Grupo de Aplicação. O Grupo de Aplicação então apresenta um grau de autonomia mínimo em relação ao contexto do C. F. P. P. nos seus primeiros anos de funcionamento.

Apesar dos documentos oficiais apontarem que o currículo proposto para a formação dos professores no C. F. P. P. de Catalão/GO desse ênfase às disciplinas de conteúdo, que levasse os professores a saberem com segurança o quê ensinar (INÁCIO, 2011), notamos pelas categorias em destaque do livro de “Ocorrência de Professores e Alunos” que o Grupo de Aplicação foi local de experiências e estratégias de ensino inovadoras, que mesclaram de maneira singular princípios do tecnicismo e do escolanovismo.

As questões que aqui despontam sobre o Grupo de Aplicação do C. F. P. P. e o que significou esta instituição escolar na cidade de Catalão, no sudeste goiano, e como

esta instituição se insere no contexto mais amplo da história da educação brasileira, nos levam a pensar sobre a “explicitação da tensão e do movimento contraditório entre o singular e o universal” (SANFELICE, 2009).

Considerando que:

Nada na vida de uma instituição escolar acontece, ou aconteceu, por acaso, tanto o que se perdeu ou transformou, como aquilo que permaneceu. A memória de uma instituição é, não raro, um somatório de memórias e de olhares individuais ou grupais, que contrapõem a um discurso científico. É mediando entre as memórias e o(s) arquivo(s) que o historiador entretece uma hermenêutica e um sentido para o seu trabalho e dessa dialética nasce o sentido para a história das instituições educativas (MAGALHÃES, 2004, p.155).

Afirmamos, portanto, que a história do Grupo de Aplicação do C.F.P.P. de Catalão/GO, não é uma história a ser contada de forma previsível e linear. É um desafio que nos apresenta como um “quebra-cabeças” a ser decifrado (SANFELICE, 2007, p.77).

Partimos numa próxima etapa a acrescentar novos dados produzidos: as narrativas das “alunas-professoras”. Vamos conhecer quem são as pessoas que nos ajudaram a contar a história dessa instituição. Assim, nos dedicaremos à tarefa de gerar uma nova história narrativa conjunta a partir de distintas vozes (BOLÍVAR, 2002b, p.13).

CAPÍTULO III

“[...] já não basta ser herói ou santo, mas homem de carne e osso, homem comum, atravessado por questões existenciais, psicológicas, e situado histórica e culturalmente.”
(ARAÚJO; PASSEGGI, 2013, p.144)

O movimento biográfico “se constitui, atualmente, uma das principais correntes da pesquisa qualitativa no contexto educacional” (SOUZA; PASSEGGI; VICENTINI, 2013, p.15) Presenciamos o número crescente e expressivo de pesquisas em educação que lidam com as histórias de vida e formação de professores. O que essas pesquisas têm nos mostrado é que “o que a pessoa é ou sente não pode ser isolado do exercício profissional” (BOLÍVAR, 2002, p.08).

Esse deslocamento do olhar nos ajuda a enxergar o professor como uma “pessoa total”, que sente, pensa e atua sobre o seu aperfeiçoamento profissional e o seu desenvolvimento pessoal (BOLÍVAR, 2002, p.08). Este movimento é potencializado por meio das narrativas, através das quais há oportunidade para que os professores possam falar sobre sua trajetória e ao reconstruir o seu percurso pessoal e profissional exercitem a auto-reflexão, auto-interpretação e todo um processo de atribuição de sentido à vida que Delory-Momberguer (2012) define como “biografização”.

Segundo Bolívar (2002, p.65), professores e professoras são “pessoas e profissionais cujas vidas e trabalho se modelam pelas condições internas e externas do centro educativo”. Neste terceiro capítulo, nosso objetivo é compreender a história de vida de professoras que atuaram no Grupo de Aplicação e os aspectos relacionados a sua inserção na instituição.

3.1 Narrativas Biográficas – quem são as professoras que nos ajudam a contar a história do Grupo de Aplicação do C.F.P.P.?

Não se sabe ao certo se a docência é uma profissão, um artesanato, um trabalho, uma arte ou seja lá o que for.
(BOLÍVAR, 2002a, p.89)

Partindo das considerações de Bolívar (2002a) é que compreendemos a narrativa como um processo reflexivo que dá sentido à experiência pessoal. Assim, narrar não é apenas contar, e sim pensar, sentir e atuar.

É nesse sentido que tomamos as narrativas das professoras colaboradoras com a pesquisa. As narrativas biográficas nos possibilitam conhecer quem são essas

professoras, conhecer como elas são conhecidas, numa versão que nos leva a vislumbrar, através das suas histórias de vida, a história da instituição escolar, a qual dedicaram parte da sua existência.

Mas, por que estas e não outras professoras? Um dos critérios para a escolha das participantes da pesquisa foi o tempo de atuação na instituição. Procuramos professoras que atuaram desde os primeiros anos de funcionamento do Grupo de Aplicação, na década de 1960. Professoras que se dedicaram às atividades na época das primeiras mudanças na identificação da instituição (de Grupo Escolar para Escola Estadual de 1º Grau) na década de 1970, e por fim, professoras que acompanharam o período de fechamento do Centro de Formação já na década de 1980, bem como a mudança definitiva do Grupo de Aplicação do C.F.P.P. com a criação do Instituto de Educação.

Algumas das professoras consultadas sobre o interesse em nos ajudar a contar a história dessa instituição, optaram por não colaborar, indicando professoras que na sua avaliação “saberiam mais” e “teriam mais a dizer” sobre o assunto. Sabemos que o fato de fazer essa opção tem muito significado, considerando que o silêncio vale tanto quanto as palavras ditas. Respeitando esta decisão, procuramos outras professoras que se dispuseram a colaborar, concordando inclusive em serem identificadas.

As nossas entrevistas aconteceram no local que consideramos mais apropriado para o estímulo às memórias das professoras, que foi a Unidade Acadêmica Especial Educação, da UFG/Regional Catalão. A presença do Professor Orientador foi fundamental para a profundidade das entrevistas, tendo em vista sua ampla experiência no trabalho com a Pesquisa (Auto)Biográfica.

Os temas abordados na entrevista foram: vida privada (ano de nascimento, situação familiar, memórias da infância, pessoas que marcaram essa fase da vida); percurso educativo (escolarização inicial, a escola, as aulas, os professores); o Magistério (a escolha pelo magistério, lembranças do Curso de Magistério no C.F.P.P., o contexto histórico da Ditadura Militar); o Grupo de Aplicação (a criação da instituição, pessoas com as quais conviveu no tempo de atuação na instituição, aspectos relacionados a sua inserção na instituição, condições de trabalho e remuneração, a rotina da instituição, o fechamento da instituição, o significado da instituição na sua carreira/vida, o sentimento ao falar do assunto); depois da atuação do Grupo de Aplicação (a continuidade da atuação profissional e estudos).

Após as duas primeiras entrevistas realizadas no ano de dois mil e dezesseis, acrescentamos ao roteiro os temas: documentos (planos de ensino, planos de aula,

relatórios de inspeção, qual destino teve a documentação da instituição); o Livro de Ocorrências (quem fazia os registros, o que poderia ser dito sobre os itens registrados); quadro de diretoras (quem foram as pessoas que assumiram a direção do Grupo de Aplicação entre os anos de 1964 e 1983); questões políticas que interferiram na criação, funcionamento e fechamento da instituição.

Este movimento da pesquisa evidencia que as entrevistas, como conversas, seguem caminhos próprios, assim está claro no conceito de “entrevista/conversa”:

Na pesquisa narrativa (auto)biográfica, a entrevista/conversa consiste em um momento significativo de construção das fontes, por meio da *palavra dada e da escuta*. [...] Nesse sentido, a pesquisa é desenvolvida com número reduzido de participantes, já que não há objetivo de generalizar, mas de buscar sentidos do círculo hermenêutico que possam inspirar reflexões sobre o tema proposto. Não procuramos nas conversas com as professoras respostas a questionamentos prévios, procuramos suas histórias, pois essas podem fertilizar novas práticas formativas [...], já que carregam experiências e saberes potentes. Dessa forma, entendemos que a relação entre a palavra dada e a escuta sinaliza que a palavra não é mais de quem fala; ao se dar coloca-se em um círculo virtuoso, capaz de gerar novas interpretações, uma história que assim se abre. (BRAGANÇA; PEREZ, 2016, p.1170)

Além da alteração do roteiro proposto inicialmente, recorreremos ainda, nos dois últimos encontros, a documentos e imagens como dispositivos narrativos, que tiveram o efeito de estímulo e suporte para as memórias das professoras.

As narrativas de si dessas professoras nos mostram como desenvolvimento profissional é indissociável da trajetória biográfica. E sobre a sua atuação na instituição escolar em questão: são as suas histórias de vida moldadas ou determinadas pela história desta instituição escolar ou suas escolhas e sua atuação é que definiram os rumos e o sentido dessa história?

Quadro 10: Resumo com as principais informações sobre as professoras colaboradoras com a pesquisa.

Nome	Como ficou conhecida	Ano de Nascimento	Ano em que cursou o Magistério no C.F.P.P. / Idade que iniciou o Curso	Tempo de atuação na instituição	Atuação no Grupo de Aplicação do C.F.P.P.	Memórias da escolarização inicial	Memórias do C.F.P.P.	Professor Referência
Elza Pires dos Santos da Paixão	A Sargentona	1956	1974 / 17-18 anos	2 anos	Estagiária Professora Demonstradora	Internato - Escola Doméstica - Instituto Teresa Valsé - Uberlândia/MG	Excursões, passeios, viagens; ida em Brasília: desfile de 7 de setembro.	Irmã Izabel
Edma Pires dos Santos	A má	1950	1972 / 21-22 anos	7 anos	Estagiária Professora Demonstradora Coordenadora	Os colegas de escola em Ouvidor/GO - filho de prefeito, de ex-prefeito, do dono da farmácia da cidade, do dono da padaria, do dono do cartório.	Rígida disciplina; os veículos (o Ônibus, a Kombi e a Rural).	Professor Braz
Suleima André Nicoletti	A Su	1947	1965 / 17-18 anos	18 anos	Estagiária Professora Demonstradora Coordenadora Diretora	Não tinha condições de estudar fora. Pelo desejo do pai não daria prosseguimento aos estudos e sim à preparação para o casamento.	Os diferentes métodos de alfabetização; os desfiles cívicos em comemoração ao aniversário da cidade de Catalão; o Departamento de Estudos Sociais; a Biblioteca.	Professoras orientadoras do C.F.P.P.
Sebastiana Divina de Oliveira	A menina da idade	1951	1969 / 17-18 anos	14 anos (após a mudança da Instituição até a aposentadoria)	Estagiária Professora Demonstradora	O incentivo dos avós para os estudos.	Rotina intensa de trabalho; o apoio dos professores das Oficinas; as festas e comemorações.	Dona Suely

Fonte: Elaborado a partir das entrevistas/conversas.

3.1.1 ELZA PIRES – “A Sargentona”

Figura 16: Professora Elza



Fonte: Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA.

Nos encontramos com a professora Elza no dia nove de setembro do ano de dois mil e dezesseis. Nossa conversa aconteceu numa tarde de sexta-feira, no LAMUL – Laboratório de Multimeios (Sala 203 – Centro Integrado de Pesquisa – UFG/Regional Catalão).

A professora não parecia muito à vontade com a situação e iniciou, formalmente, a sua fala, contando sobre o seu nascimento, no ano de 1956, na região de Ouvidor, e relatando a sua posição na família: a filha do meio entre três irmãos mais velhos e três mais novos. Seis irmãs e apenas um irmão.

Sobre sua escolarização inicial, a professora Elza destaca a figura da sua professora alfabetizadora²² e o papel dos pais em relação às primeiras iniciativas para os estudos, antes mesmo da ida para a escola:

[...] iniciei meus estudos em Ouvidor, eu fiz o primeiro... a primeira série né, antigamente, a alfabetização, em Ouvidor com uma professora chamada Dirce, e... apesar de mamãe e papai ter só quarta série primária nos idos antigos, né... eles eram... é... muitos desenvolvidos. Então a gente entrava com sete anos na escola, mas a gente já entrava alfabetizado e sabendo as quatro operações. Então, a gente sempre teve facilidade, porque a gente já entrava sabendo mais do que a maioria dos alunos que entravam. Aí eu fiz a primeira série lá em Ouvidor e da transferência do papai pra Monte Carmelo eu terminei até a quarta série lá em Monte Carmelo (PAIXÃO, 2016, p.01).

Outra questão aparece na narrativa da professora Elza que marca a escolarização inicial: a profissão do pai. Sendo ferroviário, além da situação financeira da família que

²² Dirce Cândida Jorge – professora alfabetizadora no Grupo Escolar Dr. Pedro Ludovico Teixeira em Ouvidor/GO. (JACOB, 2016)

não era tão favorável, havia a necessidade de mudar-se, de tempos em tempos, conforme às exigências da Rede Ferroviária, fatores que interferiram de forma direta nas condições de escolarização dos filhos.

Quando indagada sobre uma figura que marcou a sua escolarização nos anos iniciais, a professora Elza menciona Sônia Cardoso, sua professora na cidade de Monte Carmelo/MG: “[...] ela me chamava atenção... ela era assim, muito chique, muito bonita... pra mim, assim, quando eu crescesse eu queria ser igualzinha a ela!” (PAIXÃO, 2016, p.02).

Houve uma grande mudança de vida para a professora Elza quando da conclusão dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Aos doze anos, foi enviada para um internato em Uberlândia/MG, uma instituição de referência na cidade, onde cursou da quinta até a oitava série, na condição de bolsista:

[...] eu fui estudar no internato, no Colégio das Irmãs Salesianas em Uberlândia, Instituto Teresa Valsé, na época era Colégio Teresa Valsé, depois é que passou a ser Instituto. Não era propriamente um internato, chamava-se Escola Doméstica, que a gente trabalhava em um período e no outro período a gente estudava no próprio Colégio. A gente trabalhava para pagar alimentação, moradia e o estudo, o próprio estudo (PAIXÃO, 2016, p.01).

A professora Elza afirma que era uma aluna que tinha muita facilidade, sempre tirava notas boas, era tímida e estudiosa. Não se considerava muito inteligente, e sim muito esforçada. Apesar desse perfil de boa aluna, afirma que não se identificava com a profissão de professora:

[...] nunca tinha passado pela minha cabeça ser professora. De forma alguma! Minha irmã mais velha era professora e eu via as dificuldades que ela tinha... Nunca! Era a última profissão que eu queria. Eu me via em qualquer outra profissão, menos professora. [...] Eu queria ser... secretária, trabalhar na secretaria, como quando eu morei lá no Colégio, eu auxiliava a Irmã na secretaria... adorava o serviço burocrático... aquele serviço lá de datilografar naquelas máquinas antigas... isso eu gostava. (PAIXÃO, 2016, p.02)

O relato da professora Elza retrata uma realidade da escola naquele contexto no qual o professor representava uma figura autoritária e distante do aluno. A rigidez das ordens e regras que foram vivenciadas enquanto aluna projetaram essa visão de escola e de professor: “[...] tinha que obedecer e pronto! Né?! [...] Tinha regras que eram pra ser seguidas e eram seguidas. A minha visão de escola era essa. E não era isso que eu queria para mim” (PAIXÃO, 2016, p.02).

Ao concluir a oitava série, na época o ginásial, a professora Elza retorna para a família, em Ouvidor/GO, e se depara com mais dificuldades para prosseguir nos estudos subsequentes:

[...] Eu teria que vir de... tinha o ônibus que saía do Paraíso, uma fazenda chamada São Miguel, passava pegando os alunos, passava em Ouvidor e vinha para Catalão trazer os alunos pra estudar. Mas, nessa época, um irmão de meu pai tinha morrido e o papai tinha pego os quatro sobrinhos para cuidar. Então, além dos sete filhos, tinha os quatro sobrinhos, ele e mamãe, éramos treze pessoas na casa e só ele trabalhava. Então, não tinha condições financeiras dele pagar ônibus para eu vir estudar todos os dias, e não era só eu, tinha os outros também. Então, o quê que se resolveu? Eu ia parar de estudar por ali. (PAIXÃO, 2016, p.02)

Aos dezessete anos, diante da possibilidade de ter que interromper os estudos, a professora Elza inicia o curso de Magistério no Centro de Formação de Professores Primários de Catalão, na condição de aluna ouvinte, por intermédio da irmã mais velha que já estava atuando na referida instituição. Aos dezoito anos, mediante a apresentação do título de eleitor, é que a matrícula no Curso foi efetuada.

Isso foi ano de setenta e quatro. Aí, eu fiz o curso aqui, a gente era... igual eu te disse... tinha as regras e a gente tinha que seguir as regras, e aqui principalmente! Suely da Paixão era uma excelente diretora, fazia um belo serviço, mas era mão de ferro! As direções dela, ou seguia ou seguia... não tinha como sair desse... desse mundo dela lá. E tinha também uma pessoa, que a gente dava o apelido carinhoso de bedel, que era responsável pela disciplina, né... que verificava a sua postura no refeitório, seu comportamento no dormitório, dez horas luz apagada e todo mundo deitado, não podia ficar mais transitando pelos corredores, né... os meninos que tinham no curso era num local bem separado também, muito vigiado, para não misturar no noturno... Era... era muito rígido, uma disciplina muito rígida, mas uma riqueza muito grande, culturalmente falando. (PAIXÃO, 2016, p.02-03)

Mesmo sem ter o desejo de ser professora, as circunstâncias conduziram a professora Elza por esse caminho. As memórias da aluna que teve uma escolarização anterior extremamente rígida, especialmente na época do internato, somam-se então às vivências no contexto do Centro de Formação, que foram marcadas também por uma disciplina severa. A professora Elza recorda os tempos de aluna bolsista que residia no Centro de Formação e a mudança na rotina, quando a família se muda novamente para a cidade de Catalão:

[...] eu morei aqui só um determinado tempo, que aí papai resolveu mudar de Ouvidor para cá, porque já tinha duas irmãs minhas que estavam trabalhando, né, uma no Grupo e a outra de lá, e eu

estudando. Aí, papai resolveu mudar para cá. Aí a gente ficava em casa e vinha todos os dias na jardineira que buscava a gente. [...] Ela veio escrito “*School Bus*”, mas chegou aqui eles pintaram e tirou o “*School Bus*”. Então ela teve três cores dentro de um ano... ela veio amarela escrita “*School Bus*”, pintaram de verde, que a gente chamava de “melancia”, e depois pintou de branco, que a gente chamava “pombinha branca”. Então, tinha os pontos na cidade, a gente morava ali na praça Duque de Caxias, onde que é a feira dia de domingo. Eles pegavam a gente ali, nós três lá de casa e a gente vinha, ficava o dia inteiro e ia embora (PAIXÃO, 2016, p.03).

O excesso de planejamento e organização são enfatizados pela professora na sua narrativa sobre o Centro de Formação como pontos positivos. Um detalhe da rotina que a professora menciona como negativo é em relação à alimentação: “[...] Única coisa difícil que eu achava era o lanche, que tinha mingau com ovo e eu odiava, mas tinha que... era obrigado a comer... tinha que pôr no prato e comer, se não, passava fome, ficava com fome, né!” (PAIXÃO, 2016, p.03).

Outra memória citada como marcante da época de aluna no C.F.P.P. é referente aos cursos extras que foram realizados no mesmo período do Magistério. A professora declara um certo encantamento e admiração ao se deparar com a dura realidade de uma professora na zona rural:

[...] a gente tinha um punhado de cursos durante é... o dito curso de dez meses de curso do Magistério, né. Mas, o que mais me chamou atenção foi o chamado Mestre Único [...] E uma vez eu fui, nesse curso de Mestre Único. Nós fomos numa escola na zona rural de São Domingos e tinha uma professora lá que eu fiquei assim, encantada... porque ela escrevia com carvão nas paredes, não tinha giz para escrever no quadro. E, ela fazia as contas com os alunos... ela apanhava as folhas de bananeira, aquelas folhas mais novas, cortava quadradinhos e os alunos faziam as contas matemáticas, os problemas, naquela folha de bananeira... e alfabetizava os alunos escrevendo naquelas folhas de bananeira! [...] Ah eu achei uma criatividade enorme! De dar conta... de dar conta de fazer assim... alfabetizar cinco, seis alunos, atender o de primeira, de segunda, de terceira o de quarta... tinha aluno de quinta, de sexta, de sétima, as vezes um aluno só... eu achava assim o máximo... uma pessoa polivalente, né! E as dificuldades... ranchinho de folha, cozinha fogão a lenha e ganhava uma miséria... e dava conta, né. E hoje em dia, a gente com todas as facilidades e tá difícil do jeito que está... (PAIXÃO, 2016, p.08)

Em vários momentos da sua narrativa, a professora Elza ressalta que ser professora não foi uma escolha direta e sim uma consequência de circunstâncias diversas que lhe encaminharam para tal carreira:

[...] eu não queria ser professora, eu vim porque se eu não viesse eu ia ficar sem estudar, né. Aí, por uma sorte do destino, por um esforço meu... eu consegui tirar primeiro lugar no curso, que minha média foi a maior média, então eu fui convidada a fazer meu estágio no Grupo de Aplicação. (PAIXÃO, 2016, p.04)

Antes, uma aluna do Centro de Formação. Agora uma “aluna-professora”, cumprindo o seu estágio no Grupo de Aplicação. Em seguida, uma Professora Demonstradora do Grupo de Aplicação. As atribuições e responsabilidades vão se alterando e delineando um perfil de atuação ao longo do tempo de inserção na instituição:

O Grupo de Aplicação era o seguinte... quem se saísse bem no Curso era convidado, se não tivesse locação já, era convidado a... mas você tinha que ter uma média razoável pra ser convidado. [...] Aí era escolhida uma coordenadora para te acompanhar nesse estágio. Ela vinha com você no período de planejamento e depois vinha assistir as suas aulas, não eram todas as aulas, ela vinha sem avisar, qualquer hora. [...] E por causa de eu ter me saído bem tanto no Curso como nas primeiras aulas que eu dei aqui eu fui escolhida também para dar aula de demonstração para as alunas que faziam o Curso no ano de setenta e cinco. Então, a gente planejava tudo, e naquele horário daquela aula, a professora de didática trazia as alunas, elas ficavam lá sentadas assistindo a aula [...] (PAIXÃO, 2016, p.05)

Figura 17: Uma aula de demonstração no Grupo de Aplicação do C.F.P.P.



Fonte: Acervo “Sueley da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA

Nos relatos sobre o Grupo de Aplicação, o destaque é para assistência didático-pedagógica considerada diferenciada, uma boa remuneração aos professores e uma abundância de material didático, realidade muito diferente quando comparada a situação de outras instituições escolares públicas da cidade de Catalão naquele contexto.

Ao ser questionada sobre como era visto o contexto histórico do período em que esteve no C.F.P.P. em pleno auge de perseguições políticas na Ditadura Militar, a professora responde:

Eu acho que era visto muito bem... que a Suely devia amar o Regime Militar, porque ela era!... Ela era do Regime Militar! Olha, eu não sei te falar assim... socialmente falando, era bom a gente sair, não tinha perigo, você podia sair tranquilo, bandido não misturava, bandido era separado da população, né. Agora, quanto as perseguições, as prisões políticas, esse tipo de coisa, a gente não tinha acesso a esse tipo de coisa, você não via televisão, você não tinha tempo de escutar rádio, então a gente era um pouco alienado dessas coisas. Sabe... a gente era um pouco alienado dessas coisas... (PAIXÃO, 2016, p.16),

Houveram tentativas de investigação a respeito da repercussão do período da Ditadura Militar no contexto do C.F.P.P. (CAMPOS; HONÓRIO FILHO, 2006), mas esta é uma questão que as professoras evitam relatar. As referências mais recorrentes à questão do militarismo são a imposição do civismo e a própria postura da diretora que teve a fama de “brava” e “severa”. Dentre as lembranças relativas a esse período, a professora Elza menciona que, na sua percepção, existia um certo alheamento das alunas a respeito do que se passava do lado de fora da instituição, tanto em função do excesso de atividades que as absorviam, como também por interesse da direção em manter esse perfil gerencial de controle. Nas palavras da professora Elza:

[...] a gente que morava aqui, a gente era muito alienada dessas notícias do lado de fora... a gente sabia que era sete de setembro, que a gente seguia o calendário... e todo ano a Suely levava uma turma lá em Brasília para ver o desfile de sete de setembro, inclusive a primeira vez que eu fui em Brasília foi desse jeito, com ela, mas assim, vigiado... galinha com os pintinhos... não podia sair de perto dali de jeito nenhum! Levava, levava na Torre, levava no Catetinho, o que mais...? Na Catedral... esses passeios turísticos normais, a gente ia em tudo. (PAIXÃO, 2016, p.19)

Figura 18: 7 de setembro em Brasília – as irmãs Edma e Elza com a turma do C.F.P.P.



Fonte: Álbum “1975-1976” – Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA.

A rotina e a rígida disciplina, as atividades culturais, viagens, excursões, aulas, cursos e demais vivências consideradas formadoras no C.F.P.P. e no Grupo de Aplicação certamente contribuíram para a constituição da docência, tanto que ao longo da nossa conversa, em diferentes momentos, a professora afirma:

O bom do Centro de Formação e do estágio no Grupo de Aplicação é que quem queria ser professora aprendia a ser professora, agora, quem não queria... era bem complicado... a rotina era massacrante, não era fácil não. Você tinha que se esforçar muito para atingir os padrões da Suely da Paixão. Porque o Grupo de Aplicação tinha uma outra diretora que não era a Suely, mas quem ditava as cartas era ela mesma. (PAIXÃO, 2016, p.05-06)

[...] o bom de trabalhar aqui é que quem trabalhava aqui, as vezes podia até não gostar, mas saía preparado. Preparado saía. Se não fizesse direito o Centro era porque não queria, não queria mesmo, porque preparado e sabendo o que fazer, saía (PAIXÃO, 2016, p.14).

Mas, houve outro fator determinante para que a professora Elza assumisse como definitiva a carreira docente: sua saída do C.F.P.P. e o retorno ao Instituto Teresa Valsé como professora alfabetizadora. Na narrativa da professora Elza, sobre o seu retorno a esta instituição, fica explícito que foram estabelecidos laços afetivos mais significativos:

[...] eu amava o Colégio... amava! Para mim era o meu lugar. [...] O Colégio lá era o meu ambiente. Eu amava trabalhar lá. [...] o próprio ambiente da escola mesmo... a vivência das Irmãs ali... entendeu... assim, as amizades... que eu sempre tive muita dificuldade de me relacionar com as pessoas, assim, de primeira, sabe?!... Então, você tinha mais afinidade com uma Irmã, com uma outra Irmã... e tinha uma Irmã Izabel lá, que nem foi minha professora, mas, nós duas estudávamos francês... nós fizemos cinco anos de francês... a gente tirava todos os dias meia horinha, vinte minutinhos para sentar e conversar em francês... a gente lia livros e comentava em francês, inclusive o primeiro foi O Pequeno Príncipe, né... [...] E o estilo de trabalho deles lá, eu gostava muito. (PAIXÃO, p.07-08)

A professora Elza atribui mais valor à sua prática de docência do que às atividades de aluna no Centro de Formação, considerando que o gosto pela profissão foi despertado mais adiante no seu processo formativo. Quando questionada de forma direta sobre o que definiu a carreira e o que lhe ensinou a ser professora, ela afirma:

A minha primeira turma de pré-escolar alfabetização em setenta e seis lá no Instituto Teresa Valsé. [...] Porque eu me apaixonei pelas crianças... [...] eu via criança que não sabia pegar no lápis começar a ler, eu falei... é aqui o meu lugar! É isso aqui que eu quero fazer. Aí... a partir daí... sempre tudo que eu fiz foi com dificuldade, mas, bem feito. (PAIXÃO, 2016, p.09).

Foram onze anos de atuação no Instituto Teresa Valsé, tempo oportuno para o Curso Superior. A professora Elza cursou Letras na Universidade Federal de Uberlândia. Retornou para Catalão, no ano de mil novecentos e oitenta e cinco, aprovada em Concurso Público Estadual. Além da sua atuação na Rede Estadual de Ensino do Governo do Estado de Goiás, a professora Elza relatou breves experiências na Rede Municipal e ainda em escolas privadas na cidade de Catalão.

Outro momento da carreira muito valorizado pela professora Elza foram os seus anos de atuação em cargos administrativos, de secretaria e direção, no Colégio Estadual “Anice Cecílio Pedreiro”, local onde se consolidou a imagem de professora, como ficou conhecida, instituição na qual permaneceu por vinte e seis anos, até a sua aposentadoria.

[...] Eu acho assim... que a minha parte de aluna foi uma obrigação e a minha parte de docência já foi, eu não vou dizer vocação não, mas já foi mais uma habilidade, sabe... era uma habilidade. Eu tinha muita facilidade para ser professora. Carrasca! “Sargentona”! Inclusive meu apelido lá quando eu fui diretora... “Gente, a Sargentona vem aí ó...” porque meu marido é policial né... aí... “Oh... a Sargentona vem aí ó...” (PAIXÃO, 2016, p.10)

Na medida em que foi cobrada e exigida ao longo da vida escolar, cobrou e exigiu. Levou adiante a austeridade do pai, a severidade das professoras da Escola Doméstica e a rigidez disciplinar do Centro de Formação. Poderíamos dizer que da forma como aprendeu, ensinou?

Exercendo os papéis de aluna no C.F.P.P., “aluna-professora” estagiando no Grupo de Aplicação e ainda como Professora Demonstradora no Grupo de Aplicação, transcorreram-se aproximadamente dois anos na carreira e na vida da professora Elza. Um tempo que pode ser considerado relativamente curto, mas que deixou suas marcas indeléveis.

3.1.2 EDMA PIRES – “A má”

Figura 19: Professora Edma



Fonte: Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA.

O encontro com a professora Edma aconteceu numa sexta-feira, dia dezesseis de setembro do ano de dois mil e dezesseis, no LAMUL – Laboratório de Mídias (Sala 203 - Centro Integrado de Pesquisa - UFG/Regional Catalão).

Muito comunicativa e expressiva, a professora Edma demonstrou muita satisfação em compartilhar suas memórias sobre o Centro de Formação e o Grupo de Aplicação. O espaço para as perguntas ficou reduzido diante da riqueza de detalhes e descrições minuciosas dos eventos narrados pela professora.

Nascida em 1950, na cidade de Catalão, a filha mais velha do Sr. Antônio Renato e da Sra. Antônia, mais conhecidos como Seu Cuiabano e Dona Zizinha. Sobre a família numerosa, relata: “Sete. Seis mulheres e um homem. Bom, sete irmãos assim de pai e mãe, porque tinha os irmãos de criação, mais quatro, né, primos-irmãos e irmãs, irmãos de criação, mais quatro. Quer dizer, então foi uma latada de onze, né... e só dois meninos” (PIRES, 2016, p.01).

Ainda sobre o contexto familiar, a professora Edma fala sobre a profissão dos pais e como conseguiam manter tantos filhos com tão poucos recursos:

Meu pai era ferroviário. [...] E minha mãe dona de casa, a dona de casa de tudo né, porque fazia-se doce, sabão, tudo em casa né. Pensando bem, até que a despesa do meu pai não era tão grande não né, porque minha mãe fazia metade das coisas de quase tudo que se comia. Aí se criava os porcos, as galinhas, tinha os ovos, tinha não sei o quê... Ah, e além disso, a minha mãe era parteira. Ela deve ter sido parteira por uns vinte e cinco anos... cada família com três filhos, porque a maioria era com mais de três filhos, um era levado para ser, para ela ser madrinha, né, era ela levada para batizá-los. E aí é aquela questão da relação “cumpadi-cumadi”, era uma ganhação de presente menina! Leite, queijo, ovo, carne, frango, bolo, biscoito, mandioca,

abóbora, essas coisas mais... que na época era... não era chique, mas era chamado fartura, né, tinha a vontade. Então, a gente nunca, apesar desse tanto de gente, a gente nunca teve dificuldades assim em alimentação. (PIRES, 2016, p.01)

Sobre a escolaridade dos pais, a professora Edma não soube precisar, mas considerou que, mesmo não tendo ido muito adiante nos estudos, a leitura e a escrita faziam parte do cotidiano, especialmente do pai em função da profissão.

Oh, eles... meu pai tinha a letra até simpática, mas eu acho que a minha mãe foi até a terceira série e meu pai até quarta, não sei... Parece que ele teve que estudar depois que entrou na Rede, fazer uns cursinhos, umas coisas assim, não era chamado cursinho na época, teve umas aulinhas lá, uns reforços lá, porque tinha que saber assinar o nome dele, tinha que saber preencher uns relatórios, que ele foi... teve uma época que ele era aquele que trabalhava nos trilhos mesmo, cuidando dos trilhos ali da manutenção, os dormentes, a linha, a limpeza do trem, ali para o trem passar... mas teve uma época que ele foi transferido que ele foi trabalhar dentro de estação mesmo né, então tinha que saber mexer com telégrafo né, e escrever mensagens, fazer tipo uns boletins, que fazia relatório de trem de carga, que passava o horário... (PIRES, 2016, p.01-02)

A professora Edma recorda as brincadeiras da infância: desenhar no chão com carvão, esconder, queimada com bola de meia, casinha, “bordadinhos” em folha de bananeira. As letras também estavam nas brincadeiras, mesmo antes de ir para a escola:

[...] eu devia ter em torno de cinco ou seis anos [...] fazia uma coisa redondinha, falava que era letra e fazia mais um risquinho, uma cruzinha, falava que era mensagem... não, não era mensagem a palavra... uma carta, naquela época era carta. Que, parece que de vez em quando, minha mãe recebia uma carta da minha avó, das tias, não sei... eu não lembro é quem lia, se era minha mãe ou se era meu pai para nós. (PIRES, 2016, p.02)

Na cidade de Ouvidor, no Grupo Escolar “Dácio Amorim Fonseca”, a professora Edma iniciou os estudos e nessa instituição escolar permaneceu até o quinto ano: “Aquele quinto ano que você faz o ano inteiro, aquele livro de admissão, dessa grossura!” (PIRES, 2016, p.03).

A família muda-se para a cidade de Monte Carmelo/MG, por motivo de trabalho do pai. Nessas circunstâncias, na condição de irmã mais velha, a professora Edma deixa os estudos para se dedicar a outras ocupações. Aos quinze anos trabalha como babá e a aos dezessete anos vai trabalhar numa fábrica de macarrão.

Parei de estudar, porque na escola que tinha perto de nós lá na cidade, do lado de cá dos trilhos, onde a gente podia ir, só tinha até o quinto ano também [...] E eu trabalhava demais, o dia inteiro. Ficava cansada! [...] Lá em Monte Carmelo, só tinha o Colégio das Freiras que era pago. Como é que pagava para quatro filhas e três sobrinhas para estudar? Não dava conta! (PIRES, 2016, p.03-04)

A narrativa sobre o Concurso para Professor do Estado de Goiás:

[...] quando eu vim completar vinte... vinte anos em janeiro [...] uma amiga minha, a Fátima Amorim... Maria de Fátima Amorim, lá de Ouvidor, que já era professora, passou uma coisa para o meu pai, lá na estação, lá em Monte Carmelo, falando para eu vim de manhã no trem, que era o último prazo de fazer a inscrição para professor do Estado, que eu falava que eu queria ser professora do Estado. Aí, lá vai eu... *tic tic tic*... de trem... que delícia andar de trem...! Perto, né... porque, longe... dá uma canseira... aquele banco ruim... Porque, assim... se meu pai tivesse de férias, a gente andava no trem totalmente de graça, se ele não tivesse de férias, pagava cinquenta por cento. E se ele não tivesse de férias, a gente andava naquele trem de banco de madeira, se ele tivesse de férias, a passagem era integral, a gente andava naquele carro que os bancos eram estofados, tinha até... eu lembro desses detalhes... é muito bom! Aí eu vim, fiquei na casa da Dona Dina [...] aí fui fazer a inscrição lá no Rita Bretas, lá onde é o Corpo de Bombeiros hoje, você lembra da escola que tinha ali? O concurso foi ali, num domingo. Aí fiz. Fiz, mas falei... ah... não passei nada! Embora para Monte Carmelo de novo, trabalhar. [...] Ah! Foram três meses me avisaram que eu tinha passado! (PIRES, 2016, p.04-05)

Com a aprovação no concurso, a região escolhida para atuação foi Ouvidor, mas como não havia vagas, a professora Edma foi lotada na zona rural. Ela descreve a rotina e as dificuldades que enfrentava:

Eu morava na fazenda e lecionava lá. Eu almoçava as nove. Começava a aula às dez horas, porque tinha que dar um prazo para os meninos que morava longe vir, época de chuva então, né! E tinha que terminar a aula três horas para eles ir embora de dia para casa, porque tinha chuva, tinha enchente, enchia rio, enchia córrego, enchia tudo né, pros meninos atravessar... então o meu horário era das nove às três (PIRES, 2016, p.05).

Quando questionada sobre como se preparou para assumir esse desafio de ser professora na zona rural, a profa. Edma recua um pouco na memória:

Quando a gente morou a primeira vez em Ouvidor, tinha uma professora da zona rural que adoeceu e eu trabalhei no lugar dela cinco meses, né. [...] eu tinha dezesseis anos na época. Aí essa professora de lá, Maria da Luz, ela me dava o caderno dela para eu estudar, e eu fui falando... gente, mas eu sei fazer plano melhor que esse, eu ainda vou ser professora, gente, mas eu tô gostando! E eu era

danada de brava, eu impunha ordem, eu fazia os meninos ficar quieto, mas aquilo também era uma beleza, mandar eles ficar quieto! Menino, mas eu levei essa fama longe... de professora brava... até hoje ainda encontro e me perguntam... “fessora, a senhora ainda é brava daquele tanto?” Não sou mais não... E a minha irmã mais nova era muito mais brava do que eu [...] e eu é que fiquei com a fama, menino! (PIRES, 2016, p.06)

Atuando como professora na zona rural de Ouvidor, com pouca idade e experiência, a professora Edma, para deixar a condição de “professora leiga”, precisava cursar o Magistério, mas antes disso era necessário concluir os estudos no ginásial. Ela nos conta como foram os seus primeiros contatos com o Centro de Formação de Professores Primários de Catalão:

[...] nas férias do ano de setenta e um eu vim para cá, para o Centro de Formação de Professores Primários de Catalão, que ainda era isso, chamada para fazer o tal de madureza ginásial, que eu tinha que completar de sexta série a oitava série... para aí depois eu entrar para o Magistério. Como é que eu vinha para o Centro de Formação, fazer o Normal, o Magistério, sem fazer isso?! [...] A gente vinha janeiro e fevereiro, porque as aulas sempre começavam em março, vinha julho e depois vinha dezembro, janeiro de novo e fevereiro, para gente fazer. E os nossos estudos eram validados lá no coisa de Goiânia... lá no Liceu de Goiânia... meu diploma de ensino fundamental é do Liceu, bem! É... nunca fui, nem conheço, não sei aonde que é! É uns trem tão engraçado, que acontece na vida da gente...! (PIRES, 2016, p.06)

Após concluir o ciclo de estudos referentes ao período de sexta a oitava série em regime de aceleração, veio a época de aluna do Curso de Magistério no C.F.P.P. que durou de fevereiro a dezembro do ano de mil novecentos e setenta e dois. As lembranças citadas pela professora Edma desse período são relativas à rígida disciplina no estilo militar e à subversão de determinadas alunas a este regime, como os casos de desobediências e fugas que ocorreram. Outras boas lembranças são as festas, bailes, passeios e o burburinho que corria na cidade sobre a “mulherada bonita do C.F.P.P.”: “[...] quando saía aquele ônibus cheio de mulher na rua, gente, parava o trânsito! O *Blue Bird*, que era amarelinho!” (PIRES, 2016, p.10).

Sobre a sua atuação no Grupo de Aplicação, a professora Edma relata o período de “aluna-professora”, no qual cumpriu as observações e aulas de demonstração como estagiária e que após a conclusão do Curso de Magistério, veio imediatamente o convite/indicação para ser professora no Centro de Formação:

Aí... nós chegamos aqui... no primeiro dia que ela fez reunião, ela falou... oh vocês, a partir de hoje, vocês vão trabalhar dois períodos. Quatro horas para o Estado, que são vinte horas semanais e vinte e cinco horas pelo CENTREFOR, que era a verba que vinha do MEC, que era o dobro do valor do Estado. Quem é que não queria? Mesmo tendo passado tudo o que você passou e agora você vai ser... como diz o outro... a... você vai lançar... primeiro você foi subordinada, agora você vai subordinar os outros. Aí, aí... entrou no meu elemento! (PIRES, 2016, p.10)

Houve outro momento mencionado de atuação no Grupo de Aplicação: ao retornar de uma licença prêmio, após um ano de afastamento, a professora Edma exerceu a função de Coordenadora Pedagógica, na época Supervisora Pedagógica ou Professora Orientadora das bolsistas que cumpriam o estágio no Grupo de Aplicação.

Uma questão muito enfatizada pela professora sobre os anos de atuação no Centro de Formação e no Grupo de aplicação é quanto a avaliação pessoal. Em momentos diferentes na nossa conversa a professora menciona essa questão, tanto em relação ao seu papel de professora como também sua época de aluna:

E toda vez que eu fui avaliada tinha uma ficha... uma chamada ficha individual... durante o ano que eu fui aluna, toda vez que eu fui avaliada, sinceramente, honestamente... não é batendo papo não... o único tópico que eu fui chamada atenção era só ter mais paciência com as pessoas que tinha mais... que era mais lento... que tinha um pouquinho mais de dificuldade... não, que era mais burrinho mesmo. Toda vez! (PIRES, 2016, p.10)

[...] desde o tom da sua voz até a roupa que você vestia... a sua linguagem oral, a sua linguagem corporal... nas disciplinas, as suas habilidades, atitudes, comportamento no refeitório... seu interesse, sua iniciativa, sua criatividade... tudo! A parte afetiva, psicomotora e cognitiva. (PIRES, 2016, p.16)

Segundo a professora Edma, a questão da avaliação pessoal era levada ao extremo, ao ponto da observação e vigilância constantes, em todos os aspectos, por parte das coordenadoras, supervisoras e, especialmente da diretora:

Eu... eu vou falar uma coisa para vocês... eu poderia chamá-la um Hitler, mas um Hitler que realmente prepara bem um profissional da educação. Então, diria que é um Hitler assim... oitenta por cento só de coisas negativas, em compensação os vinte por cento... era coisa negativa demais! Porque era... gente, chegava doer! Ao ponto de você estar esperando a carta do seu parente e a carta daquele amado seu, com uma morte do seu avô e você não poder chorar, cara! Você tá ali com uma pessoa em cima de você te avaliando... (PIRES, 2016, p.14)

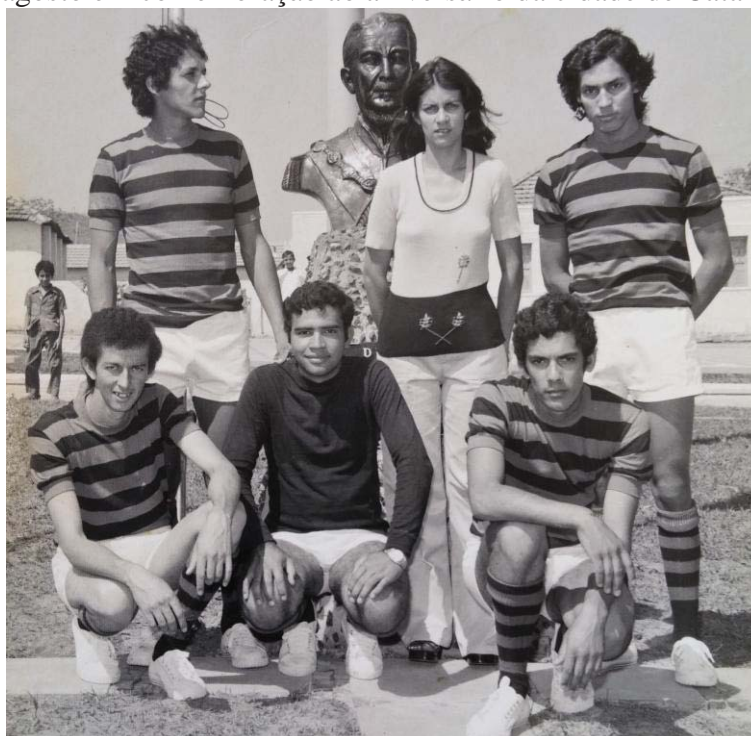
Foram aproximadamente sete anos de atuação na instituição, exercendo os papéis de aluna no C.F.P.P., “aluna-professora” estagiando no Grupo de Aplicação, um breve período de Coordenação no Grupo de Aplicação e ainda a função de Professora do Centro de Formação: “[...] Eu participei de tudo aqui dentro do Centro de Formação, tanto como aluna como professora” (PIRES, 2016, p.16).

Figura 20: A professora Edma com as crianças do Grupo de Aplicação do C.F.P.P.



Fonte: Álbum “1975-1976” - Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA.

Figura 21: Professora Edma acompanha o time de Futebol do C.F.P.P. no desfile de 20 de agosto em comemoração ao aniversário da cidade de Catalão/GO.



Fonte: Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA.

A professora Edma faz uma reflexão sobre o próprio percurso de formação, recuperando as suas fases de atuação ao longo da vida profissional:

[...] eu acho que a minha vida profissional, e quase oitenta por cento, isso foi quase que um paralelo, minha vida profissional tornou-se minha vida pessoal, teve três... três etapas. Essa que eu fui para roça igual você perguntou... preparada? com quem você aprendeu? Que foi tudo no chute, no carão... que aí eu descobri que eu era ousada, eu não era muito medrosa e que eu... eu estava interessada e eu ia aprender. E lá eu fiz o que eu pude de acordo com os recursos que eu tinha. Lá eles me deram dois quadrinhos, desse tamanho assim... e giz acabava na metade do mês e eu fazia a história da mandioquinha, eu ia pro papelão, com as caixas, pedia pros meninos trazer de casa, a gente fazia no papelão, e eu comprava uns pincéis aqueles quadrados, aqueles grossos, com meu dinheiro mesmo e eu fazia com aqueles papéis de embrulho os cartazes e pra mim não tinha isso... e outra coisa, não sei se você sabe, se você já conheceu de perto alguma experiência na zona rural... você não é só professora. Você passa a ser a rezadeira, a tiradeira de terço, você passa a ser a leitora de bíblia, você passa a ser a anotadeira de leilão nas festas, você passa a ser... porque você é a única que sabe ler e escrever realmente ali naquela região, né. E você passa ser uma figura assim, você deixa de ter vida própria... você não pode namorar, você não pode beijar, você não pode agarrar, você não pode amassar, porque você é eternamente vigiada! Além daquele fiscal que vai todo mês saber se você tá dando aula mesmo, né... que leva lá sua frequência pra prefeitura. (PIRES, 2016, p.06-07)

[...] a minha primeira fase profissional foi essa, de você ir na cara dura, sem saber nada, e fazer assim... hoje e logo depois eu comecei a acreditar que eu estava fazendo certo, porque eu fiquei assim, famosa na região. Depois me chamava para ir contar o quê que eu fazia na minha escola pra professoras de outras fazendas, sabe... reunia lá na escola lá em Ouvidor para eu contar pra eles como é que eu fazia, qual o material que eu usava, quer dizer... só reclamavam assim... “mas, você pode deixar de ser tão brava”. Mas, você já pensou se eu não fosse brava?! Porque tinha uns meninos assim, custoso... tinha uns menininhos custoso... que levantava a saíha das meninas, corria atrás das meninas, queria dar beijinho, naquela época já, gente! Então eu assim... aí depois quando eu vim para o Centro de Formação. Quando eu cheguei aqui no Centro de Formação foi o seguinte... cinco por cento de cem por cento que eu fazia lá eu vi que eu estava fazendo certo. Cinco por cento, hein! Para quem foi para lá sem saber nada... na época eu aceitei conformada. Depois, quando foi passando o tempo que eu vi... mudava a nomenclatura, mudava os apelidos, mudava o material, mas o objetivo e a intenção era a mesma... não era cinco por cento nada! Dou uns vinte por cento para mim! Toda vida fui meio convencida... eu acho que eu posso, sou capaz e se eu não souber eu aprendo! (PIRES, 2016, p.07)

Aí começa a segunda fase. Aí eu vi o seguinte, quando eu fui fazer o... quando eu estava fazendo o curso, eu era aluna, eu pensava... gente... a

gente... eu fui totalmente errada em achar que os meus meninos podia aprender só aquilo. Eu podia ir muito mais! Aquele negócio de... depois que eu cheguei na faculdade que eu fui entender daquele negócio de nivelar por baixo... que pobre, sempre, tudo o que você ensinar, tá bom... se ele aprender pouco, o pouco que aprendeu, tá bom, né. Depois eu fui vendo... gente, depende só do professor, uai! Não tem aluno burro, tem professor ruim, você entendeu?! Aí, quando eu vim ser aluna no Centro de Formação, eu falei... gente, é aqui que eu posso dar o melhor de mim! Eu tenho que ser melhor professora do que eu fui dos meus alunos... melhor deles para depois eles também ser melhor do que eu fui lá na fazenda. (PIRES, 2016, p.10)

Nessa segunda etapa da vida profissional, a professora Edma acredita que tem a oportunidade de preparar os seus alunos no Centro de Formação para serem professores melhores do ela foi, para fazerem melhor do ela considera ter feito. Encerrando sua reflexão sobre esta fase, a professora Edma afirma: “Aí, a terceira etapa da minha vida profissional eu diria que eu vim completar na faculdade. Veja bem... [...] Eu fiz Letras.” (PIRES, 2016, p.18).

Iniciou o Curso de Letras na cidade de Araguari/MG e então passa a enfrentar uma rotina de viagens diárias e outras dificuldades para uma mulher/mãe/professora:

Lá eu estava assim ainda em dúvida porque era o primeiro ano... era muito difícil, a gente saía de tarde... tinha dia que não dava tempo de você jantar, outro dia você tinha que fazer a opção ou jantar ou tomar banho, mas, como é que você trabalhava o dia inteiro e ia suado para voltar uma hora da manhã...? Eu chegava e meus meninos já estavam dormindo... no outro dia eu levantava cedo, eles estudavam era de tarde, saía para o Colégio e eles estavam dormindo ainda... eu não via meus filhos! (PIRES, 2016, p.19)

No segundo ano de curso surge a oportunidade de integrar a Primeira Turma de Letras que se inicia em Catalão, na UFG. A professora Edma nos apresenta, dentre as melhores recordações dessa época, a figura de um professor que considera ser uma referência²³:

[...] o Braz foi o meu professor de Linguística I, Linguística II, Estilística, não sei o quê... ele era nosso professor, todo ano! Ele era minha paixão! Ele não escrevia... o que ele escrevia no quadro a gente não dava conta de ler... você só acompanhava as explicações dele... [...] é o cara que eu mais aprendi! Não aprendi conteúdo quase, muito... tanto que eu gostaria... mas eu aprendi a ser professora! O jeito dele tratar a gente! Ele tratava a gente com humanidade! (PIRES, 2016, p.20)

²³ Professor Braz José Coelho, um “intelectual no interior de Goiás-Brasil”, conforme Honório Filho (2009).

Depois da sua saída do Centro de Formação, a professora Edma teve a oportunidade de atuar em escolas da Rede Privada e também da Rede Municipal de Ensino de Catalão. Ela nos relatou ainda as questões políticas locais que foram determinantes no seu processo de aposentadoria.

Na época do Centro de Formação, Edma teve uma colega chamada Edna e uma das professoras fazia uma brincadeira, para não se confundir com os nomes: “Edma... é a má.” Será mesmo isso... ou seria “má”, fazendo jus a sua fama de brava? Isso a professora Edma não nos contou.

3.1.3 SULEIMA – “A Su”

Figura 22: Professora Suleima



Fonte: Álbum “1971” – Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA.

No dia vinte e quatro de março de dois mil e dezessete, uma tarde de sexta-feira, a professora Suleima chegou na Sala do Mestrado (Sala 4, Bloco H, Unidade Acadêmica Especial Educação/RC/UFG) pronta para proferir uma palestra: portava um roteiro manuscrito, no qual constavam os tópicos sobre os quais gostaria de falar.

Concordamos em seguir o roteiro proposto pela professora e caso algumas questões do nosso interesse não fossem comentadas, faríamos a intervenção considerada necessária.

Nascida no ano de 1947, na cidade de Catalão, época em que a máxima expectativa para uma mulher em termos profissionais, era a profissão de professora, a professora Suleima nos conta que essa não era a perspectiva que os pais lhe projetaram:

Você já sabe o meu nome e eu quero falar sobre a minha escolha profissional, tá?! Nos anos de mil... na década de sessenta, lá pelos anos de mil novecentos e sessenta e cinco, eu com dezessete anos, eu não tive opção de escolher, é... outra coisa nessa cidade a não ser fazer o Magistério. Por que uma moça naquela época... primeiro porque os meus pais não tinham condições de me mandar para fora e existia Magistério no Colégio Mãe de Deus, mas era particular. E apareceu o Centro de Formação e, por minha iniciativa, eu me matriculei no curso. Meu pai relutou um pouco, porque ele achava que não precisava estudar mais, que eu deveria era me preparar para o casamento. (NICOLETTI, 2017, p.01)

Ao escolher fazer o Curso de Magistério no C.F.P.P., a professora Suleima não imaginava o nível de exigência e a intensa rotina de estudos e trabalho que a aguardava. Mas, apesar das dificuldades, ela recorda tudo como uma experiência muito positiva:

Eu resolvi então fazer o Magistério aqui... e ser professora...? Vamos ver o quê que dá... vamos ver se eu vou gostar ou não! E gostei! Magistério... eu fiz o Magistério em dez meses, o curso foi intensivo, a gente vinha de manhã para cá, almoçava... tinha aula de manhã, a

tarde, voltava para casa para dormir. E a noite, muitas noites, tinha atividades aqui, muitas atividades. E a gente tinha que participar, a carga horária era muito pesada. Depois que eu terminei o Magistério eu fui imediatamente convidada a trabalhar no Grupo de Aplicação, que é o foco do nosso assunto aqui, muito nova. (NICOLETTI, 2017, p.01-02)

A professora Suleima, com apenas dezoito anos, inicia sua carreira como professora no Grupo de Aplicação. A partir de então, ela diz “abraçar” a profissão, procurando aproveitar todas as oportunidades que surgiram para o investimento na carreira: estudos adicionais, cursos de reciclagem e, posteriormente, a Licenciatura Curta. Segundo a professora Suleima, a Licenciatura Curta em Estudos Sociais foi um curso “volante”, que veio de Goiânia para Catalão, e suas atividades aconteciam em recessos escolares e finais de semana (NICOLETTI, 2017, p.02).

Mais adiante, já depois de casada, também não abriu mão de cursar a Licenciatura Plena em Geografia. A professora Suleima relata a sina de mulher/mãe/professora e a dificuldade em conciliar a dedicação aos estudos, ao trabalho e à família:

[...] eu comecei a trabalhar e aí... a alfabetizar fazendo reciclagem, mas logo que surgiu a oportunidade de fazer um curso superior, que Licenciatura Curta é um curso superior, e veio até nós, eu ingressei. Foi muito bom, porque naquela época era OSPB, Moral e Cívica, Geografia, História... tudo junto né os Estudos Sociais. Muito bom! Logo surgiu a oportunidade da gente ir pra Araguari fazer a Licenciatura Plena e eu optei por Geografia. Eu levei meus créditos da Licenciatura Curta e fiz Geografia na FAF, trabalhando aqui o dia todo. Dificílimo! Casei, com filhos... muito dedicada ao trabalho, sacrifiquei demais a minha família, sabe?! Eu acho que eu falhei, muito. Eu me dediquei muito mais ao trabalho do que a família. Hoje, minhas filhas são professoras... “Não! Primeiro a casa, primeiro os filhos! Não, não vai trabalhar mais, chega! Tá bom assim”. Porque eu acho que eu perdi muito, assim, em termos de família. (NICOLETTI, 2017, p.02)

Um ponto muito valorizado na narrativa da professora Suleima sobre os seus tempos de atuação no Grupo de Aplicação é em relação às condições de trabalho e remuneração:

Como é que nós sobrevivíamos? Eu tinha o Estado que me pagava para dar aula, mas eu tinha uma gratificação que você mencionou. A UNESCO e a UNICEF não deixavam faltar absolutamente nada! Eu ganhava mais desse fundo internacional do que do Estado, muito mais. Então, a gente tinha um apoio financeiro, uma remuneração, que estimulava a gente, certo?!... a fazer um trabalho legal, a agradar, a fazer tudo certinho! [...] eu posso te falar que eu consegui muita coisa

na minha vida. Por que com o salário que um professor ganha hoje ele mal sobrevive... mal sobrevive! Mas, eu emprestava meu dinheirinho, nossa! Eu emprestava meu dinheirinho, mais tarde eu comprei meu carrinho... casei, meu pai não me deu um guardanapo para o enxoval, para minha festa! Casei independente e dois anos depois meu marido e eu já tínhamos a nossa casa para morar, certo?! Então, eu acho que foi legal, valeu a pena. Não só como satisfação profissional, mas também em termos de satisfação material, de receber algo que compensava, que estimulava o meu trabalho. (NICOLETTI, 2017, p.04)

Sobre o momento histórico, a professora Suleima destaca: “[...] nós estávamos na Ditadura. Triste, né... período da Ditadura... Ditadura Militar... e a escola a todo vapor! Tanto o Centro de Formação como o Grupo” (NICOLETTI, 2017, p.03).

[...] eu era professora de Estudos Sociais! Eu levava meus alunos para hastear a bandeira, arriar a bandeira, cantar o Hino Nacional... e nós vivíamos o período da Ditadura! E eles enalteciam as coisas da Pátria! Bandeira, escudo, hinos... certo?! Então, isso aí era sagrado! Tinha o local para hastear a bandeira, o local para guardar, dobrar a bandeira e guardar, era uma coisa santa a bandeira, sabe?! A posição, tudo bonitinho, tudo certinho! E não era só arriar... lia uma biografia, fazia uma dramatização nesse momento. [...] (NICOLETTI, 2017, p.05)

Além das exigências quanto ao comportamento, que eram impostas a todos que conviviam na instituição, havia ainda o peso da avaliação pessoal, que parecia ser ainda maior quando se tratava das professoras e da sua imagem a zelar:

A aparência pessoal era avaliada! Seu cabelo, suas roupas, seu calçado, suas mãos... aparência pessoal era muito importante! Tanto é que quando uma professora chegava com o cabelo arrumadinho, com prendedor, com um brochezinho... oh, tá tão bonita! A gente sempre chamava atenção, para estimular o professor para vir arrumadinho para escola. Não exigia coisas valiosas não, mas que você tivesse uma aparência legal. Era muito importante essas avaliações! (NICOLETTI, 2017, p.07)

Dos dezoito anos de atuação na instituição, um ano foi destinado ao cargo de diretora do Grupo de Aplicação. Quando questionada sobre o motivo de ter permanecido tão pouco tempo na função, a professora Suleima responde falando sobre a influência exercida pela diretora sobre as professoras, assim suas decisões eram inquestionáveis. Diante da necessidade de uma professora no Departamento de Estudos Sociais do C.F.P.P., a professora Suleima deixa sua função de professora no Grupo de Aplicação. Assim, passa a exercer também o papel de Professora Orientadora das alunas bolsistas que faziam o estágio no Grupo (NICOLETTI, 2017, p.17).

Ao ser indagada sobre por que razões Catalão foi escolhida para acolher o Centro de Formação e o Grupo de Aplicação, a professora Suleima inicia sua reflexão citando um trecho do Hino da cidade:

Catalão, Atenas de Goiás! Não sei não se foi motivo político que eles instalaram esse Centro de Formação em Catalão... e é um polo também né... mas, eu não sei... falar que é polo... polo do sudeste, bem na divisa de Minas... tinha que ser mais no meio de Goiás! Para atender, para não haver equidistância... agora, puseram aqui... eu não sei, deve ter alguma razão política, sabe...eu acho. Quer dizer, nós ganhamos com isso! A cidade ganhou, a população ganhou... eu ganhei! Mas, se é ponto estratégico, em termos de geografia, para atender professores leigos... na divisa com Minas?! E vinha alunos de Tocantinópolis, Araguaína, do atual estado de Tocantins... porque o estado do Tocantins foi em mil novecentos e oitenta e oito que separou do estado de Goiás, com a Constituição de mil novecentos e oitenta e oito... Vinha aluno... já veio aluno de Imperatriz! Imperatriz, no Maranhão... veio aluno de Imperatriz! [...] E elas chegavam e ficavam loucas para ver a estrada de ferro! Que lá não tem estrada de ferro... Então, não vinha só alunos de Goiás... Vinha alunos também do Nordeste, de Minas... que eu me lembro bem. Mas, eu acho que os Centros, os Grupos de Aplicação, eles contribuíram demais pra melhorar a Educação no Estado de Goiás... melhoraram muito, porque, quando eu vou... eu trabalhei em vários colégios... ah, a Fulana tá aqui, boa! Saiu do Centro de Formação! Lá do Centro de Formação... é lá do Centro de Formação! Então você vê que o Centro fez um nome, mudou o conceito de Educação em Goiás para melhor... para melhor! (NICOLETTI, 2017, p.18)

Nessa reflexão, a professora Suleima expressa como a singularidade da realidade dessa instituição em Catalão se conecta com um contexto maior, no Estado de Goiás e no país. Se Catalão não tivesse sido contemplada anteriormente pela Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, haveria condições, em termos de infraestrutura, para comportar uma instituição do porte do C.F.P.P.? Mesmo não sendo o ponto mais estratégicos, em termos de localização geográfica, em relação ao restante do estado (que na época ainda era maior que hoje) o C.F.P.P. em Catalão recebeu alunos de diversas regiões, como destacado pela professora Suleima, o que contribuiu para mudar os rumos da educação no interior do país.

Como percebemos ao longo da narrativa da professora Suleima, as memórias sobre o C.F.P.P. e sobre o Grupo de Aplicação se apresentam mescladas. Os relatos sobre estas instituições são histórias entremeadas num mesmo tempo e espaço.

Ao observar algumas fotos dos Álbuns do Acervo “Suely da Paixão”, as imagens se tornam um suporte para as memórias, a partir das quais a professora Suleima recorda alguns momentos e nos descreve situações, com riqueza de detalhes.

Figura 23: Decoração Natalina no C.F.P.P.

Fonte: Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA.

Isso aqui ó... foi tudo eu que fiz ó... árvore de Natal de prato de papelão de servir em festa... decorei os pratinhos e montei a árvore! Aqui o caule... lá no refeitório... o caule aqui ó... e aqui os pratinhos, fui montando até fazer a árvore! A gente tinha muita liberdade para... criar! Bastava sonhar! Ai... eu tô pensando numa árvore assim... “vai lá e fala para o Seu Orlando o jeito que você quer, vai lá e fala pro Seu Juca o jeito que você quer...” tudo! (NICOLETTI, 2017, p.20)

Em tempos de repressão, de um governo rígido, fechado, antidemocrático, num contexto institucional de constante vigilância, de extrema cobrança e autoritarismo, como poderia haver tanta “liberdade para criar”? Não parece uma contradição essa instituição ter proporcionado condições e oportunidades para que essas “alunas-professoras” enriquecessem extremamente o seu repertório cultural? E, para qual realidade estavam sendo treinadas e preparadas? Em que instituição escolar, que não fosse o Grupo de Aplicação, elas “bastariam sonhar”, que o projeto idealizado seria concretizado?

Os relatos de outras professoras, como também o da professora Suleima, indicam haver no Centro de Formação e no Grupo de Aplicação uma abundância de material didático-pedagógico e recursos diversos, que configuram como que uma “realidade suspensa” em relação ao restante do cenário educacional: “Pra cidade, as coisas do Centro de Formação era tudo novidade! Tudo assim, sabe... irreal! A cidade

não tinha experiência, contato, com as coisas que o Centro fazia, ou exhibia, ou mostrava. Era tudo novidade!” (NICOLETTI, 2017, p.21).

Ainda sobre as Comemorações Natalinas, a professora Suleima rememora a cantata, o jogral e as encenações sobre a noite de Natal. Mais uma vez, entra em cena o trabalho dos professores das oficinas, executando os projetos idealizados pelas “alunas-professoras”:

Figura 24: Comemoração Natalina no C.F.P.P.



Fonte: Álbum “Turma 73 -” – Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA.

Cantávamos... jogral... fazíamos jogral... tinha um jogral de fim de ano que eu não me esqueço! Fazia a árvore de Natal de seres humanos de bata... bata? Não, não é bata não... como é que chama? Nós enrolávamos os lençóis no corpo e deixava mola manca... [...] Uma túnica... e formava... fazia o... o Seu Juca fazia pra gente a prateleira, a escada, fazendo a árvore... Aí fazia a árvore de Natal, cantando músicas natalinas e encenação de Nossa Senhora, São José e o menino Jesus. E aquelas músicas natalinas cada uma para um momento, contando a história todinha da noite de Natal... sabe... o nascimento de Jesus... eu não me esqueço! (NICOLETTI, 2017, p.21)

Dentre os fatos inesquecíveis, a professora Suleima não poderia deixar de mencionar o ônibus: “Nós tínhamos o *School Bus*! Um ônibus amarelo lá dos Estados Unidos. (NICOLETTI, 2017, p.05) Ao rever a imagem do ônibus, a professora Suleima

fica emocionada: “Oh o *School Bus*! Ah que legal! Duro, rústico... mas, resistente! Quantos anos servimos disso daí...” (NICOLETTI, 2017, p.21)

Por fim, destacamos a narrativa da professora Suleima sobre a continuidade da sua carreira docente, após sua atuação no Grupo de Aplicação e no Centro de Formação:

Olha, o Grupo e o Centro de Formação, me absorveu até o ano de mil novecentos e oitenta e três. [...] Aí eu fui prestar serviço em outras Escolas Estaduais da cidade. Então, eu trabalhei aqui no Grupo, fui professora, Coordenadora do Centro de Formação, teve um ano que eu fiquei na Coordenação também. Lá no Centro de Formação eu trabalhava com... trabalhei com Estudos Sociais, depois acabaram os Estudos Sociais e eu comecei a trabalhar com Geografia. Aí eu fui para a Escola Paroquial, quando o Centro acabou, eu fui para a Escola Paroquial. Trabalhei no Cursinho Israel Macedo... fui professora de Cartografia da Faculdade de... Estadual de Pires do Rio, de Cartografia durante três anos. Fui professora no Ensino Médio do Paralelo, não sei se você se lembra do Paralelo... do Anchieta... do Anglo... e do Universitário onde eu aposentei... não, eu aposentei no Anglo e continuei trabalhando aposentada no Universitário. Ora eu dava Geografia, ora eu dava História... que eu não sei... eu não sei falar de Geografia sem falar de História... Não sei falar de História sem falar em Geografia (NICOLETTI, 2017, p.02-03).

As colegas “alunas-professoras” se referem carinhosamente à professora Suleima como a “Su”. Muitas ex-professoras que foram procuradas por nós e não aceitaram o convite para participar da pesquisa afirmaram ser a “Su” a “melhor pessoa” para falar no assunto, aquela que “sabe de tudo” sobre o Grupo de Aplicação e o C.F.P.P..

3.1.4 SEBASTIANA DIVINA – “A menina da idade”

Figura 25: Professora Sebastiana



Fonte: Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA.

Numa tarde de quarta-feira, dia três de maio de dois mil e dezessete, aconteceu o encontro com a professora Sebastiana, em sua casa. O combinado foi uma caminhada até a Universidade, para a nossa conversa.

No trajeto da sua casa até chegar ao LAMUL – Laboratório de Multimeios (Sala 203 – Centro Integrado de Pesquisa – UFG/Regional Catalão), a professora Sebastiana foi indicando prédios e relatando como estavam distribuídos os espaços na época do Grupo de Aplicação e do Centro de Formação.

A residência da diretora (Bloco D), os dormitórios (Bloco C), o refeitório (Salão de Dança), as oficinas (Bloco E), a diretoria e as salas de aula do Grupo de Aplicação (Blocos H e I), o refeitório do Grupo de Aplicação (Bloco F), o local onde existiram as moradias de alguns funcionários (Jardim), etc.²⁴ Não é mais possível transitar nesses espaços sem enxergar as histórias e memórias que estão impregnadas neles.

A professora Sebastiana demonstrou um certo desconforto em gravar o áudio da nossa conversa. Esclareceu alguns assuntos que gostaria de evitar, e já muito emocionada, começou a sua narrativa, relatando sobre o seu nascimento em Catalão, no ano de 1951 e dando destaque à figura dos avós que cumpriram um papel primordial na sua infância:

[...] dos dois anos aos treze anos eu gosto sempre que eu vou falar nesse período, dizer que esse período foi uma sustentação para minha vida toda! [...] então, o que eu vivi, tudo o que eu for passar na minha vida se eu lembrar desse tempo, foi um suporte! Parece que eu sinto tanto assim a presença de Deus ajudando a gente, né... qualquer coisa, se eu lembrar dessa fase já foi muito né! Porque minha avó e meu avô eles eram muito dedicados, eles me criaram com muito carinho, e foram pessoas assim, que vale destacar! Meu avô e minha avó. [...]

²⁴ É possível visualizar a distribuição de espaços mencionada pela professora na Figura 30.

Meu avô é Lázaro Moisés Honório e minha avó é Luzia Sebastiana do Nascimento. [...] Eles me incentivaram demais, inclusive a vir para esta instituição, já começou aí! Eu era pequenininha, o meu avô dizia assim... “Você vai estudar naquela escola. Ela é muito boa. E você vai ser professora!” Porque na minha época se a mulher fosse professora... [...] Estava top! Era o máximo! A mulher tinha que ser professora. Era o máximo! Então, eu já fui criada assim, falando nisso. (OLIVEIRA, 2017, p.01)

Mas, na década de 1950, a instituição que existia neste espaço ainda não era o C.F.P.P. e a professora Sebastiana esclarece: “[...] nós conhecíamos como Escola Parque. Tinha curso profissionalizante que eu lembro bem quando eu era criança. As crianças vinham pra cá e aprendiam uma profissão, né” (OLIVEIRA, 2017, p.01).

Então, desde a infância, a professora Sebastiana cultivou a expectativa de adentrar as fronteiras desse território educativo. A profissão de professora significava ir o mais longe que era possível, conforme os padrões estabelecidos a época. Destacamos um trecho muito interessante da sua narrativa, no qual ela revela como ficou conhecida e a figura que marcou sua vida profissional e pessoal:

Era Ginásio, né... eu fiz oitava série. Fiz, parei e esperei a idade para poder vir para cá. Tanto que, naquele portão de entrada quando eu entrava a diretora, se eu não me engano, era a Maria do Rosário, ficava naquele pavilhão perto da quadra, eu ia chegando ela falava assim... “aí vem a menina da idade!” Por que eu vinha todo mês! Ela falava... “mas você não completou, uai, não deu tempo!” Eu falava... “quem sabe mudou alguma coisa aqui, alguma lei... e eu posso entrar!” Então... vai que mudou alguma coisa e eu já posso! Então, eu vinha sempre, né, procurando! Aí, quando a Suely da Paixão foi diretora não teve problema, porque ela tinha sido minha professora na quarta série. Nós tínhamos uma ligação muito forte. (OLIVEIRA, 2017, p.02)

Para conquistar esse lugar, a professora Sebastiana contou com o incentivo e apoio dos avós. Mas, foi a partir do contato com a professora Suely da Paixão, que o desejo pôde ser concretizado: “[...] sessenta e oito eu já vinha querendo entrar né... e não podia. [...] ‘É, a menina da idade... aí vem a menina da idade...’ porque eu não tinha idade, né! Aí quando a Dona Suely começou, aí não teve problema, que ela já me conhecia né, eu já entrei” (OLIVEIRA, 2017, p.02).

Quando questionada sobre a figura de outro professor, além da professora Suely, que tenha marcado a sua escolarização, a professora Sebastiana cita o professor Chaud, que também era professor no C.F.P.P., mas havia sido seu professor na época do ginásial, e ela recorda o incentivo dado a leitura:

[...] no curso ginasial, para você ver como é que ajuda, eu sempre gostei de ler, muito! Eu sinto necessidade de leitura como necessidade de alimentação! E toda aula dele ele falava para nós... leiam! Vocês não podem comprar livro? Pega jornal que vocês achar na rua, não faz mal ser jornal antigo, leia! Então aquilo já vinha de acordo com o que eu queria, né... com o que eu gostava... muito... ler muito. (OLIVEIRA, 2017, p.03-04)

Figura 26: O Professor Chaud



Fonte: Álbum “1975-1976” – Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA.

Ao ser indagada a respeito do dia a dia da instituição, a professora Sebastiana relembra os tempos de aluna do C.F.P.P.:

O nosso horário, nós ainda comentávamos que não era horário da Terra! Deveria ser da Lua... ou de outro planeta! Porque todos estavam em feriado, festas, tudo... e nós aqui trabalhando! A Dona Suely justificava que os alunos eram de longe, como é que ia deixar parado, não dava para ir para casa! (OLIVEIRA, 2017, p.04)

A rígida disciplina quanto aos horários de estudo e trabalho, as cobranças quanto ao comportamento e aparência pessoal, e as demais exigências impostas no contexto do C.F.P.P. são aspectos considerados positivos na perspectiva da professora Sebastiana:

Ah, eu seguia! Eu nunca fui chamada atenção assim né. [...]. Então, era assim, nesse nível! Tanto que com as pessoas, se você for conversar, muita gente fala assim que explorava... nós éramos exploradas... eu não gosto de ver assim. Eu falo que eu precisei de uma orientação assim mais rígida e eu tive, né. De certo que

precisava! E, para mim, foi bom... lá na frente foi. Porque a gente não tem assim, receio de enfrentar um serviço, horário... não tem, né (OLIVEIRA, 2017, p.04).

Cursou o Magistério no C.F.P.P. no ano de mil novecentos e sessenta e nove e imediatamente após a conclusão do curso, foi convidada pela Diretora Suely da Paixão para ser professora no Grupo de Aplicação.

Pois então... por causa da minha condição familiar, financeira... tudo, e agora? Terminou o curso, volta né, pra casa... o quê que será de mim?... E ela me convidou para ficar! Para trabalhar no Grupo de Aplicação, como professora. [...] na época deve que eu não fiquei atenta, assim, mas deve que era um estágio... por que no Centro de Formação, quando eu dei aula, era dois anos de estágio! Mas, eu recebia uma gratificação. A gratificação chegava você não sabia quando, nem dia... um dia ia aparecer... e vinha, né. [...] Era em dinheiro e a gente... cheque, acho que a gente pegava cheque... e você assinava uma folha de ponto, né... porque eu demorei para ser contratada [...] É... às vezes as pessoas falam... “ah, você trabalhou como voluntária?” Eu falo “não, eu trabalhei como muito necessitada!” (OLIVEIRA, 2017, p.05).

A professora Sebastiana relata um período de afastamento das suas atividades do Grupo de Aplicação. Casou-se no ano de mil novecentos e setenta e um e passou um tempo dedicando-se exclusivamente à família, não por sua vontade, mas por condições impostas pela diretora, que depois de um tempo lhe procurou para propor a oportunidade de retornar à instituição:

Eu fiz o curso em sessenta e nove. Trabalhei aqui em setenta, assim que terminou o curso eu vim, né... setenta e um eu me afastei porque eu casei. [...] Aí não aceitaram. A Suely não queria ninguém casada. [...] Porque ia faltar muito... e tem filhos, falta ainda mais. E aqui era... aí eu fiquei de fora. Nessa época eu morava lá no bairro Nossa Senhora de Fátima. Mas, foi muita necessidade, muita dificuldade... eu atrás de emprego e não arranjava. Aí, um dia ela bateu na minha porta com essa proposta. Se eu não me engano ela foi na Kombi daqui... aqui tinha uma Kombi! [...] Ah... fez os cumprimentos e tudo. “E aí...” ela era muito alegre! “E aí, tá disposta a trabalhar vinte e quatro horas por dia?” E eu falei... “eu faço vinte e cinco, se a senhora quiser!” E ela me deu a oportunidade. Aí, eu voltei e nunca mais saí! (OLIVEIRA, 2017, p.06)

Ao retornar ao Grupo de Aplicação, as dificuldades não foram amenizadas, já que houve muita demora na sua contratação, e agora além de professora, ela era esposa e mãe. A professora Sebastiana destaca o apoio recebido pelos colegas da instituição:

Às vezes eu pensava em deixar... bem depois, quando eu já tinha filhos, quando eu vim aqui para perto, porque eu trabalhava sem

receber! Eu trabalhava vinte e quatro horas por dia! Eu vou te falar que a gente fazia mais, quase, se tivesse jeito. Mas, um dia a gratificação chegava, né... ia chegar. Aí, eu procurava as pessoas mais velhas que trabalhavam aqui nas oficinas... tinha uns senhores, umas senhoras... e eu falava eu não aguento mais, eu tenho que ir embora, porque eu deixo filho, casa... você ver... todo mundo cobra uai, você tá trabalhando sem salário, sem nada né, o tempo todo. Aí, eu lembro muito, você falar que marcou... essa senhora marcou muito! Eu não sei se ela era de serviços gerais... ela falava para mim assim... “se você for pra sua casa hoje você vai receber algum salário?” Não, não vou receber nada, eu tô cuidando da minha casa e do meu povo, né. “Ah, mas se você ficar aqui você tá guardando a sua vaga, um dia você pode receber!” Aí eu ficava (OLIVEIRA, 2017, p.05).

Cumprindo o compromisso de trabalhar “25 horas por dia”, a professora Sebastiana se dedicou às atividades no Grupo de Aplicação também como Professora Demonstradora:

Ah em casa você não parava de trabalhar! Era muita coisa! Quando você é professora de demonstração... professora de demonstração é uma responsabilidade! As alunas lá do Curso, né, vinham para cá assistir sua aula, ver como é que procedia aquela aula... por exemplo, a aula de redação, a aula de leitura... o que a professora trabalhava lá ia ver aqui se funcionava. Desenvolvia-se toda uma unidade de estudo, hoje o que vocês chamam de projeto, não é?! Todo esse projeto, toda uma unidade de estudo, com as alunas acompanhando, para ver se funcionava, se dava certo... e nós demonstradoras. Então você tinha que preparar um material muito bom, não é?! Você tinha que fazer tudo dentro do que era trabalhado lá no Curso no Centro de Formação. Mas, tinha as orientadoras. Elas também estavam junto com a gente o tempo todo! (OLIVEIRA, 2017, p.08)

Mesmo com todo o apoio recebido, tanto da diretora, como das professoras orientadoras e também dos funcionários, a professora Sebastiana declara que não se sentia preparada para lecionar:

Não, a gente nunca acha. A gente fala... como vai ser, né?! Quando os pais chegavam na porta da sala ou numa reunião e falavam “professora” eu tremia por dentro! Eu falava... “Eu, Professora?!” Sabe, mas a segurança que eu tinha nas minhas orientadoras. E, sempre uma coisa, que eu falo é... Dona Suely... você não incomoda não, porque para mim é como se eu falasse mãe, né. Ela preparava a gente assim... você prepara o melhor que você puder, você estuda, você tenha todo o domínio antes, por que quando chegar lá, né... trinta, vamos dizer que era trinta, vinte e cinco alunos numa sala, eu não lembro, a sala era cheia... e com duas turmas de bolsistas em pé assistindo a sua aula, é só você colocar aquilo lá em prática se você levou preparado. Agora, se você não estudou, não preparou o material, como é que vai ser?! Então, eu ia segura naquilo que eu fiz e tinha segurança. E as orientadoras eram muito boas. (OLIVEIRA, 2017, p.08)

A professora Sebastiana não chegou a ser Coordenadora ou Diretora do Grupo: “Não, não. Eu, até... convite não me faltou, mas eu nunca quis essas coisas. Eu queria aula!” (OLIVEIRA, 2017, p.09).

Sobre o fechamento da instituição, a professora Sebastiana conta que foi um momento sofrido, de indefinição e incerteza: “[...] nós não sabíamos né... e nós?! Por que nós não éramos bem vistos, na verdade. [...] Quem ia acolher um professor que tem condição de trabalhar vinte e cinco horas e tudo que pedir pra ele, ele faz?! Quem quer ser colega dele?! Eu falo que é isso! (OLIVEIRA, 2017, p.10).

O fato de não ser “bem visto” por outros professores era compensado pela disputa entre os diretores das diversas escolas da cidade que desejavam acolher os professores vinculados ao Grupo de Aplicação e ao Centro de Formação. A professora Sebastiana afirma que recebeu inúmeras propostas de trabalho na época do fechamento da instituição, mas optou por não deixar o seu lugar:

[...] Falei... “não... vou ficar aqui”. Ainda mais que, aí como era muito difícil para eu ir lá do outro lado, vir para cá, me deslocar, né... e nós somos dessa região aqui da zona rural bem próxima, meu marido comprou esse lote aqui, vizinho aqui do lado. Aí ficou mais fácil né. Então, não tinha como... para onde que ia mais ou menos oitenta, noventa funcionários? As escolas todas estruturadas e como é que ia receber esse pessoal... como? Mas, a Dona Suely não deixou né. Ela criou o Grupo... era... como é que era o nome...?! Instituto de Educação de Catalão. Para nos abrigar que ela criou. E foi feita a escola ali, né, logo abaixo para gente deslocar. (OLIVEIRA, 2017, p.10)

O Grupo de Aplicação muda-se para o Instituto de Educação, atualmente, Escola Estadual “Instituto de Educação Matilde Margon Vaz”. Como uma instituição escolar, antes mantida por recursos federais e internacionais passa a ser mantida pelo Estado de Goiás e depois, a partir de acordos entre Governo do Estado e Município, ganha um novo local de funcionamento e garantia de manutenção dos serviços de aproximadamente noventa funcionários? Certamente não apenas por desejo e empenho de uma única pessoa. Há questões políticas envolvidas nessas negociações que ainda precisam ser melhor esclarecidas.

A professora Sebastiana nos fala sobre o seu ritmo de trabalho, atuação em outra escola, alegria e gosto em ser professora:

Eu fiz o curso em sessenta e nove no Centro de Formação, trabalhei um ano, fiquei um ano parada e voltei para o Grupo de Aplicação. Para sempre, né. Porque o Grupo foi extinto mas criou-se o Instituto,

né. E eu fiquei... eu tive convites... eu fui para o Anchieta né... trabalhei noutra escola, eu esqueci do Anchieta! Tadinho do Adilson... (risos) ele me convidou... até, para você ver, o ritmo de trabalho nosso, eu tirei uma licença prêmio, eu ficar seis meses sem fazer nada em casa... e o Adilson insistiu muito para eu ir dar aulas lá... meus meninos estudavam lá. E aí eu falei, Adilson me arruma umas aulas, mas poucas, porque... só para eu ir para escola mesmo, no período de licença. Aí fiquei até fechar também, até acabar o Anchieta também! Pois é... por que eu não aguentava! Ficar seis meses, como que eu ia fazer, né, sem ir para escola?! Mas, sempre eu gostei muito de escola! Aquele... não sei se é mercearia... ali do Duarte, na esquina, onde tem um toldo assim na frente... fica as pessoas muito lá sentadas... um dia um senhor falou assim para mim... “por que que todo dia a senhora vai para essa escola cantando? A senhora passa aqui na porta cantando!” Eu falei... “uai, é? Nem sei!” Assim, eu sempre fiquei muito feliz de ir para escola trabalhar, né... porque é gosto! Meu avô fazia muito gosto, né... meu avô já sabia como é que seria, né. Foi muito bom, muito mesmo! (OLIVEIRA, 2017, p.11-12)

Sobre a continuidade dos seus estudos, a professora Sebastiana relata que aguardou a oportunidade e com a chegada dos primeiros cursos de licenciatura na UFG em Catalão, investiu no Curso Superior: “Letras e Geografia. E eu não sabia o quê que eu queria fazer! Quê que eu queria fazer? Não sei! Qualquer um, eu queria fazer. Interessante as coisas, né... Ah, a turma que eu simpatizo mais estar lá na Letras né... eu vou para lá” (OLIVEIRA, 2017, p.14). Na primeira Turma de Letras da UFG em Catalão, a professora Sebastiana foi colega de classe da professora Edma.

A professora Sebastiana não evitou o assunto quando questionamos sobre a época da Ditadura Militar e narrou um episódio que vivenciou na sua época de aluna no Centro de Formação:

Eu lembro de um dia que ficou, como você está falando aí... marcante, né... eu lembro de um dia que ficou, como nós estávamos ali naquela última sala, que é aquela que divide lá né, com a minha casa... porque você ia por sala, por departamento, você mudava de sala... aqui de Ciências, segunda aula de Geografia, aí você mudava de sala. Nós estávamos assistindo a aula, tinha uns armários grandes assim de cada lado, dos professores, com material... e chegou um grupo de polícia arrancando tudo e jogando no chão. Por que o Diorival, marido da Dona Suely... não, gente, ele nunca mexeu com isso não...! Ele era amigo de uma pessoa [...] ele tinha o cabelo comprido naquela época... cabelo comprido, aqueles óculos... aí diz que ele era, como é que fala...? Comunista e subversivo... e o Seu Diorival era muito amigo dele. [...] eu lembro é disso aí... de arrancar... eu estava na sala. Mais nada. A gente, naquele tempo, a gente só obedece, né. Caladinho, quietinho. (OLIVEIRA, 2017, p.16)

Outras lembranças dos tempos do Curso de Magistério no Centro de Formação de Professores Primários de Catalão foram emergindo enquanto a professora Sebastiana

observava algumas das fotografias contidas nos álbuns do Acervo “Suely da Paixão”: “Wilson Barbosa... nossa! Ele era rígido! Nós fazíamos Educação Física com ele... ensinar a marchar... as polícia hoje perde!” (OLIVEIRA, 2017, p.16).

Figura 27: Lucy, Nair Regina, Suely e Wilson B. Lima



Fonte: Álbum “1969-1970” – Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA.

Outra recordação que a professora Sebastiana considera marcante é em relação aos eventos e festas: “Foi um tempo que eu vou te falar... Na época, você acha que tá sofrendo, não é... que é terrível... mas, olha aí... as festas eram assim... olha a quantidade de alunos... e tudo impecável né... tudo sai na hora, tudo certinho...” (OLIVEIRA, 2017, p.16)

A formação cultural era muito valorizada, tanto para as alunas do Centro de Formação, como para os alunos do Grupo de Aplicação. Como vimos, as mais diversas atividades de recreação, lazer, confraternização, comemorações, faziam parte da rotina da instituição e envolvia a todos da comunidade: funcionários, professores, alunos e pais de alunos. Esse aspecto da formação é avaliado como positivo e enriquecedor, tanto na narrativa da professora Sebastiana, como também nos relatos das outras professoras. Dentre as muitas imagens que poderiam ilustrar esses momentos, selecionamos uma considerada das mais expressivas: um dia de festa com as crianças do Grupo de Aplicação, em comemoração à Semana Da Criança.

Figura 28: Um dia de festa! Semana da Criança no Grupo de Aplicação do C.F.P.P.



Fonte: Álbum “1975-1976” – Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA.

Muito emocionada, a professora Sebastiana afirma:

Eu gosto de lembrar, por que essa escola é a minha vida! Você não repara não... por que eu imagino o quê que seria, assim, minha vida profissional sem essa escola e especialmente sem essa diretora... sabe, sem essa equipe que nós trabalhamos! Por que, para você ver... uma pessoa da zona rural sem condição financeira nenhuma, né, problemas sérios na família... então, foi um acolhimento geral que ela me deu, né, pra sempre, não é?! Muito bom! (OLIVEIRA, 2017, p.11)

Foram quatorze anos de atuação na instituição: aluna do Centro de Formação, “aluna-professora” estagiando no Grupo de Aplicação, professora do Grupo de Aplicação, professora demonstradora no Grupo de Aplicação, professora no Centro de Formação. Durante um longo período, a professora Sebastiana atuou com o precário vínculo do contrato, trabalhando por gratificação, até chegar o momento da sua nomeação como professora do Estado. Depois do fechamento do C.F.P.P. e a mudança do Grupo de Aplicação ainda atuou como professora e coordenadora no Instituto de Educação. Permaneceu na Escola Estadual “Instituto Matilde Margon Vaz” até a sua aposentadoria.

3.2 Reflexões sobre o processo de formação das “alunas-professoras” do C.F.P.P.C.

Considerando a dinamicidade e o processo próprio da pesquisa em educação, especialmente quando se trata de uma pesquisa (auto)biográfica, as narrativas nos levam por caminhos não previstos. O processo de formação das “alunas-professoras” do C.F.P.P.C., mesmo não sendo o nosso foco, emergiu com muita força nas narrativas sobre o Grupo de Aplicação.

Ao narrarem as suas histórias de vida, naturalmente, os eventos considerados formativos (sejam os que ocorreram dentro ou fora do ambiente escolarizado) foram sendo reconstruídos e ressignificados pelas professoras. Foi muito interessante perceber ainda, como elas se deram conta da indissociabilidade de papéis (aluna, professora, demonstradora, mulher, mãe, etc) na sua construção identitária. Este processo complexo de entrelaçamento de dimensões é que vai, conforme Bragança (2002, p.69), “tecendo a particularidade do ofício docente materializado em cada professor/professora.”

A exemplo da pesquisa realizada por Bragança (2002), podemos afirmar que:

[...] as alunas-professoras trazem de sua memória múltiplas imagens da prática pedagógica. E são as possibilidades que afloram da memória escolar, juntamente com a formação acadêmica e as experiências cotidianas que vão se traduzindo na tessitura do processo identitário. (BRAGANÇA, 2002, p.75)

As reflexões das próprias professoras sobre a sua trajetória de vida e percurso de formação evidenciadas nas narrativas foi um movimento muito significativo. Foi a oportunidade propícia para a tomada de consciência de um saber que elas já traziam em si, referente ao seu processo formativo como um “*continuum*”:

A formação deixa de ser tratada como processo restrito aos espaços acadêmicos e passa a ser vista como um *continuum* que tem início muito antes da entrada na escola e se prolonga por toda a vida do educador – a formação como um conceito amplo ligado à vida do/a professor/a, à instituição escolar e à sociedade como um todo. (BRAGANÇA, 2009, p.88)

Ao discutirem sobre a profissionalização e a formação docente no Brasil, as autoras Bragança e Moreira (2013) ressaltam como historicamente os processos educativos tornam-se cada vez mais repletos de complexidade e significados subjetivos, mesclados na realidade e na materialidade da vida dos professores e das instituições escolares:

A trajetória que observamos possibilita a leitura de uma crescente e cada vez mais sistemática intervenção social sobre os processos educativos, intervenção que, se revela avanços quantitativos e qualitativos, revela também, e, nesse caso, na maioria das vezes, por vezes subterrâneas e avessas às estruturas políticas do sistema, as dificuldades que, em sua complexidade, manifestam-se na dinâmica das sociedades contemporâneas e também no dia a dia daqueles e daquelas que vivem a escola e a docência. (BRAGANÇA; MOREIRA, 2013, p.58)

Ressaltamos que, apesar da formação inicial como Professoras Primárias, as professoras Elza, Edma, Suleima e Sebastiana atuaram em diferentes níveis de ensino, e também na formação de novos quadros (formação de professores – magistério). E, curiosamente, prosseguiram na carreira buscando seus Cursos Superiores, não em Pedagogia, mas em outras licenciaturas (Letras, História e Geografia), ampliando as possibilidades de atuação. Este percurso da profissionalização não pode ser explicado e compreendido como um processo natural, linear e previsível. Bragança (2009, p.91) afirma que:

A profissionalidade não vem como pacote ou conjunto de competências previamente estabelecidas, mas a partir de um intenso movimento individual e coletivo de viver e dizer o trabalho docente cotidiano, de narrá-lo na densidade de suas contradições. Também não vem de forma individualizada, como autonomia no sentido de tomada de decisões isoladas pelo/a professor/a, mas a vivência coletiva da educação vai dando o tom dos caminhos que serão trilhados por uma determinada comunidade educativa. (BRAGANÇA, 2009, p.91)

Apesar de sua origem social, estas professoras não se acomodaram. Investiram e promoveram uma “transformação pela formação”, uma “transformação pessoal-coletiva”, como denomina Bragança (2013, p.60). As referidas professoras se colocam em suas narrativas como bem-sucedidas e legitimadas na profissão, o que as permitem considerar-se parte de uma “elite social” no contexto local, posição privilegiada e reconhecida por sua atuação longa em instituições públicas referenciadas.

O fato de evitar ou silenciar as questões referentes ao Regime Militar, estratégia adotada por todas as professoras, não nos impede de identificar os traços da época que se fazem notar nas narrativas. Nas fendas e dobras dos discursos percebemos as marcas da rigidez disciplinar, das rotinas e as metáforas. Não podemos deixar de ressaltar que a figura da diretora imprimiu um impacto, do qual permanecem os resquícios no perfil

das professoras: o zelo com a aparência, a rigidez disciplinar, a fama pela qual ficaram conhecidas que demarcou os seus perfis de atuação.

Bragança (2009, p.90) nos ajuda a compreender como o processo formativo se constitui em um movimento vitalício, de investimento e protagonismo, em seu sentido amplo:

Os/as professores/as, contudo, como sujeitos coletivos, não se colocam de forma passiva diante das demandas da racionalização, e, como atores do campo educativo, reinventam cotidianamente suas formas de fazer, de construir a vida e a profissão docente. O olhar dirigido à docência a partir dessa perspectiva de análise leva-nos à busca da profissionalização como recuperação do seu sentido ontológico. (BRAGANÇA, 2009, p.90)

Ao conhecer as narrativas das professoras sobre o Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão/GO, vivenciamos um processo formativo (nesse “nós”, incluímos: pesquisadora, orientador, narradoras e futuros leitores). Nas palavras de Bragança (2009, p.97): “vemos surgir uma versão sobre os encontros com a profissão e com as imagens da docência entranhadas no imaginário coletivo e individual. E as narrativas, porque sempre socialmente tecidas, vão dando tom e sentido aos múltiplos fios da práxis docente”.

3.3 Considerações Parciais

Este terceiro capítulo teve como objetivo compreender a história de vida de professoras que atuaram no Grupo de Aplicação e os aspectos relacionados à sua inserção na instituição. Ao reconstituir o percurso de vida das alunas-professoras participantes da pesquisa, compreendemos em que medida sua atuação na instituição contribuiu para a construção e consolidação do seu perfil profissional.

Segundo Souza, Passeggi e Vicentini (2013, p.15) “[...] as narrativas de si, orais e escritas, contribuem para a transformação de sentidos histórico-culturais, concernentes às representações de si, do outro e da ação do sujeito no mundo, tanto para a pessoa que narra, quanto para aquelas que leem, escutam e analisam essas narrativas”. Nesse sentido, consideramos a experiência de entrevistar estas professoras extremamente rica e oportuna, tanto para elas quanto para nós.

Ao conhecer a carreira dessas professoras, entendendo a carreira como uma “experiência da vida como um todo”, é possível perceber como se entrelaçam os

aspectos individuais e sociais, na constituição da docência (BOLÍVAR, 2002, p.75-76). É notório também como o contexto institucional do C.F.P.P. e do Grupo de Aplicação foram determinantes para a definição de um perfil de atuação profissional que as professoras levaram ao longo de toda sua vida.

As fases das vidas profissionais não são determinadas pela idade, como se fossem entidades quase-biológicas. Ao contrário, imbricadas em tempos e lugares determinados, operam dentro das oportunidades e limitações que as circunstâncias oferecem. Mais: são territórios pelos quais costumam transitar as vidas, sempre abertos às irregularidades que introduzem acontecimentos vitais específicos. O desenvolvimento de uma carreira é um processo que, embora pareça linear, apresenta avanços, recuos, descontinuidades ou mudanças imprevisíveis. A carreira do professor ou professora será uma criação conjunta da interação dialética entre o que queriam ser (fatores maturativos e psicológicos) e os fatores do ambiente social (BOLÍVAR, 2002, p.52).

Todas as vivências narradas sobre o contexto do C.F.P.P. e do Grupo de Aplicação são consideradas formadoras. São memórias que ao serem revisitadas se tornam agora experiências e assumem mais uma vez o seu potencial formativo. Bragança (2012) chama a atenção para essa impossibilidade de separação entre memória, experiência e narração: “E são as experiências formadoras, na força do que nos atinge, que nos sobrevém, nos derruba e transforma, inscritas na memória, que retornam pela narrativa, não como descrição, mas como recriação, reconstrução” (BRAGANÇA, 2012, p.582).

As professoras relatam um ponto em comum na trajetória de mulheres e suas carreiras: uma identidade dual de mãe/profissional. As mães/professoras tiveram que se desdobrar para atender às exigências de casa e da escola, da família e dos alunos, como afirma Bolívar (2002, p.83-84), divididas entre o lar e o Centro de Ensino. Em muitas circunstâncias o trabalho da escola é levado para casa e os filhos ou os problemas da família são levados para o local de trabalho.

Assim, cada professora ao narrar a sua história nos revela que suas experiências nas diferentes fases e etapas da vida se entrelaçam, e suas aprendizagens vem “do âmbito pessoal, da formação acadêmica e também profissional” (BRAGANÇA, 2012, p.588). Ou seja, compreendemos como, ao longo da vida, o trabalho compôs a vida, e como tudo compôs a instituição escolar em questão.

Nos dedicaremos a esta tarefa no quarto capítulo: analisar a história do Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão a partir das

narrativas das professoras que nesta instituição exerceram o magistério entre os anos de 1964 e 1983. Nossa intenção é conhecer a história do Grupo de Aplicação na perspectiva das professoras e qual o significado elas atribuem a esta instituição na sua vida e carreira.

CAPÍTULO IV

“Memórias fragmentadas de um tempo que não conseguiremos jamais tomá-lo em sua totalidade.”
(LUCHESE, 2014, p.149)

O objetivo deste capítulo é analisar a história do Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão a partir das narrativas das professoras que nesta instituição exerceram o magistério entre os anos de 1964 e 1983.

Em relação à análise documental, Luchese (2014, p. 151), afirma que não há um modo único de fazer e nos aponta questões para problematizar em relação as fontes:

[...] Qual o contexto social, cultural, econômico e político em que esse documento foi produzido? Quem o escreveu? De que lugar social? Para quem escreveu? Quem foram os seus interlocutores? Quais opiniões, informações e discursos são colocados? Que indícios discursivos são reforçados? No atravessamento dos documentos, perceber as recorrências, os indícios como formas de pensar a educação e as múltiplas relações sócio-político-econômicas, que produzem os discursos. (LUCHESE, 2014, p.151)

Assim, concordamos com a autora ao considerar o documento “[...] como uma prática e uma realização social” (LUCHESE, 2014, p.151), produzido em determinado contexto e condições específicas.

Desta mesma forma, Delory-Momberger (2012, p.69-70) se refere à biografia: inserida numa “cronografia” (escritura do tempo) e numa “geografia” (escritura do espaço).

Ao tomar as fontes desta pesquisa (sejam orais, escritas ou imagens) como “documentos” que testemunham uma época e um lugar, voltamos a nos inquietar com a responsabilidade em produzir uma “versão para esta história” que pode ser conhecida por muitas perspectivas. Dentre as dúvidas que pairam, destacamos esta, apresentada por Luchese (2014, p.154): “Parece importante, no exercício da escrita, atentar ainda para outra advertência necessária: expressarmos o passado com as palavras do presente. Mas como traduzir o que passou, presentificando-o em nossa escrita? É possível?”

Elegemos Passeggi et al (2017) para referenciar a nossa análise temática das narrativas.

4.1 A Biografia Institucional do Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão: muitas versões, uma perspectiva.

Ao propor o estudo da História Biográfico-Institucional, Bolívar (2002) enfatiza a questão da construção de sentido retrospectiva (depois da ação), que contribuiu para entendermos o sentido que é dado na narrativa aos padrões culturais e rotinas que compõe a vida dos sujeitos no contexto da instituição. O autor afirma que: “[...] as organizações existem nos modos como os indivíduos que as habitam lhes dão sentido e as vivem” (BOLÍVAR, 2002, p.199).

Estudar a história do Grupo de Aplicação do C.F.P.P. através da história de vida das professoras, significa conhecer e compreender uma realidade construída socialmente, por diversos atores. Conforme Bolívar (2002, p.200): “[...] o centro educativo como organização existe através das compreensões narrativas dos atores, que as confirmam ao pô-las em cena em relatos. O objetivo das histórias contadas é formar, criar realidade e dar sentido”.

Vamos conhecer as narrativas das professoras sobre as suas experiências vividas; narradoras e protagonistas, testemunhas de uma época e de um lugar que “[...] moldaram suas vidas e as histórias que contavam sobre si”. (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p.88)

Sobre se tornar “ator” e “autor” da sua vida, Delory-Momberger (2012, p.39) afirma o potencial da narrativa:

A narrativa transforma os acontecimentos, as ações e as pessoas do vivido em *episódios*, em *enredos* e em *personagens*; ordena acontecimentos no tempo e constrói entre eles relações de causa, de consequência, de fim, dando, assim, um lugar e um sentido ao ocasional, ao fortuito, ao heterogêneo. Pela narrativa, os homens tornam-se os próprios *personagens* de suas vidas e dão a elas uma *história*. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.39 – grifos da autora)

Tomamos as narrativas de vidas, portanto, não apenas como “materiais para o pesquisador” e sim como “produções de sujeitos que se constroem ao se dizerem” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.33). Passeggi et al (2017, p.470) também ressaltam as narrativas como “fontes preciosas para a compreensão do humano”.

Dar conta da tarefa de traçar a Biografia Institucional do Grupo de Aplicação do C.F.P.P. a partir das biografias das professoras, nos exige que sejamos capazes de reconhecer que uma instituição escolar só tem uma determinada estrutura e uma cultura

organizativa própria através dos padrões de ação, papéis e significados rituais atribuídos pelas pessoas que viveram e conviveram nesse território educativo (BOLÍVAR, 2002, p.202).

Através dessas histórias de vidas, narrativas de “histórias vividas e contadas” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p.51), que procuramos as “marcas históricas” que nos possibilitam “escrever a história da vida da instituição”, uma de muitas versões possíveis. Acreditamos que todas as pessoas que convivem numa instituição participam da escrita da sua história e por isso, chamamos atenção para o fato de que a biografia institucional por nós proposta, parte de uma perspectiva específica: a perspectiva das professoras.

4.1.1 A “BioGeografia” do Grupo de Aplicação do CFPP de Catalão

A Biografia Institucional do Grupo de Aplicação do CFPP de Catalão se insere num “espaço significado” e para conhecê-lo é necessário conciliar o que sabemos sobre o espaço em si e os significados a ele atribuídos, o “espaço aprendido pela experiência e fabricado na ação” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.75-76). A autora chama a atenção para o fato de que nessa “BioGeografia”²⁵ do “espaço biográfico” estão em confluência “espaço-tempo individual e social” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.43)

Delory-Momberger (2012, p.75) ainda utilizando referências geográficas aborda a questão da estratificação geológica que evidencia a espessura temporal do espaço vivido, no nosso caso, como o tempo sobreposto em camadas entrelaçando a história dessas instituições: Escola Parque (década de 1950), Grupo de Aplicação (1964-1983), Instituto de Educação (a partir de 1984). Nas palavras de Clandinin e Connelly (2015, p.116): “Essas teias narrativas são complexas e difíceis de serem desembaraçadas”

Na Carta Imagem a seguir, localizamos a UFG - Regional Catalão, a UAEE - Unidade Acadêmica Especial Educação e a Escola Estadual - Instituto de Educação “Matilde Margon Vaz” que correspondem respectivamente ao CFPP – Centro de Formação de Professores Primários de Catalão, o Grupo de Aplicação do CFPP e o Instituto de Educação de Catalão. Percebemos hoje esta região com um grau de

²⁵ Empregamos o termo “BioGeografia” partindo das considerações de Delory-Momberguer (2012). Diferente do sentido dado pela ciência Geográfica, o termo aqui significa a escrita da vida humana em determinado espaço-tempo.

urbanização elevado. A Avenida Dr. Lamartine Pinto de Avelar é considerada um subcentro na cidade de Catalão (BUSSOLA, 2016), cenário bem diferente daquele narrado pelas professoras em relação às décadas passadas.

Figura 29: Carta imagem – Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão



Fonte: Google Pro - 2016. Org. e Adapt. BUSSOLA, B. V.

Só tinha aquelas salas de aula aqui ó fechada a noite... aqui era o Grupo de Aplicação (referindo-se aos blocos H e I)... ali a marcenaria (bloco E) e a lavanderia (bloco G) e só aquele pavilhão de lá (blocos A, B, C e D)... isso aqui era tudo aberto isso aqui ó... mato ali... o pomar ali... o chiqueiro ali... a horta lá atrás daquele primeiro pavilhão lá... isso aqui era um ermo! Casa daqui até lá embaixo era o DERGO aqui e casas algumas salpicadas... isso aqui era uma estrada não era uma rua... isso aqui não tinha nada daqui pra cima, ó... não tinha nada de construção aqui ó... nada, nada... aqui tudo era mato... aqui pra frente até lá no morro... só lá no pé do morro que tinha umas casinhas assim ó... aqui tudo era mato ó... (PIRES, 2016, p.09)

[...] a gente da zona rural entrava por aqui, aqui era a estrada... a Avenida Dr. Lamartine era a entrada da gente pra cidade, né... pra zona urbana aqui. [...] lá era sala de aula. (Bloco A) [...] É, eu estudei lá e depois dei aula lá. [...] aqui que eu sei que eu tenho uma colega minha ali, parece que a sala dela é ali, que é a Educação Física, ali... (Bloco D) [...] É, ali era a residência da Suely da Paixão. Né... E o Grupo de Aplicação isso aqui, perto do jardim aqui... (Blocos H e I) [...] Tinha as oficinas, fazia isso, ali onde eu te falei que tinha a sala dos professores e vinha até aqui... (Bloco E) e aqui a direita nossa era o refeitório. (Bloco F) Era muito grande, bom até! [...] Do Grupo de Aplicação. [...] O nosso refeitório era lá nesse pavilhão [...] onde era o alojamento dos professores à direita, o refeitório enorme e à esquerda a cozinha. (Bloco C). (OLIVEIRA, 2017, p.02-03)

Figura 30: Carta Imagem – Centro de Formação de Professores Primários de Catalão



Fonte: Google Pro - 2002. Org. e Adapt. BUSSOLA, B. V.

Na Carta Imagem que identifica os espaços narrados pelas professoras (imagem do ano de 2002) percebemos as dimensões da área que no passado era como uma fazenda, que contava com pomar, horta, criação de animais (pocilga, aviário e estábulo). Nesta Carta Imagem é possível notar também a localização do Patronato (área que corresponde hoje ao Batalhão da PM) e ainda duas das residências de funcionários do antigo CFPP. Conforme o documento Inventário do Parque Primário Complementar (INVENTÁRIO..., 1964) tanto o motorista quanto o técnico agrícola residiam nas dependências do CFPP. Vejamos o registro sobre as plantações nas proximidades do Grupo de Aplicação do CFPP:

Figura 31: Plantações nas proximidades do Grupo de Aplicação do CFPP.

PLANTAÇÕES	
11	canteiros num total de 605 m2 de grama
400	eucaliptos
110	cedros
98	cedrinhos
3	mangabeiras
2	sucupiras
1	paineira
1	árvore de sabão "Dugre"
2	jambujeiras
1	jaboticabeira
24	pés de figos
32	mamoeiros grandes
53	mamoeiros novos
60	laranjeiras
	área de 5.000 m2 plantado em mandiocal.

Fonte: Inventário do Parque Primário Complementar (1964, p,11) – “Acervo Suely da Paixão”

Outro espaço significado que é demarcado nas narrativas das professoras são as Oficinas. Mesmo com o encerramento das atividades da Escola Parque, as Oficinas continuaram em funcionamento no contexto do CFPP e do Grupo de Aplicação, não com a finalidade inicial de formação de ofícios/profissionalização. Os professores das Oficinas são personagens tidos nessa história como figuras de respeito, como os funcionários “mais velhos” da Escola.

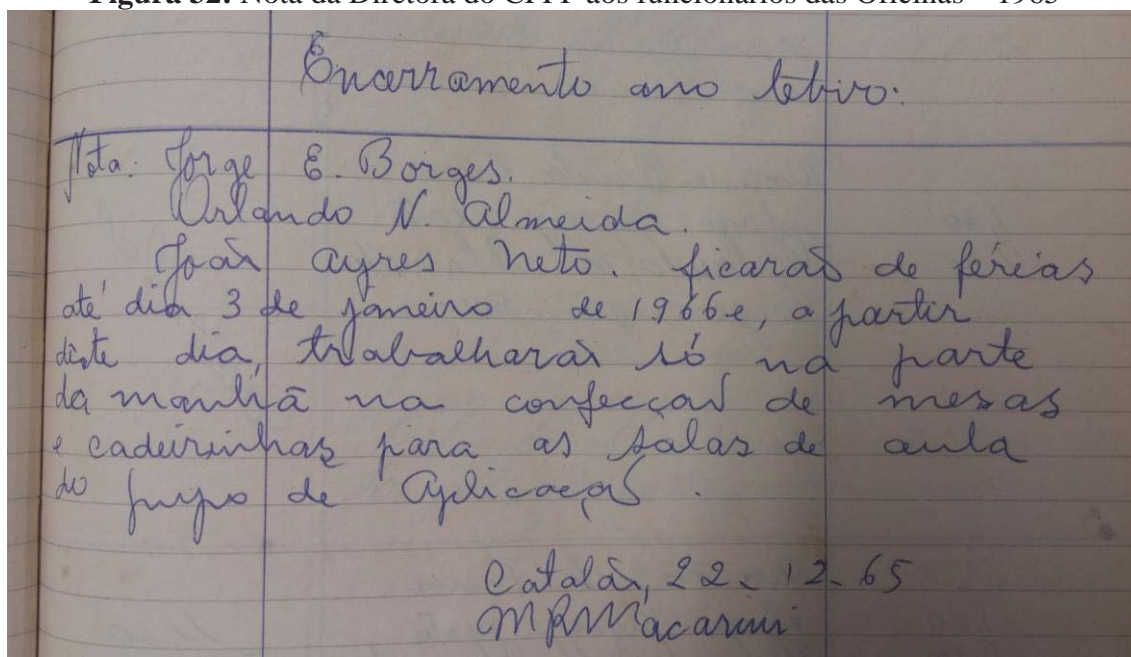
Quando eu comecei, a oficina existia por existir, mas o aluno não frequentava a oficina. A oficina ela resolvia problemas estruturais da escola. [...] Era o Seu Orlando, o Seu Juca... o Seu Orlando era sapateiro, Seu Juca era marceneiro... e Seu Bertoldo, inclusive tem

Bar do Bertoldo ali... não tem? Não tem um Bar do Bertoldo? Seu Bertoldo trabalhava na oficina aqui, e Seu Jorge. Eram quatro professores... velhos já... bem velhos, eu me lembro, eu era novinha... com dezoito anos, dezenove, vinte anos... isso aí eu me lembro, deles trabalhando aí, sabe... Depois, Seu Orlando com a esposa foram tomar conta do Patronato. [...] O Patronato? O quê que eu posso te falar... o Patronato... hoje, o quê que é... é um local que recolhia crianças abandonadas. Como é que nós chamamos isso hoje... casa que crianças recolhem crianças sem teto... abrigo, um abrigo de crianças, infantil... [...] Estudavam no Grupo de Aplicação. E moravam no Patronato. Moravam no Patronato e assistiam aula ali com eles nas oficinas, sabe... [...] Tinha, além dos rapazes, dos senhores nas oficinas, tinha a Mírian, a Sabina... uma era professora de bordado a outra era professora de costura... legal! (NICOLETTI, 2017, p.09)

Aí já tinha acabado. Aí, o que existia era pra servir ao Centro e a Escola. Essa oficina de Escola Parque já tinha encerrado, que era formação das pessoas da comunidade. Eu tenho até amigos que aprenderam sapataria, latoaria, aqui. Mas essa tinha acabado. Então, tinha oficina assim, construir as coisas lá do Centro. (OLIVEIRA, 2017, p.07)

Os livros de matrícula confirmam os registros dos alunos moradores do Patronato, mas não consta informações sobre sua vinculação com o trabalho nas oficinas. Os registros escritos referentes ao funcionamento das oficinas encontram-se no Caderno de Ocorrências que registrou ocorrências de alunos envolvidos em pequenos acidentes e também no Livro de Matrículas do ano de 1965 há uma nota da então diretora do CFPP aos funcionários das oficinas no encerramento do ano letivo:

Figura 32: Nota da Diretora do CFPP aos funcionários das Oficinas – 1965



Fonte: Livro de Matrículas do ano de 1965 – Arquivo NEPEDUCA

Há outros espaços vividos no contexto do CFPP que são narrados pelas professoras de maneira mesclada e indissociável das narrativas sobre o Grupo de Aplicação. A medida que vão contando a sua vida, a sua rotina na instituição, vão surgindo as atividades da rotina extra-classe. Aqui percebemos as professoras em sua condição biográfica pessoal/profissional, meninas/mulheres, alunas/professoras, uma diluição das fronteiras entre a “vida privada” e a “esfera pública” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.30)

[...] tinha a horta, cada equipe revezava, por exemplo... não sei se era por mês ou dois meses, mas... revezava. Tinha a hora, tinha a farmácia... coisas básicas, né, curativo, essas coisas... Tinha o Clube do Livro, que incluía a Biblioteca, você tomava conta de tudo... empréstimo e retorno dos livros, né, tombamento dos livros, tudo... E tinha a lojinha, tinha uma lojinha que a gente podia comprar coisas assim miúdas, e nós que tomávamos conta. Revezava, tinha as equipes, né. Então, uma turma fica na lojinha, a outra vai pra farmácia, a outra pro Clube do Livro... e assim a gente ia... então, pra sair não era fácil! (OLIVEIRA, 2017, p.05)

[...] aqui tinha farmacinha, tinha tudo né. Tinha farmacinha, tinha a lojinha... hum, mais um detalhe que eu esqueci de contar... a lojinha era numa salinha que ficava a secretaria e a diretoria do Grupo de Aplicação. Porque a mulher do vigia da parte de cá do Grupo de Aplicação, que era a dona da lojinha, pagava um tipo dum... uma taxa assim de aluguel da lojinha que era vendido *modes*, pirulito, lixa, acetona, algodão... esses trenzinho, coisa maioria pra mulher né... batom, blush, esmalte, esses “trenzinho”. (PIRES, 2016, p.23)

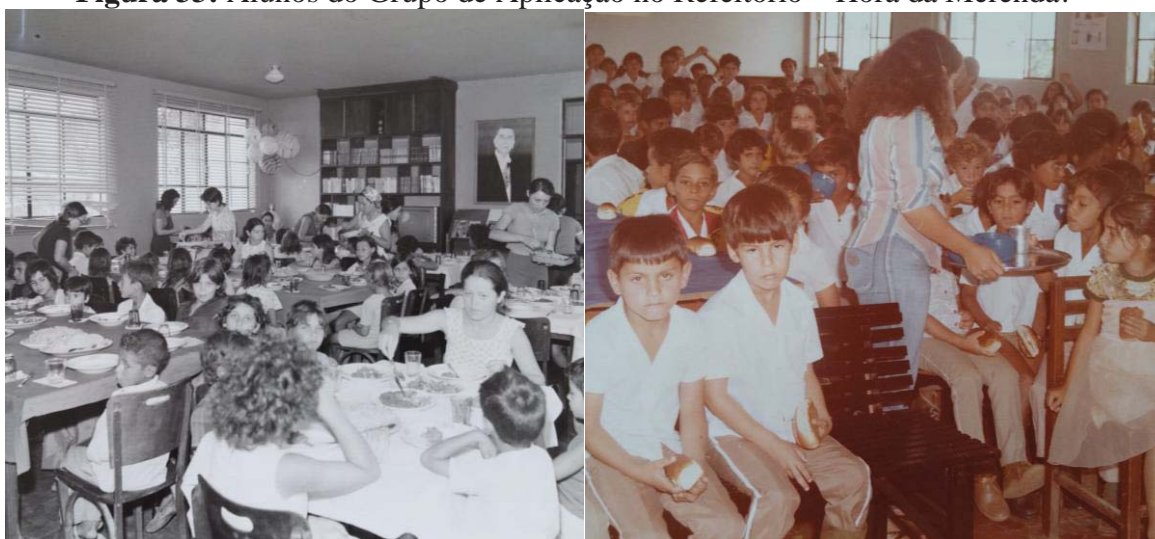
A narrativa sobre o espaço físico da instituição aparece muito relacionada à rotina de atividades. Delory-Momberger (2012, p.75) nos ajuda a compreender a maneira como as professoras buscam em suas narrativas se situar nas suas experiências e nos espaços vividos. Suas “construções biográficas do espaço” são repletas de sentidos, representações e valores que a autora define como “mundo interior do espaço exterior”. A autora afirma que:

[...] nunca estamos num só lugar de cada vez, jamais ‘habitamos’ um lugar único: no lugar onde estamos, trazemos conosco e vivemos uma pluralidade de lugares. Em outras palavras, na economia de nossa geografia pessoal, dispomos de uma forma de ubiquidade: relacionando uns aos outros, fazendo-os interagir entre si, nós vivemos os lugares à maneira de uma espacialidade plural, multidimensional. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 74-75).

O Refeitório do Grupo de Aplicação é um espaço vivido nesse sentido, repleto de representações e valores na perspectiva de uma das professoras, que narra todo o ritual da “hora da merenda”:

Bom, as crianças tinham uma merenda fantástica! Refeitório, do lado direito ali na frente, no fundo a cozinha. Mais tarde, quando acabou tudo, eles fizeram um Patronato lá na frente. O refeitório, a comida era balanceada, a alimentação era balanceada... nós tínhamos que acompanhar as crianças, tinha mesa, cadeira, pras crianças comerem assentadas... assentadas! Tudo com dignidade. Rezávamos pra lanchar, pra receber o lanche e pra agradecer o lanche... terminava, todos pegavam a vasilhinha e colocavam na bacia, tudo certinho... saía tudo em ordem, certo?! Quer repetir? Tem que repetir... dá ou põe mais? Põe só um pouquinho... põe mais um pouquinho... Então, sabe... foi uma coisa assim... um sonho! Um sonho que a gente gostaria que todas as crianças do mundo tivessem! Muito bom! Antes de ir pro refeitório, depois que ia para o refeitório, lavávamos a mãozinha antes de ir, saíamos do refeitório escovavam os dentinhos... tinha armário de aço assim pra guardar as coisas de higiene, toalha, etc. (NICOLETTI, 2017, p.06)

Figura 33: Alunos do Grupo de Aplicação no Refeitório – Hora da Merenda!



Fonte: Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA

Há um espaço biográfico extremamente significativo, onde tudo acontecia: atividades físicas, aulas práticas, comemorações, festas, reuniões de turmas, encontro de pais e comunidade, etc – a Quadra de Esportes. Apesar de ser um espaço vivido com intensidade ele não é citado de forma recorrente e explícita nas narrativas das professoras. É mencionado por uma das professoras ao se referir a uma época anterior: “Antes de ter a quadra, mas tinha o pátio de chão... terra batida... a gente jogava bola assim mesmo, não tinha problema, né...” (PAIXÃO, 2016, p.06)

Figura 34: Alunos do Grupo de Aplicação - Brincadeiras no Pátio e na Quadra



Fonte: Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA

Aqui podemos retomar a ideia do espaço significado – “o espaço tal como está aberto às nossas representações, às significações e aos valores que emprestamos a ele” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.74). Apesar de aparecer implicitamente nas narrativas das professoras, podemos destacá-lo a partir nas narrativas imagéticas:

Figura 35: O espaço da Quadra de Esportes e seus diversos usos

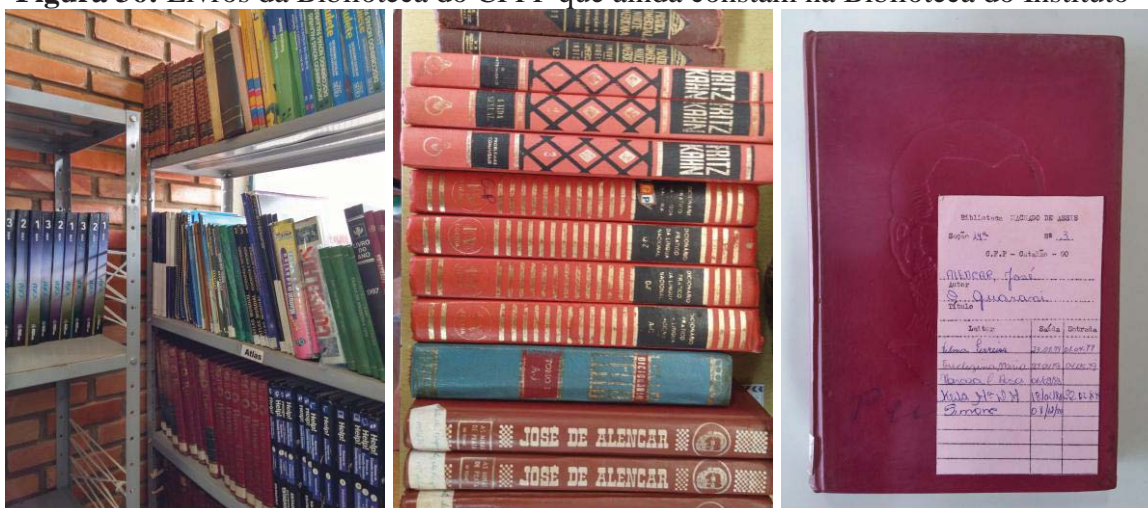


Fonte: Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA

A Biblioteca também é um dos espaços que pouco apareceu na narrativa das professoras. Parte desta Biblioteca está conservada no Acervo “Suely da Paixão”, no arquivo NEPEDUCA. Há também alguns exemplares na Escola Estadual Instituto de Educação “Matilde Margon Vaz”, como mencionado pela professora:

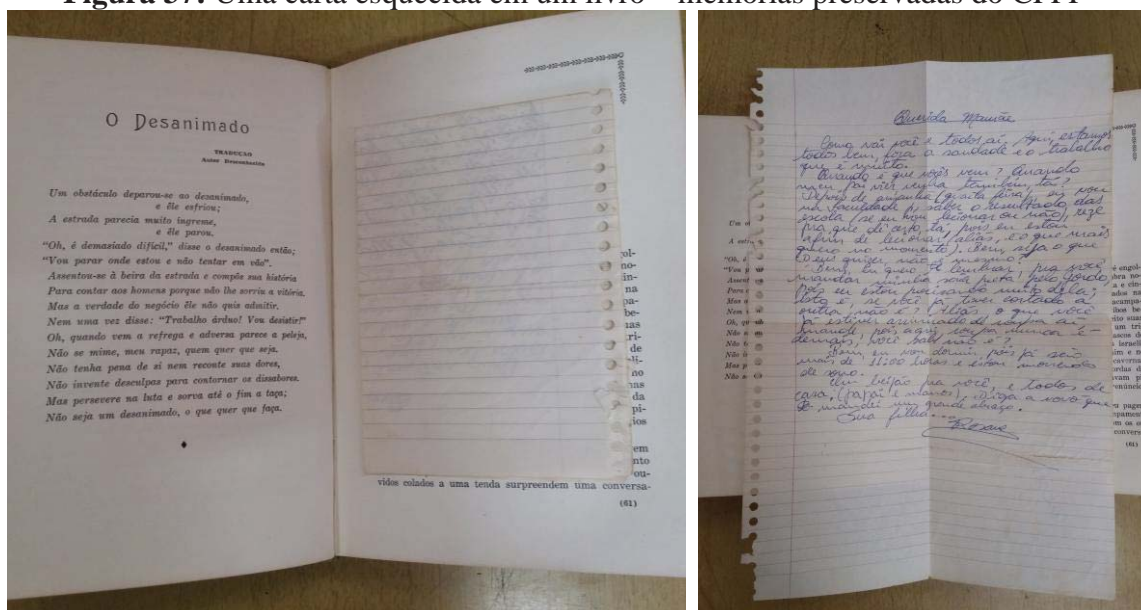
A biblioteca era riquíssima! É... Matilde Margon que herdou isso aqui... eu não sei se eles preservaram a biblioteca... se essa biblioteca ficou pra vocês... Mas tinha livro europeu... livro americano... de vários países da europa... a biblioteca era riquíssima! Além da biblioteca geral, cada Departamento do Centro de Formação, Geografia, História, Língua Portuguesa, Ciências... tinha a biblioteca própria, no fundo da sala. Os livros todos catalogados, além de uma biblioteca geral. (NICOLETTI, 2017, p.03)

Figura 36: Livros da Biblioteca do CFPP que ainda constam na Biblioteca do Instituto



Fonte: VAZ, Renata Cristine Santos. 2016

Figura 37: Uma carta esquecida em um livro – memórias preservadas do CFPP



Fonte: VAZ, Renata Cristine Santos. 2016

O dia a dia do Grupo de Aplicação é conhecido no contexto da rotina do Centro de Formação. As professoras contemplam em suas narrativas a rigidez do planejamento e como era a dinâmica do Estágio no Grupo de Aplicação. Ao mesmo tempo vão dando pistas sobre o espaço biográfico da Sala de Aula:

[...] eu dava aula de manhã pra uma quarta série e eu ficava já pra tarde pra fazer o planejamento do outro dia. Então, é igual eu estou te dizendo, era uma coisa muito planejada e muito organizada, então, você ia entrar pra sala de aula e você sabia todas as palavras que você ia falar... não quer dizer que você não poderia sair daquele esquema, mas você tinha tudo esquematizado ali, né. (PAIXÃO, 2016, p.05)

Aí prepara todo o material, mas ainda é a professora que dá aula... é a semi-regência... mas os alunos do Centro de Formação ajuda, auxilia os meninos fazer tarefa, brinca com os meninos na hora do recreio, apaga um quadro, abre um cartaz, sabe... isso tudo feito aqui pela equipe. Porque os alunos de lá, os professores de lá, tinham que aprender a planejar, né... observou, conheceu a sala, depois ajuda... agora, você já conhece mais ou menos a sala, agora você vai dar a sua aula. Aí, vem com o plano, daquele dia... dentro direitinho da sequência, daquele dia da sala... aí eles vão... se era de manhã seis horas eles já tavam lá né... Nem sempre... a gente variava demais... nunca levar o texto só rodado, que ainda era o mimeógrafo, aí já era a tinta, né... já não era a álcool mais, aquele cheiroso, azul... ficava tudo azul as mão... Vamos passar o... quem é do grupo aí que tem... você já conhece quem tem letra maravilhosa, quem sabe escrever retinho e pra criança ler tem que ser letra de forma né, de forma... tudo bonitinho... [...] o texto é passado lá mas é coberto com uma cortina, que antes claro que tem uma brincadeira pra incentivar, pra descobrir, pra ver se descobre o que tem atrás da cortina... quer dizer, o aluno, o estagiário que fosse dar uma aula dessa, no início ele já conquista todo mundo e ele já tirou nota máxima! Mas, aí ele é avaliado... como que o cabelo tá amarrado, o tamanho da unha, a cor do esmalte, o batom, o brinco se tá combinando, se o decote não tá grande pra fazer assim pro menino ver o seio, se a saia não tá curta pra ver, mostrar a calcinha... tem que ir numa calça própria, porque vai precisar de ajoelhar no chão, ele vai precisar... você entendeu? (PIRES, 2016, p.12)

Ah eu tenho que trocar os cartazes da sala que já está ultrapassado. Ah, eu vou pintar o vitrô e com isso eu vou iniciar uma unidade de estudo nova. Ah, eu vou trocar a cortina... meu quadro tinha cortina. (NICOLETTI, 2017, p.06)

Muitas eram as cobranças e exigências em relação a este espaço. A sala de aula era da professora, sua total responsabilidade: arrumar, cuidar, limpar, enfeitar, receber as visitas nas aulas de Demonstração e tudo mais que fosse necessário. Assim, as professoras faziam daquele espaço o seu “território”, imprimiam as suas marcas, uma “geografia pessoal”. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.74)

De fato, que fazemos nós quando agimos no e com o espaço? Criamos, num momento x de nossa existência, uma figura espacial única, na qual estamos fisicamente incluídos como corpo-espaço e que responde, por nós, a uma significação orientada no tempo, a uma intencionalidade, a um projeto que ganha sentido e efeito na singularidade de nossa existência. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.77)

Assim, é possível perceber na narrativa da professora sobre a sua sala de aula, o fato de se colocar como esse “corpo-espaço” que imprime sua singularidade naquele ambiente. Aqui está explícita mais uma vez a confluência do espaço-tempo individual e social: fazer uma “geografia pessoal” no espaço da sala de aula e simultaneamente cumprir todas as exigências impostas, corresponder ao “padrão” e ao perfil da instituição. Sua ação, no espaço e no tempo, são formas de produção da sua própria existência. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.78)

[...] as salas que alfabetizávamos, era só minha, só funcionava com aluno a tarde... eu encerava a minha sala... eu encerava a minha sala! Vermelhinha! A última sala, lá perto dos banheiros... vermelhinha! Os vitrôs eu pintava com pincel... depois eu lavava ou mandava lavar e trocava as pinturas... todo ano tinha que trocar a pintura, ou às vezes dependendo da atividade, eu tirava e botava uma atividade nova... Então, a sala sendo da gente, é diferente! (NICOLETTI, 2017, p.09)

Figura 38: Uma sala de aula do Grupo de Aplicação do C.F.P.P. de Catalão



Fonte: Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA

Podemos notar nesta sala de aula do Grupo de Aplicação uma diversidade de cartazes e enfeites nas paredes, certamente produções da professora e de seus alunos. As bolsistas sentadas ao fundo e nas laterais da sala observam e aprendem sobre a docência, verificam tudo o que foi aprendido no CFPP tanto sobre o conteúdo quanto ao jeito de ensinar, é provável que estejam muito atentas às avaliações da Professora

Orientadora sobre a aula da professora Demonstradora. Os alunos completam a cena, personagens de ontem e hoje, narrados pelas professoras:

Meu quadro tinha cortina, eu abria e botava as atividades no quadro quando eu chegava mais cedo ou, às vezes almoçava aqui, eu colocava as atividades no quadro, por que o aluno não podia ficar parado enquanto eu escrevia no quadro! Você entende isso aí? Enquanto eu escrevo o aluno está parado, isso gera problema. Porque eu fui professora até três anos atrás, então... a gente sabe, professor não pode dar mole... o aluno tem que estar ocupado o tempo todo, se não... se não, o bicho pega! Se não, ele perde o controle da sala de aula! Então era uma atividade após a outra que não dava folga pra ele desviar a atenção. Muito bom. Muito bom mesmo! (NICOLETTI, 2017, p.06)

[...] criança naquela época era inibida. Menino não aparecia a cara assim... [...] menino já via um diferente, já quietava. E eles não eram assim difíceis não. Sempre tinha, né, um, dois ou três que dava mais trabalho... mas, não... a disciplina muito boa. Também eles não tinham tempo! Por que a gente preparava umas aulas muito dinâmicas, muito boas, né! Não tinha tempo de ficar fazendo... não estou dizendo que hoje tem, né... é que hoje é diferente, né! (OLIVEIRA, 2017, p.08)

As professoras criam em suas narrativas sobre os alunos um “sentido contínuo de deslocamento”, conforme Clandinin e Connelly (2015, p.91): um movimento retrospectivo no tempo e lugar que compõe novas histórias no tempo e lugar presentes. Como seria se os alunos do Grupo de Aplicação biografassem a instituição? Essas narrativas poderiam compor uma nova história. Por enquanto, vamos nos deter nas imagens desses alunos que emergem das narrativas das professoras.

4.1.2 Os Alunos do Grupo de Aplicação na perspectiva das “alunas-professoras”

Um dos aspectos mais enfatizados na narrativa das professoras sobre os alunos do Grupo de Aplicação do CFPP é sobre sua origem social e situação economicamente desfavorecida, o que conseqüentemente gerava o problema da defasagem idade-série:

[...] muitos dos nossos alunos eram do Patronato e participavam da marcenaria e da serralheria que tinha aí... da carpintaria. [...] Na quarta série... ele tinha dezesseis anos... enorme, um adolescente bem desengonçado, bem grande, bem magrelo... outros... eu tinha muitos outros alunos... que era um bairro... periferia muito pobre, maioria dos alunos aqui... então não tinham nem muito contato com escola mesmo né... Assim... pai não tinha aquela preocupação em mandar o aluno pra escola porque tinha que trabalhar na roça, tinha que ajudar... essas coisas assim, né. Tinha muita gente fora da faixa etária considerada correta pra série ali. (PAIXÃO, 2016, p.06-07)

Eu não sei essa questão, assim... nessa época não tinha essas leis de adequação, assim, da idade... o menino precisava estudar, né. E porque era difícil também, tinha ajudar as famílias, né... os maiores tinham que ajudar. Quando tinha disponibilidade de ir pra escola vinha né. (OLIVEIRA, 2017, p.07)

[...] veja bem... tinha um tal de primeiro ano aqui que juntou menino que não aprendia... em sessenta e cinco... meninos de quatorze, quinze anos que não sabiam ler... tudo numa sala só. [...] Uma turma especial. Terríveis os meninos! Aqueles meninos enormes... que não sabiam ler e escrever, sabe... E foi uma experiência horrível pra escola, porque... por que a escola, ela não preparou o aluno pra enfrentar essa situação! Era muito bonito o que você via lá. Você pegar um aluno de quatorze, quinze anos... treze, onze anos... que não aprendeu a ler e a escrever e tratá-lo como você vai tratar um menino de sete anos... e foi isso que nós aprendemos lá quando fomos... é os de sete anos. Foi muito difícil... passou professor em cima de professor por causa dessa turma. Deu trabalho essa turma! (NICOLETTI, 2017, p.12)

Figura 39: Alunos do Grupo de Aplicação



Fonte: Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA

Eu não me esqueço de um aluno meu, que nós... quando começava a aula de Matemática... quando ia começar os fatos fundamentais... ainda chama fatos fundamentais hoje? Fatos básicos? A família do nove, por exemplo... a família do oito... duas vezes quatro, quatro vezes dois... e aí botava as tampinhas pra eles descobrir o número total e organizar a multiplicação e a divisão ao mesmo tempo. E aí, se as tampinhas não davam botavam o pezinho descalço assim e contavam nos dedinhos do pé... Eu não esqueço isso! Tudo com material! Semente de tamarindo... você conhece tamarindo? Não tem uma semente marrom chata? Eu tinha uma caixinha cheia de semente de tamarindo, uma caixinha cheia de tampinhas de garrafa, pra estudar Matemática com material concreto. (NICOLETTI, 2017, p.09-10)

Ao conhecer o que as professoras dizem sobre os alunos, vamos percebendo também as formas e os jeitos de ensinar e aprender, a variedade de recursos de que dispunham, o dia a dia da sala de aula, os modos de ser aluno também revelam a atividade biográfica das professoras, o que nos dizem muito sobre a instituição.

4.1.3 O Jeito de Ensinar e Aprender no Grupo de Aplicação: as Unidades de Trabalho

O Grupo de Aplicação contava com turmas de alfabetização até a quarta série. As turmas de alfabetização eram como salas experimentais para as professoras em formação aprenderem sobre a aplicação de diferentes métodos de alfabetização:

[...] Só alfabetização, pra você ver, tinha o Global, o meu, tinha a sentencição, a palavração e o alfabético... só pra alfabetizar! E não tinha sala lotada também não! Não! [...] É experiência! O que elas viam lá tinha que aplicar aqui! [...] Tinha o primeiro ano, o segundo ano, o terceiro e o quarto ano! A alfabetização era os métodos... tinha que ver a aplicação do método. A aplicação do método! (NICOLETTI, 2017, p.10)

Quando questionada se esta experiência era benéfica para o aluno, pois alunos alfabetizados em diferentes métodos prosseguiam juntos para as séries subsequentes, a professora afirma que: “Nós não víamos diferença... seguiam normalmente... saíam alfabetizados. Saíam alfabetizados!” (NICOLETTI, 2017, p.10)

Eu me lembro direitinho que teve uma professora chamada Tobias, ela era professora de Língua Portuguesa, pequenininha, ela falava assim baixinho com a gente... “O melhor método... o melhor método é aquele que o professor domina!” Porque todo mundo alfabetizava pelo “ba be bi bo bu”, “pa da pata”... o alfabético, o silábico... eram esses...

Aí quando veio o conto, começar do todo pras partes... vamos lá, Suleima, vamos aprender, vamos desenvolver isso aí... vamos ver o quê que vai dar... E deu! Passaram do primeiro ano pro segundo ano, sem problema! (NICOLETTI, 2017, p.10)

As professoras enfatizam nas suas narrativas a variedade e abundância de recursos materiais e como isso foi determinante na qualidade dos trabalhos desenvolvidos com os professores em formação no CFPP e com os alunos do Grupo de Aplicação.

[...] a gente tinha muito material, material nunca faltou, não sei também da onde vinha esse material, não sei se do Estado, se da Prefeitura, se Federal... não... não faço a mínima ideia... eu sei que tinha muito material... muito papel, muito é... é... aquele papel kraft, aquele marrom pra fazer cartazes, muita revista pra recortar, tesoura, cola... isso tinha demais pra usar a vontade. (PAIXÃO, 2016, p.06)

[...] o material vinha da UNICEF. Nós recebíamos uma mesinha... [...] Nós recebíamos na sala de aula uma mesinha aberta, ali dentro tinha todo o material pra nós, lápis, caneta, tesoura... tudo arrumadinho... (OLIVEIRA, 2017, p.10)

Não tinha miséria não! [...] Papel, cartolina, papel cartão, papel kraft, papel à vontade... tinta, caneta... giz! O giz eu não esqueço, anti-alérgico, desse tamanho... parecia um cigarro... pra escrever no quadro... a coisa mais linda! Não esfarelava não! Veio dos Estados Unidos. Cadernos dos Estados Unidos, tesoura dos Estados Unidos... [...] vinha uma pasta pra cada menino... Uma caixa de papelão [...] com os cadernos, tesoura, régua, borracha, lápis... pra dar pros meninos... Livro pros meninos! (NICOLETTI, 2017, p.05)

As narrativas das professoras sobre os recursos materiais disponíveis no CFPP e no Grupo de Aplicação contemplam também a forma como este material era utilizado e assim vamos percebendo algumas contradições. Uma das professoras ressalta a variedade de recursos dos mais modernos disponíveis e outra chama atenção para materiais alternativos produzidos pelas próprias professoras. Consideramos que este ponto de discordância que aparece nas narrativas das professoras sobre os recursos materiais de que dispunham pode estar relacionado com as suas diferentes épocas de atuação na instituição, mas, não podemos deixar de considerar suas percepções e representações próprias sobre o contexto em questão.

Os mapas eram tudo importado! Eu lembro dos mapas direitinho, direitinho... pretinho o mapa, um plástico preto... os continentes traçados com linha branca, certo?! Dentro dos continentes os principais rios em azul e o que sobrou de preto era água. [...] E aí, eu dava aula, e a gente estudava, botava o mapa no chão na posição certa e íamos etiquetando os países, os rios, os oceanos, as capitais... sabe?! Não tem como não gostar e não aprender! (NICOLETTI, 2017, p.05)

[...] tudo que a gente ia ensinar tinha os passos... a serem seguidos... aula de leitura, problema, é... estudos sociais e ciências eram divididos em áreas de estudo, chamava unidade de ensino ou unidade de estudo, a matemática você fazia tudo primeiro com o concreto depois que você partia pra, pro... pro outro plano lá de resolver no caderno, primeiro você usava flanelógrafo, quadro valor de lugar, né... fazia interpretação de problemas, tudo... depois que você partia pro aluno escrever aquilo ali no caderno, passar pro papel. A gente não tinha muitos recursos desses modernos que tem hoje em dia não, mas a gente tinha muito material, muito material concreto recolhido dos alunos é... tampinha de Kolynos, bolinha de gude... é... a gente tinha muito material que a gente mesmo confeccionava... o quadro valor de lugar, o flanelógrafo, os cartazes, assim... a gente tinha um período todinho pra trabalhar, no outro período, no contraturno, pra deixar isso tudo prontinho pro outro dia de aula. (PAIXÃO, 2016, p.05)

Assim conhecemos o jeito de ensinar e aprender no Grupo de Aplicação do CFPP: seguem as narrativas das professoras sobre as Unidades de Trabalho:

Tudo que a gente ia fazer dentro da sala, pra dar aula tinha os passos. Por exemplo, leitura tinha incentivação... já levei até galinha pra sala de aula pra incentivar uma leitura que falava de galinhas... entendeu? Então, cada dia a gente trazia as coisas assim... coelho, trazia coelho... flores... tudo... o que fosse sobre a leitura você tinha que trazer algum material concreto, fazer perguntas daquilo ali pra incentivar o aluno pra incentivar o aluno a ler na sala de aula. Depois da incentivação tinha o estudo do vocabulário... aquelas palavras que você achava que o aluno não ia saber o significado você colocava no quadro e ensinava eles a procurar no dicionário, né... quem achasse primeiro falava... Depois do estudo do vocabulário tinha os objetivos da leitura... pra quê, com que objetivo, que pergunta que eles iam responder... Terminou isso aí, fazer leitura silenciosa... Terminou a leitura silenciosa, leitura oral. Interpretação, atividades correlacionadas e atividade de enriquecimento. Os problemas, a mesma coisa, tinha os passos todinhos... incentivação, motivação... tudo, ali! As unidades de estudo de ciências e de estudos sociais, a mesma coisa. A gente fazia com que o aluno achasse que era ele que estava planejando a aula que ele ia ter. Olha, nós vamos estudar, por exemplo, nós vamos estudar sobre a... a vegetação de Goiás. O que vocês querem saber? Aí os alunos iam falando o que eles queriam saber... você ia jogando no quadro. No outro dia você vinha com o cartaz ou carta didática com aquelas perguntas, então, nossa unidade de estudo ou de ensino vai ser responder essas perguntas que vocês fizeram. E aí cada um daqueles itens ali tinha que ser uma atividade diferente... tinha estudo dirigido, tinha observação, tinha entrevista... então cada uma daquelas respostas era uma estratégia diferente pra ser respondida. Era onde que o aluno anotava, pra depois, no final da unidade, você fazer a avaliação. As vezes tinha unidade que durava uma semana, tinha unidade que durava quinze dias, tinha unidade que durava três meses... aí dependia... (PAIXÃO, 2016, p.12-13)

Veja bem... no Centro de Formação eu era professora de Estudos Sociais. Nunca dei uma aula isolada, sozinha. É tudo em forma de

unidade de estudo. Você estudava com todos os alunos, com todas as turmas o que se estudava da primeira série... que é família. Isso era em forma de unidade de estudo. Você já ouviu falar? Tem iniciação, desenvolvimento, os passos, depois a culminância, o encerramento... tudo direitinho. Aí, depois que você estudava tudo de primeira série, você estudava tudo de segunda... que era comunidade, escola né... escola. Na terceira que é comunidade, o município. E na quarta, estado. Aí, o Brasil, aí já vem regiões... aí já vai pra quinta série. Depois que a gente estudava isso tudo, isso desde o início do ano... cada professor... a mesma coisa, a de Português estudava tudo da primeira série, depois tudo da segunda, terceira... a de Matemática... tudo! Depois disso tudo, em agosto, os meninos já tavam pronto, já sabia... aí a gente pegava a programação do lado de cá e a gente ia fazer os planos de aula em cima daquele conteúdo do que eles tinham aprendido lá de acordo com o que a professora estava fazendo na sala de aula. (PIRES, 2016, p.11-12)

O plano de aula era diário, tinha conteúdo, objetivo, estratégia, avaliação, horário... as unidades de trabalho... que gracinha que eram as unidades de trabalho, gente! A família... agora nós vamos estudar a família... preparar a sala de aula, tudo o que lembra a família... estudar as plantas, tudo o que lembra as plantas, pra o aluno ter... o conteúdo tem que ser de acordo com o interesse da criança, certo?! Então, é lógico que você tinha um programa pra seguir. Então, você jogava as coisas na sala pra despertar o interesse dele, a curiosidade... pra ele perguntar sobre aquilo! Entendeu?! Então, a sala no momento desse projeto, dessas unidades de trabalho, a sala toda voltada pra aquilo, e se você trabalhava com uma unidade, por exemplo com a unidade de Ciências, você não trabalhava com a unidade de Estudos Sociais, da família... trabalhava a família, não trabalhava com os animais, por exemplo. E outra coisa, as atividades eram relacionadas. A prova era de Ciências, mas na aula de Língua Portuguesa estava envolvido Ciências, na aula de Matemática o probleminha, estava envolvendo Ciências... então hoje fala em atividades é... como é que eles chamam hoje? [...] Interdisciplinares! Em outros termos, mas lá naquela escola nós vivenciávamos isso. (NICOLETTI, 2017, p.07)

[...] Quando a gente fazia, desenvolvia essas unidades de estudo, a gente planejava essas visitas... [...] Dentro do conteúdo fazia essas atividades. Os meninos iam e entravam em contato. Aqui era uma família! Todos ajudando, né. Era assim, uma educação geral, né. Não era só o conteúdo ali. (OLIVEIRA, 2017, p.07)

Ao desenvolver as “unidades de trabalho” os professoras levariam as crianças a uma leitura da realidade através do método científico. Esta proposta evidencia os princípios escolanovistas já que a intenção é levar as crianças à descoberta, satisfazendo a curiosidade e a sua auto-expressão, ou seja, a criança no centro do processo de ensino/aprendizagem. (HONÓRIO FILHO, 2010, p.142-144)

No documento citado por Honório Filho (2010, p.146) sobre as “vantagens da utilização da Unidade de Trabalho” constam os seguintes itens:

- A. Atende a necessidade psicológica da criança.
 - B. Facilita a globalização do ensino para dar às crianças uma visão unitária do assunto.
 - C. Há maior interesse da criança.
 - D. Dá oportunidade para aquisição de conhecimentos, formação de atitudes e desenvolvimento de habilidades.
 - E. Possibilita à professora a sondagem de experiências da criança ao iniciar o seu trabalho.
 - F. Combate as superstições por meio de observações diretas e experimentações.
 - G. Desenvolve na criança a habilidade de solucionar problemas.
 - H. Desenvolve o raciocínio e é um estudo mais concreto.
 - I. Dá oportunidade à criança de adquirir habilidades fundamentais de ler, escrever e contar.
- (HONÓRIO FILHO, 2010, p.146)

Percebemos mais uma vez as influências do ideário de Dewey e Teixeira, pois a proposta contempla certos princípios preconizados pela escola progressiva como “formação de atitudes”, “experiências”, “observações e experimentações” e “habilidade de solucionar problemas”.

Então, a partir dos anos 1970, há uma “representação histórica sobre o período, cunhado de tecnicista” (HONÓRIO FILHO, 2010, p.142), na qual prevalecia a ênfase na técnica, na organização racional dos meios, na racionalização das atividades e no rigor do planejamento evidenciado nos documentos oficiais como relatórios, planos de ensino, planos de aula e nos discursos referentes ao incentivo ao patriotismo, à exigência do ensino de Educação Moral e Cívica, a rígida disciplina nos moldes do militarismo no contexto da instituição.

Sobre os relatórios, registros e avaliações as professoras destacam que:

Nossa!... Toda semana... todos os dias tinha que ter relatório. [...] Todas as ocorrências, até de gripe, de faltas de alunos, de professores, de funcionários... do lanche, que lanche os alunos gostavam mais, quais que eles gostavam menos... qual atividade que eles gostavam mais de fazer... (PAIXÃO, 2016, p.06)

[...] a prova tinha que ser ilustrada também... fala em prova chamativa, questões bem elaboradas... sim, naquela época tinha que fazer questão bem elaborada, também! Não era jogar o conteúdo, jogar a pergunta crua não! (NICOLETTI, 2017, p.06)

Há, portanto, uma contradição entre “o manto teórico criado sobre o tecnicismo e as memórias das professoras” sobre as práticas inspiradas no modelo escolanovista norte-americano. (HONÓRIO FILHO, 2010, p.151).

4.1.4 Uma escola pública referenciada; uma experiência única.

As vivências dos alunos e das professoras do Grupo de Aplicação do CFPP registradas no Livro de Ocorrência de Professores e Alunos ganham ainda mais vida na narrativa das professoras. Atividades diferenciadas e consideradas pelas professoras como muito ricas para a formação dos alunos. Podemos dizer que não apenas para os alunos, mas para todo o quadro institucional do Grupo de Aplicação, as relações estabelecidas ali proporcionaram condições muito significativas de formação para todos.

A gente tinha atividades diversificadas demais... a gente tinha muito passeio, muita entrevista, tinha muito teatro... porque a gente não contava com essas mídias de hoje... então você tinha que inventar, né... tinha que inventar e tinha que prender a atenção do aluno na escola de outras formas que você podia lançar mão delas ali. [...] E a gente fazia excursão no Morrinho com os alunos... na zona rural... fazia passeios turísticos pela cidade, era bem menor na época, dava pra fazer né... a gente levava os alunos. [...]. Então, a gente fazia muito esse tipo de atividade... muita coisa mesmo... (PAIXÃO, 2016, p.06)

[...] tinha o Clube de Leitura, tinha o concurso de leitura, tinha laboratório, os trabalhos de laboratório, tinha tarefas né, de casa... quase todo professor dava tarefa de casa... tinha as aulas de... de... parte musical... tinha o pessoal do Clube Agrícola... do Clube não sei o quê... tinha tudo quanto é trem... né! Toda segunda-feira hastear a bandeira e cantar o Hino Nacional... tudo... tinha tudo né. E aí contava como carga horária. (PIRES, 2016, p.11)

Ah, e a escola não vivia só em função de conteúdo também não! O jeito que a gente relacionava aqui, as festas que fazíamos, os eventos, as atividades cívicas, ajudava também na parte da formação moral e de atitude do aluno. Eu não acho que era uma escola conteudista não, de forma alguma! Além do conteúdo ela preocupava demais com a... além da parte cognitiva, afetiva, motora... a gente brincava com as crianças, sabe... o pátio era muito grande! A natureza muito próxima, sabe?! Queria fazer excursão? Não tinha ninguém pra tolher o que você queria pra enriquecer as suas aulas! Quer fazer excursão, vamos! Vamos para o frigorífico, vamos para o frigorífico... tinha frigorífico aí... sabe?! Vamos pra SANEAGO! Na época era SANEAGO, não SAE. Pra todo lado... tinha o ônibus! Levava... trazia... sabe?! Levava o lanche... era uma festa! (NICOLETTI, 2017, p.07-08)

É... atividade intensa, né... o período escolar. Tinha as atividades físicas, né... nós íamos com os meninos pra horta, né... a horta eles participavam... e... era muito trabalho... Essas comemorações exigiam demais, né, por que sai de uma começa a outra, né! (OLIVEIRA, 2017, p.07)

Na perspectiva das professoras, o Grupo de Aplicação existia em função do Centro de Formação como campo de estágio para demonstração e prática de ensino:

[...] ele (O Grupo de Aplicação) foi formado da necessidade de pessoas como eu que não tinha um vínculo pra fazer o estágio. Então por isso ele foi criado, né... pra servir ao Centro de Formação, pra essas pessoas poderem... e também por causa... que não tinha escola nenhuma aqui por perto... não existia o Instituto, não existia o Maria das Dores... não tinha nada... escola era do Iaiá pra lá, né... o Iaiá já tinha... pra lá. Então, o pessoal que morava por aqui era difícil... mesmo do lado de lá da cidade, atravessando o córrego ali né... não tinha escola, então... Mas, o objetivo primordial do Grupo foi atender a necessidade do Centro de Formação. (PAIXÃO, 2016, p.07)

[...] o que se ficou sabendo, que era oficial, é que o Grupo de Aplicação foi montado em função do Centro de Formação, pra ser aquele lugar onde os professores teriam aula de demonstração, que é aquela aula que é só quando eles vão visitar e o professor demonstra, o professor da classe, depois semi-regência e regência. Que a gente aproveitava a aula de demonstração e já transformava ela em observação, porque se não, o professor teria que vir quatro vezes ao Grupo de Aplicação. E aí tirava a parte do conteúdo, lá... dos conteúdos, né... do currículo de lá, tomava muito tempo. Aí a gente considerava aquela aula de... da visita, da primeira visita, aquela aula de observação, como a aula de demonstração do professor da turma. (PIRES, 2016, p.13)

[...] aqui, enquanto ficou aqui a escola... aqui era Grupo de Aplicação! Sempre foi Grupo. Pode até ter mudado... Mas, continuou como Grupo de Aplicação. Nossa! O que se fazia lá tinha que aplicar aqui! Eles tinham que ver a aplicação aqui! Isso aqui era cobaia... cobaia! Certo...?! Cobaia. (NICOLETTI, 2017, p.13-14)

Eu sabia que o Grupo existia em função do Centro. Tanto é que é Grupo de Aplicação do Centro de Formação. [...] Era pra treinamento dos professores. Tudo aqui... só cuidava de ensinar a dar aula: didática. Tanto que não tinha esse curso de continuidade. Se você quisesse prestar um vestibular não dava conta mesmo, por que era só trabalho voltado para sala de aula. E, nós tínhamos as aulas lá e aplicávamos aqui. (OLIVEIRA, 2017, p.06)

Mas ao narrar a sua atividade biográfica e se perceber biografando a história dessa instituição elas vão se dando conta de outras dimensões relativas ao significado desta instituição, representações e sentidos individuais e sociais:

Olha, eu acho que o Grupo foi importante demais não só pra mim como profissional... eu aprendi, eu cresci, eu adquiri valores que até então eu desconhecia. Aqui pra cidade... demais... olha, foi tão importante que, em sessenta e oito, vinha alunos do centro da cidade, de nível social bom, procurar vaga aqui. Foi muito importante! Foi importante pra cidade porque a cidade, até mil novecentos e sessenta e

quatro, eu não sei se você viu alguma coisa a respeito, eles tinham uma ideia disso aqui ruim... muito ruim! Na época da Macarini... muito ruim... muita mulher... muita bagunça! Então, quando eu comecei aqui, fiz o curso, eu não vi nada daquilo. A Suely também ela mudou também essa ideia, a escola foi ganhando espaço e nome... e todo mundo queria trabalhos feitos daqui, professores que saíam daqui, certo?! Agora... você perguntou especificamente o Grupo. O Grupo eu acho que foi importante demais pra comunidade local, certo...? Muito importante. Por que ela atendeu inicialmente uma clientela muito carente. E a escola, o Grupo, atendeu essa clientela, eu acho que com todos os aspectos. Acolheu essa clientela carente, alimentando, educando, você tá entendendo? Eu acho assim... que foi fantástico o trabalho que o Grupo realizou. (NICOLETTI, 2017, p.17)

Figura 40: Datas comemorativas no Grupo de Aplicação do CFPP.



Fonte: Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA

As professoras ressaltam a singularidade e as condições diferenciadas do Grupo de Aplicação do CFPP em relação as outras escolas da cidade de Catalão naquela época:

As festas do Grupo eram feitas por nós junto com as professoras... e festa! Festa... Dia das Mães... Crianças... data... Índio... tudo! E assim era de primeira linha! Eu não sei como que era feito daquele jeito. [...] Pra você ver... nós saíamos Dia de Criança... uma semana com almoço, almoço de festa de casamento! Nós terminávamos a aula e vinha para o refeitório preparar doce pras crianças. Isso nós trabalhávamos até não sei que hora... (OLIVEIRA, 2017, p.06)

[...] você tem que convir que é o seguinte... é irreal aquela escola, naquele tempo, diante das demais escolas da cidade. Irreal! [...] Humm... eu não conheci nenhum igual! [...] Eu conhecia... conhecia porque fulano falava, fulano conhecia... mas eu mesma não fui. Mas, eu sei que não eram legais... não eram legais. Aqui era! Um sonho! Utopia! Eu acho que contar isso aqui, para aquela época... ah, isso não é verdade! Não é possível que existia um lugar assim! (NICOLETTI, 2017, p.19)

Conforme Delory-Momberger (2012, p.50) é por meio da narrativa que nos inscrevemos na história. E as nossas vidas contadas para nós mesmos e para os outros são histórias de cultura e de sociedade, que dizem do nosso pertencimento a uma história comum.

Clandinin e Connelly (2015, p.50) recorrem a um termo-chave que é “temporalidade”. Estes autores enfatizam que as experiências tomadas individual ou coletivamente são temporais e, em longo prazo, contextualizadas em uma narrativa histórica. O que vale, na perspectiva destes autores, portanto, é compreender como a vida (das pessoas, das instituições, das coisas) é experienciada em “*continuum*”. Nos apoiando nesta perspectiva, o que somos capazes de dizer hoje sobre estas professoras e esta escola é “um sentido construído em termos de um contexto mais amplo”, e esse sentido por nós atribuído pode se alterar em função do tempo.

4.2 Considerações Parciais

O objetivo deste capítulo foi analisar a história do Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão a partir das narrativas das professoras que nesta instituição exerceram o magistério entre os anos de 1964 e 1983.

Ao retomar as perguntas feitas inicialmente sobre a instituição constatamos que a pesquisa não dará conta de todas as respostas, assim destaca Luchese (2014, p.158)

Em minhas práticas de pesquisa tenho aprendido que nem sempre conseguimos responder, com os documentos que nos foram possíveis localizar, todos os questionamentos que temos. Mas para um historiador da educação são as questões que nos movem e que direcionam nosso olhar para perscrutar indícios, rastros, sinais, mesmo quando não conseguimos elaborar respostas. (LUCHESE, 2014, p.158)

Dentre as interpretações possíveis dos dados produzidos podemos afirmar que o Grupo de Aplicação do C. F. P. P de Catalão/GO não foi um Grupo Escolar como os demais Grupos Escolares da cidade de Catalão. Sua história está repleta de tramas, descontinuidades, complexidades do passado, impossíveis de serem tomadas como respostas ou verdades, conforme afirma Luchese (2014, p.147):

[...] não penso a História como neutra, como a verdadeira versão do passado, contínua, linear, progressiva, pautada na ideia de sujeitos fundantes e de origens, celebratória dos rumos escolhidos pelo ser humano no tempo, bem como não tenho privilegiado olhares explicativos binários sobre a realidade. Compreendo a história como

processo que, em suas multiplicidades, descontinuidades, brechas e atravessamentos constitui os momentos do passado-presente. Penso a História como narrativa, como trama do passado, como fios que se intersectam na construção do passado, permeado por práticas e representações. (LUCHESE, 2014, p.147)

[...] precisamos questionar as verdades dadas, naturalizadas nos discursos. Eis o desafio: desconstruir, desnaturalizar, virar pelo avesso. As investigações precisam considerar estes desafios, bem como ter o rigor necessário para a construção de uma versão interpretativa plausível, possível, com certezas provisórias e que estabeleçam relações de verossimilhança. (LUCHESE, 2014, p.159)

O Grupo de Aplicação foi criado no ano de 1964, como um campo de estágio, local de demonstração e prática de ensino, para atender a demanda de formação de professores no C.F.P.P.C. Entre os anos de 1964 e 1983 a instituição foi mantida com subsídios de toda ordem: desde recursos internacionais, federais, estaduais como também municipais e até mesmo recursos próprios.

Muitos nomes constam nos documentos oficiais sobre quem foram os diretores, coordenadores, professores que atuaram no Grupo de Aplicação. Pelos livros de matrículas podemos conhecer outros nomes que compõe o cenário da instituição: os alunos. Pelos livros de Ponto, Frequência e Pagamento é possível conhecer os nomes de outras figuras que viveram e conviveram fazendo parte da escrita da história desta instituição: os técnicos administrativos²⁶.

[...] as pessoas são vistas como a corporificação de histórias vividas. Mesmo quando os pesquisadores narrativos estudam narrativas institucionais, como as histórias da escola, as pessoas são encaradas como vidas compostas que constituem e são constituídas por narrativas sociais e culturais. (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p.77)

O Grupo de Aplicação foi uma escola primária que contou com turmas de alfabetização até a quarta série, e o perfil do seu corpo discente era de origem social e econômica menos favorecida.

Quanto ao aspecto físico do Grupo de Aplicação destacamos sua condição de espaço significado na narrativa das professoras, no qual estão impregnadas as suas histórias de vida e formação. Suas construções biográficas nesse espaço-tempo são tomadas como fator social e político (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.115)

²⁶ “Nomeamos de técnicos administrativos, de forma geral, os trabalhadores que não eram professores, em termos de quem não estava ministrando disciplinas em sala de aula” (HONÓRIO FILHO; VAZ, 2017, p. 2484).

O dia a dia do Grupo de Aplicação seguia numa rotina planejada, executada e fiscalizada rigorosamente no contexto do CFPP. Sobre o que era ensinado e sobre o jeito de ensinar podemos ressaltar o trabalho interdisciplinar realizado através da metodologia das Unidades de Trabalho. (HONÓRIO FILHO, 2010).

As professoras apresentam em suas narrativas os desafios e dificuldades enfrentadas ao longo da vida e carreira, nas suas condições de mulheres/trabalhadoras/mães/alunas/professoras. Quanto ao salário, era considerado digno, tanto que nas suas narrativas demonstram sua percepção em relação a valorização profissional na época, tida como melhor que nos dias atuais. A rotina de trabalho, não diferente de hoje, era extenuante. As relações pessoais e profissionais no Grupo de Aplicação são narradas de forma a considerar a riqueza e significação das vivências e experiências para todos que ali viveram e conviveram.

O fechamento do Grupo de Aplicação se deu no ano de 1983, quando da chegada do *Campus* Avançado da Universidade Federal de Goiás em Catalão. Há muitas versões e perspectivas a respeito da repercussão desse fato na cidade de Catalão, o que envolve muito as questões políticas locais.

O Grupo de Aplicação do CFPP de Catalão pode ser considerado como uma ousada adaptação da Escola Parque que aqui existiu anteriormente ou das Escolas Modelo, nos moldes propostos por Anísio Teixeira, inspirado no modelo de formação norte-americano, uma experiência única que materializou-se no aqui no Grupo, um escola pública referenciada.

Na Biografia Institucional do Grupo de Aplicação do CFPP de Catalão está contida a biografia das professoras Elza, Edma, Suleima e Sebastiana (como de tantas outras vidas vividas ali e que podem ainda ser contadas); está contida a história da minha família e a minha própria história. Esta Biografia Institucional contém também a história da educação da minha cidade, do meu estado e do meu país.

“Essa narrativa vale por si mesma e em si mesma, que não é mais sustentada pelos grandes discursos de legitimação” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.144)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar a questão norteadora da pesquisa *Como se constitui a história do Grupo de Aplicação a partir das histórias de vida de professoras que cursaram o Magistério no Centro de Formação de Professores Primários em Catalão/GO, e exerceram a docência entre os anos de 1964 e 1983?* nos deparamos com o fato de que o percurso da pesquisa não nos encaminhou a uma “resposta” que pretendíamos dar a esta pergunta. Pelo contrário, esta pergunta inicial se desdobrou em muitos outros questionamentos, um emaranhado de fios e linhas muito difícil de desembaraçar (veja bem, podemos ter ainda algumas pontas soltas que não conseguimos reatar e nós que que ainda não foram desatados!).

Como afirmam os autores da Pesquisa (Auto)Biográfica “há muita vida nas histórias de vida” e quantas biografias numa Instituição! Ao propor como objetivo geral *Conhecer a história do Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão/GO a partir das narrativas das professoras que nesta instituição exerceram o Magistério entre os anos de 1964 e 1983* procuramos um ponto de encontro entre a História da Educação e a Pesquisa (Auto)Biográfica.

No primeiro capítulo, revisamos teoricamente o método biográfico-narrativo aprofundando os estudos sobre os principais conceitos referentes a nossa proposta de pesquisa: narrativas, biografização e Biografia Institucional. Elaboramos ainda nesta etapa da pesquisa a narrativa inicial sobre o percurso metodológico proposto na busca pela biografia institucional do Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão/GO. Em nossa narrativa buscamos contemplar como se deu o processo de produção de dados, as visitas aos arquivos e as entrevistas/conversas com as professoras.

No segundo capítulo identificamos o Grupo de Aplicação dentro do contexto do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão e da Educação Brasileira no período estudado. No momento inicial da pesquisa essa era uma questão que se apresentava muito complexa: a existência de várias instituições neste mesmo espaço ao longo do tempo. A Escola Parque ou Parque Primário Complementar (década de 1950), as Oficinas, o Patronato e o Grupo de Aplicação no contexto do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão (1964 a 1983), instituições que compuseram o “território educativo”, onde encontra-se atualmente a Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. Espaços significados que permaneceram na memória dos catalanos

em um tempo sobreposto. Histórias complexas e descontínuas, tramas que sobreviveram simbolicamente, resistindo e preservando um ideário ao longo dos anos.

Apesar de se tratarem de duas instituições diferentes, a Escola Parque e o Grupo de Aplicação do C. F. P. P. C. identificam-se com os modelos das escolas experimentais propostas por Anísio Teixeira para a formação de professores baseada no padrão norte-americano.

Mas, diferente do padrão supracitado, o Grupo de Aplicação do C. F. P. P. de Catalão/GO atendeu e acolheu alunos pobres. Também diferente de escolas modelares, escolas modelos, colégios de aplicação localizados no centro da cidade em regiões privilegiadas, esta instituição localizava-se geograficamente na periferia da cidade.

A vida do Grupo de Aplicação é contada de forma indissociável da dinâmica do Centro de Formação. Diversas atividades realizadas no CFPP também faziam parte do cotidiano dos professores e alunos do Grupo de Aplicação. O Grupo de Aplicação então apresenta um grau de autonomia mínimo em relação ao contexto do C. F. P. P. nos seus anos de funcionamento.

Notamos pelas categorias em destaque do livro de “Ocorrência de Professores e Alunos” e também nas narrativas das professoras que o Grupo de Aplicação foi local de experiências e estratégias de ensino inovadoras, que mesclaram de maneira singular princípios do tecnicismo e do escolanovismo.

No terceiro capítulo buscamos compreender a história de vida de professoras que atuaram no Grupo de Aplicação e os aspectos relacionados a sua inserção na instituição. Ao reconstituir o percurso de vida das alunas-professoras participantes da pesquisa, compreendemos em que medida sua atuação na instituição contribuiu para a construção e consolidação do seu perfil profissional.

Ao conhecer a biografia dessas professoras foi possível perceber o entrelaçamento dos aspectos individuais e sociais, e ainda como o contexto institucional do C.F.P.P. e do Grupo de Aplicação foram determinantes para a definição de um perfil de atuação profissional que as professoras levaram ao longo de toda sua vida.

No quarto capítulo nos dedicamos a analisar a história do Grupo de Aplicação do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão a partir das narrativas das professoras que nesta instituição exerceram o magistério entre os anos de 1964 e 1983. Para traçar a Biografia Institucional do Grupo de Aplicação do CFPP a partir da biografia das professoras, destacamos das narrativas quatro temas.

O primeiro deles foi a “BioGeografia” do Grupo de Aplicação, no qual discutimos sobre o espaço físico da instituição na percepção das professoras. Os espaços biográficos por elas vividos, significados e representados, espaços vividos no contexto do CFPP que são narrados pelas professoras de maneira mesclada e indissociável das narrativas sobre o Grupo de Aplicação: o pomar, as plantações, a horta, o Patronato, as Oficinas, a residência da Diretora, as residências de funcionários, as salas de aula do CFPP, o dormitório do CFPP, a lavanderia do CFPP, a cozinha e o refeitório do CFPP, a farmácia e a lojinha, o Grupo de Aplicação com sua diretoria, secretaria e salas de aula, o refeitório do Grupo de Aplicação, a Quadra de Esportes, a Biblioteca.

Ao mesmo tempo em que narram esses espaços biográficos, as professoras vão narrando também sua atividade biográfica e a maneira como elas interagem nesse espaço-tempo determinado. Elas contam das pessoas que ali viveram e conviveram e que fazem a instituição: professoras orientadoras do CFPP, outras professoras do Grupo de Aplicação, as colegas “alunas-professoras”, os professores e professoras das Oficinas, o pessoal da Secretaria do Grupo e do CFPP, o pessoal da cozinha e dos serviços gerais, o técnico agrícola, o vigia, o motorista, etc. E os alunos matriculados nas turmas de alfabetização até a quarta série, a maioria de origem social e econômica menos favorecida. As narrativas das professoras sobre os alunos do Grupo de Aplicação são o segundo tema em destaque.

No terceiro tema, enfocamos o dia a dia do Grupo de Aplicação, sua rotina planejada, executada e fiscalizada rigorosamente no contexto do CFPP, narrada pelas professoras de uma forma que passamos a conhecer o que era ensinado e sobre o jeito de ensinar. A respeito deste tema ressaltamos o trabalho interdisciplinar realizado através da metodologia das Unidades de Trabalho.

No último tópico deste capítulo, destacamos da narrativa das professoras o Grupo de Aplicação do CFPP de Catalão como uma experiência única que materializou-se na cidade de Catalão, um escola pública referenciada.

Ao traçar a Biografia Institucional do Grupo de Aplicação do CFPP de Catalão procuramos mostrar como as singularidades das histórias de vida das professoras Elza, Edma, Suleima e Sebastiana contêm dimensões individuais e coletivas, traços que expressam as dimensões sociais de um espaço-tempo determinado. Esta Biografia Institucional é uma versão possível da história dessa instituição escolar. É válida por se tratar explicitamente de uma história contada em perspectiva: conhecemos assim o que significou esta instituição na perspectiva das professoras.

Agora me reconheço: uma professora pesquisadora! Nunca imaginei que a minha “mania” de diários e coisas guardadas pudesse ter outros significados. Nada seguro me parece deixar o anonimato e tornar conhecido o meu pensamento. Só uma questão me ajuda a sentir um pouco menos insegura: a ideia de “processo”, “percurso”, “trajetória”... coisas que não necessariamente tem um ponto final, definitivo. Portanto, continuo no caminho.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna (org.). **Educadores sul-rio-grandenses: muita vida nas histórias de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p.13-41

ALMEIDA, Jucemária Silva de. **Os Grupos Escolares em Catalão - GO**. 2014. 44 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Departamento de Educação, Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão, Catalão, 2014.

ALMEIDA, Cleide Rita Silvério de; SIMÕES, Paulo Roberto Rodrigues. Uma leitura dos registros de indisciplina escolar sob a ótica do pensamento complexo. In: **Cadernos de Pós-Graduação**, São Paulo, v. 4, Educação, p. 155-162. 2005 Disponível em: <http://www4.uninove.br/ojs/index.php/cadernosdepos/article/viewFile/1804/1409> Data de acesso: 27/03/2017

ARAÚJO, Maria de Fátima; PASSEGGI, Maria da Conceição. Processo de biografização em contexto institucional. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; PASSEGGI, Maria da Conceição; VICENTINI, Paula Perin. (Orgs.). Pesquisa (Auto)Biográfica: trajetórias de formação e profissionalização. 1ª. ed – Curitiba, PR: CRV, 2013. 232p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **NBR 6023: informação e documentação / referências / elaboração**. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 10520: informação e documentação / citações em documentos / apresentação**. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6024: informação e documentação / numeração progressiva das seções de um documento escrito / apresentação**. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 14724: informação e documentação / trabalhos acadêmicos / apresentação**. Rio de Janeiro, 2011.

BARROS, José. D'Assunção. **O projeto de pesquisa em história**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes Ltda, 2005.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

BERNARDES, Maria Paulina Arantes. **A Supervisão Escolar em Goiás**. 214 f. Tese (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas – Instituto de Estudos Avançados em Educação, 1983.

BEZERRA, Veronica Gurgel. **Os professores de instrumentos e suas ações nas Escolas Parque de Brasília: uma pesquisa descritiva**. 2014. 194 f. Dissertação (Mestrado em Educação Musical). Universidade de Brasília, 2014.

BOLÍVAR, Antonio. Narrar la organización educativa: memoria institucional y constitución de la identidad. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BOLÍVAR, Antonio. (orgs.) **La Investigación (Auto)Biográfica em Educación**:

miradas cruzadas entre o Brasil y España. Granada: EUG; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 330-355.

_____. **Profissão Professor**: o itinerário profissional e a construção da escola. Bauru, SP: EDUSC, 2002a. 236p. (Coleção Educar)

_____. Dimensiones epistemológicas y metodológicas de la investigación (auto)biográfica. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGGI, Maria da Conceição (orgs.) **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**: Tomo I. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPURCS; Salvador: EDUNEB, 2012. p.27-69. (Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica: Temas Transversais)

_____. “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa em educación. In: **Revista Eletrónica de Investigación Educativa**. vol. 4, No. 1, 2002b. p.1-26

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica. In: **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, maio/ago. 2011.

_____. A formação como “tessitura da intriga”: diálogos entre Brasil e Portugal. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 93, n. 235, p. 579-593, set./dez. 2012.

_____. Formação de professores no Instituto de Educação Clélia Nanci: narrativas, memórias e saberes. In: **Revista Aleph**, Ano VIII, n. 20, p. 60-75, dez. 2013.

_____. O/a professor/a e os espelhos da pesquisa educacional. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 90, n. 224, p. 87-101, jan./abr. 2009.

_____. Memória e Prática Docente: relatando caminhos da construção identitária. **Contexto e Educação**, Editora Unijuí, Ano 17, n. 68, p. 67-80, out./dez. 2002.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. LIMA, Rita Pereira. Narrativas de vida de instrutores da educação profissional como possibilidade de estudos no campo das representações sociais. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.** [online]. 2016, vol.97, n.246, pp.290-304. ISSN 0034-7183. <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-6681/261628641>.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; MOREIRA; Laélia, Carmelita Portela. Formação e profissionalização docente no Brasil: instituições, práticas educativas e história. In: **Rev. Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, v. 05, n. 09, p. 43-62, jan.- jul., 2013

BRAGANÇA. Inês Ferreira de Souza; PEREZ, Juliana Godói de Miranda. Formação Continuada em Escolas de Tempo Integral: narrativas de professoras. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 1161-1170 1182, out./dez. 2016.

BRASIL. Decreto nº 3.554, de 7 de agosto de 2000. Dá nova redação ao § 2º do art. 3º do Decreto no 3.276, de 6 de dezembro de 1999, que dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na educação básica, e dá outras providências. Brasília, 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3554.htm Acesso em 27 de Janeiro de 2016.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. Companhia das Letras: São Paulo, 1994.

BUSSOLA, Bruno Vicentini. Caracterização Territorial e Socioeconômica do Subcentro em Catalão: Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar. **Anais do IV Simpósio Nacional sobre Cidades Pequenas** - UFU, 2016. p.1017-1028. - Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/deb688_c1ea02fc198d4a32aba96411c94bcc30.pdf Data de acesso: 14/01/2018.

CAMPOS, Camila Aparecida de; HONÓRIO FILHO, Wolney. O Centro de Formação de Professores Primários e Suas relações com a Política Local. Catalão 1965 - 1983. In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO DA UFG - CONPEEX, 3., 2006, Goiânia. **Anais eletrônicos do XIV Seminário de Iniciação Científica** [CD-ROM], Goiânia: UFG, 2006. n.p.

CATALÃO, Prefeitura Municipal. **Plano Diretor de Ordenamento Territorial e Desenvolvimento Sustentável de Catalão**. Catalão. 2106. Disponível em: <http://www.planodiretorcatalao.com.br/> Data de acesso: 05jul2017.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. 2ª. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. – (Coleção Sociologia) p.295-316

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, Michael F. **Pesquisa Narrativa:** experiência e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU – 2ª. edição rev. – Uberlândia. EDUFU, 2015.

CRUZ, Thimoteo Pereira. **Formação do psicólogo(a) em Catalão/GO na perspectiva do egresso – 2007-2014** [manuscrito] / Thimoteo Pereira Cruz – 2015. 204 f. Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão, 2015.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica:** ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Natal-RN: EDUFRN, 2012.

_____. Fundamentos Epistemológicos da Pesquisa Biográfica em Educação. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 27, n.01, p.333-346, abr. 2011.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. (orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. (Pesquisa (auto)biográfica ∞ Educação. Clássicos das histórias de vida) p.31-57

FERREIRA, Márcia dos Santos. **Centros de pesquisas do INEP:** pesquisa e política educacional entre as décadas de 1950 e 1970. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/T.48.2006.tde-21062007-150919. Acesso em: 2017-02-16.

_____. A organização do trabalho didático como objeto de estudo nos Projetos dos Centros de Pesquisas Educacionais do INEP (1956-1973). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.29, p.137-158, mar.2008 - ISSN: 1676-2584 Data de acesso: 02/09/2016

FIGUERÊDO, Livia Almeida. **Educação Integral na Escola Pública**: memórias de uma experiência pioneira na Bahia. 2015. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia, 2015.

FONSECA, Débora Cristina; SALLES, Leila Maria Ferreira; SILVA, Joyce Mary Adam de Paula e. Contradições do processo de disciplinamento escolar: os “Livros de Ocorrências” em análise. In: **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 18, Número 1, Janeiro/Abril de 2014: 35-44. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v18n1/v18n1a04.pdf> Data de acesso: 27/03/2017

FRANGELLA, Rita de Cássia Prazeres. Colégio de Aplicação e a instituição de uma nova lógica de formação de professores: um estudo histórico no Colégio de Aplicação da Universidade do Brasil. **Anais do I Congresso Brasileiro de História da Educação**. Rio de Janeiro, 2000. p.01-13. Disponível em: http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/134_rita_de_cassia_p.pdf Data de acesso: 27/03/2017

FREITAS, Marcos Cezar de; BICCAS, Maurilane de Souza. **História Social da Educação no Brasil (1926-1996)**. São Paulo: Cortez, 2009. 372 p – (Biblioteca básica da história da educação brasileira; v.3)

GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS Secretaria de Estado da Casa Civil LEI Nº 6.341, DE 21 DE JULHO DE 1966. Cria os Centros de Formação de Professores Primários nas cidades de Catalão e Morrinhos e dá outras providências. (D.O. de 22-08-1966) http://www.gabinetecivil.goias.gov.br/leis_ordinarias/1966/lei_6341.htm 12-05-2015, 5088 bytes

GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS Gabinete Civil da Governadoria Superintendência de Legislação. LEI Nº 7.407, DE 11 DE NOVEMBRO DE 1971. Dá nova redação ao art.1º da Lei nº 6.341, de 21 de julho de 1966. A ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE GOIÁS decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º - O art ... http://www.gabinetecivil.goias.gov.br/leis_ordinarias/1971/lei_7407.htm 10-04-2013, 5975 bytes

GUARDIEIRO COSTA, Mara Rúbia. **Docência e História de Vida no Curso Técnico em Magistério de Catalão-GO** [manuscrito] / Mara Rúbia Guardieiro Costa – 2015. 79 f. Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão, 2015.

GÜTTSCHOW, Gisela Gutstein. **Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo** [manuscrito]: implementação em Santa Catarina e o “Cobaia” Joinville (1958-1963), 2011. 149f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná,

Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011. Acesso em: 02/09/2016.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2003. 222p.

HONÓRIO FILHO, Wolney. Velhas histórias coladas à pele: a importância das histórias de vida na formação do professor. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p.189-197, maio/ago. 2011

_____. A memória desenhada: identidades de um intelectual no interior de Goiás-Brasil. **Revista Actualidades Pedagógicas** N° 54, p.29-41, julho-diciembre. 2009 Disponível em: <https://revistas.lasalle.edu.co/index.php/ap/article/download/948/855>

_____. O ordinário e o extraordinário na formação de professores no interior de Goiás. **Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2002. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema3/3146.pdf> Data de acesso: 27/10/2015

_____. Memória, experiência e educação: programa de treinamento de professores em curto prazo no interior de Goiás (1965-1983). In: GONÇALVES, Ana Maria (org.). **Experiência e Educação**. Goiânia: FUNAPE/DEPECAC, 2010. p.135-156. (Coleção Trabalho; 03)

HONÓRIO FILHO, Wolney; ALENCAR, Alessandra Cardoso. O Professor e a Cultura Didática do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão - 1965-1983. **Cadernos da FUCAMP** v. 1, n. 1 (2002) Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/viewFile/33/138> Data de acesso: 23/10/2015.

HONÓRIO FILHO, Wolney; JACOB, Reni Maria. Uma Instituição Escolar é o que os relatos dizem o que ela é? In: **Anais do III EHECO** – Catalão-GO, Agosto de 2015. p.143-160

HONORIO FILHO, Wolney; VAZ, Renata Cristine Santos. Biografia e formação: narrativas de uma aluna do ensino superior UFG-Catalão. In: PERES, Selma Martines; PAULA, Maria Helena de; SANTOS, Márcia Pereira dos.. (Org.). Educação e formação de professores: concepções, políticas e práticas [livro eletrônico]. 1ed.São Paulo: Blucher, 2017, v. , p. 37-49. Disponível em: <http://openaccess.blucher.com.br/article-details/03-20786>

HONORIO FILHO, Wolney; VAZ, Renata Cristine Santos. Narrativas de um motorista: dimensões sociais do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão/GO - 1972-1983. In: IX CBHE - Congresso Brasileiro de História da Educação, 2017, João Pessoa - PB. Caderno de Resumos IX CBHE, 2017. p. 248-248. Disponível em: <http://www.ixcbhe.com/arquivos/anais/eixo1/individual/2477-2491.pdf>

INÁCIO, Fatima Pacheco de Santana. **A política de Formação de Professores em Goiás no contexto dos acordos MEC-USAID (1961-1983)**. 421 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, 2011.

JACOB, Reni Maria. **Narrativas sobre o primeiro Grupo Escolar do município de Ouvidor-GO 1949-1971**. 2016. 296 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2016.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto alegre, RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, setembro/dezembro, 2007.

_____. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LIMA, Daniel Fernando. **Formação e Profissionalização de Pedagogas do interior de Goiás a partir de suas Biografias Educativas** [manuscrito] / Daniel Fernando de Lima – 2014. xv, 146 f. : il. Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Departamento de Educação, 2014.

LUCHESE, Terciane Ângela. Modos de fazer História da Educação: pensando a operação historiográfica em temas regionais. In: **Hist. da Educ [Online]**. Porto Alegre, v.18, n.43, Maio/ago. 2014, p.145-161.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004. 178p. (Estudos CDAPH, Série historiografia)

MORE: Mecanismo online para referências, versão 2.0. Florianópolis: UFSC Rexlab, 2013. Disponível em: < <http://www.more.ufsc.br/> > . Acesso em: 28 nov 2017.

MOREIRA, João Roberto. **Uma Experiência de Educação: o projeto piloto de erradicação do analfabetismo do Ministério da Educação e Cultura**. Rio de Janeiro: Carioca, 1960. 136p. Disponível em: forumeja.org.br/df/files/jrm.pdf. Data de acesso: 16/02/2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Mapa do Analfabetismo no Brasil**, MEC/INEP, 2003. 39p. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3> Data de acesso: 02/09/2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Plano Pilôto de Erradicação do Analfabetismo**. Rio de Janeiro, 1958. 8p. Disponível em: <http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/planopiloto.pdf> Data de acesso: 16/02/2017.

NASCENTE, Renata Maria Moschen; LUIZ, Maria Cecília; FONSECA, Débora Cristina. Conflitos e livros de ocorrência no cotidiano da escola pública: alguns caminhos de investigação. In: **Anais da 37ª Reunião Nacional da ANPED** – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis. 2015. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt13-4094.pdf> Data de acesso: 27/03/2017

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura [et al.], (orgs.). **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica** Campinas, SP: Autores Associados, 2007. 266 p. (Coleção Memória da educação)

NASCIMENTO, Gedeon Ribeiro. **O Centro Educacional Carneiro Ribeiro - Escola Parque: simbologia se Escola Viva na Comunidade do Bairro da Liberdade em Salvador - Bahia.** 2009. 86 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdades EST, 2009.

NAVES, Nelsimar José. **História e memória do Ginásio Simon Bolívar em Corumbáiba-GO (1956 a 1974).** 2013. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2013

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da Experiência na Pesquisa-Formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. In: Roteiro, Joaçaba, v. 41, n. 1, jan./abr. 2016, p. 67-86

PASSEGGI, Maria da Conceição; NASCIMENTO, Gilcilene Lélia de Souza do; OLIVEIRA, Roberta Ceres Antunes Medeiros de; RODRIGUES, Senadaht Barbosa Baracho; SILVA, Vanessa Cristina Oliveria da. Narrativas autobiográficas com crianças na pesquisa qualitativa em educação: reflexões sobre procedimentos de análise. In: Atas CIAQ2017 - **Investigação Qualitativa em Educação//Investigación Cualitativa en Educación**//Volume 1, 2017, p.468-477.

PEIXOTO, Patrícia Rodrigues Luiz. **O educandário Nossa Senhora Aparecida- Ipameri-GO (1936-1969).** 2013. 238 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2013

PESSANHA, Eurize Caldas. **Estudar e Lecionar em Escolas Exemplares – cruzamento de sentidos.** In: Revista e-Curriculum, São Paulo, v.11 n.01 abr.2013, ISSN: 1809-3876 Programa de Pós-graduação Educação: Currículo – PUC/SP <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/4334/11304>

PINA, Fabiana. **O acordo MEC-USAID: ações e reações (1966 – 1968).** 2011. 187 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista – Assis, São Paulo, 2011

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.200-212

PORTAL VIP. **História da Política Catalana.** Catalão: Portal Catalão, n. 92, ago. 2015. Mensal. ISSN 22380116. Versão impressa e versão *on line*. 138p. Disponível em: <https://issuu.com/ilianefonseca/docs/rev_portal_vip_ed._92_156_site_baix>. Acesso em: 02 set. 2016.

PUJADAS, Joan J. El método biográfico y los géneros de la memoria. In: Revista de Antropología Social. 2000. p.127-158

ROSSI, Maria Aparecida Lopes; VAZ, Renata Cristine Santos. Reprovação versus Compreensão Leitora: uma análise de alunas do Curso de Pedagogia. Cadernos

CESPUC, v. 1, p. 167-184, 2014. Disponível em:
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/11094>

SABINO DA SILVA, Rubislei. **A Formação Docente em Goiás na Perspectiva do Egresso do Curso de Licenciatura Plena Parcelada em Pedagogia (2000-2007)** [manuscrito] / Rubislei Sabino Silva – 2015. Cl, 101 f. Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão, 2015.

SANFELICE, José Luís. História e historiografia de instituições escolares. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.35, p. 192-200, set.2009 - ISSN: 1676-2584
 Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/35/art13_35.pdf Data de acesso: 27/03/2017

_____. História das Instituições Escolares. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura [et al.], (orgs.). *Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica* Campinas, SP: Autores Associados, 2007. (Coleção Memória da educação) p.75-93

SANTOS, Tatiana de Medeiros. **Magistério em Declínio: Histórias e Memórias de ex-alunas do Magistério do Colégio Nossa Senhora das Neves (1970)**. 2009. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal da Paraíba, 2009.

SAVIANI, Dermeval. *Instituições Escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura [et al.], (orgs.). *Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica* Campinas, SP: Autores Associados, 2007. (Coleção Memória da educação) p.3-27

SILVA, Maiana Rose Fonseca da. **A formação do educador crítico-reflexivo de Língua Inglesa no Centro Educacional Carneiro Ribeiro**. 2013. 183 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, 2013.

SILVA, Michele Ferreira da. **Trajetórias formativas de professores e alunos do curso de História: Catalão de 1991 a 2004** [manuscrito] / Michele Ferreira da Silva – 2015. 83 f. Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão, 2015.

SILVA, Paulo Rogério Santos e. **Olhares sobre o espaço da Ludoteca UFG/RC 2011-2013** [manuscrito] 152f.: il. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, 2016.

SOARES, Magda. *Metamemória-memórias: travessia de uma educadora*. São Paulo: Cortez, 1991. 124p. (Educação contemporânea. Memória da educação)

SOUZA, Edilson de. **Diálogos Entre Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro: o Projeto Educacional de Brasília (1960) e o Programa Especial de Educação - I PEE Rio de Janeiro (1980)**. 2014. 161 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

SOUZA, Elizeu Clementino de; PASSEGGI, Maria da Conceição; VICENTINI, Paula Perin. (Orgs.). **Pesquisa (Auto)Biográfica: trajetórias de formação e profissionalização**. 1ª. ed – Curitiba, PR: CRV, 2013. 232p.

TANURI, Leonor Maria. História da Formação de Professores. In: Revista Brasileira de Educação, n. 14, Mai/Jun/Jul/Ago, 2000. p.61-193

TEIXEIRA, Anísio. **A educação e a crise brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2005. 420p. (Coleção Anísio Teixeira, v.5)

_____. **Aspectos americanos de educação: anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2006. 215p. (Coleção Anísio Teixeira, v.1)

_____. **Pequena introdução à Filosofia da Educação: a Escola Progressiva ou a transformação da escola**. 6. ed. – São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1971. 150p. (Coleção Cultura, Sociedade e Educação, vol. 5)

_____. Centros de treinamento de professores primários. **Conferência sobre Educação e Desenvolvimento Econômico e Social na América Latina. Santiago do Chile**, Santiago, 1962. n.p. Disponível em: <http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/centros.html>, acesso em 12/05/2016.

_____. Sobre o problema de como financiar a educação do povo brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v.20, n.52, 1953. p.27-42. Disponível em: <http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/sobre.html> Data de acesso: 05/07/2016.

VAZ, Renata Cristine Santos; SANTOS, Cristiane Silva. Inclusão e Educação Física Escolar: realidade e possibilidades para o aluno com autismo na escola comum. **Olhares & Trilhas (UFU)**, v. 10, p. 49-63, 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/olharettilhas/article/view/13869>

VAZ, Renata Cristine Santos; BARROS, Aparecida Maria Almeida. A Produção de Pesquisas sobre Autismo e Educação: o mapeamento de fontes direcionadas para a intervenção pedagógica na Educação Infantil. In: X Encontro de Pesquisa em Educação da ANPEd Centro-Oeste: desafios da produção e divulgação do conhecimento, 2010, Uberlândia/MG. Anais do X Encontro de Pesquisa em Educação da ANPEd Centro-Oeste: desafios da produção e divulgação do conhecimento, 2010.

Fontes documentais:

ÁLBUNS fotográficos 1967-197?

BOLETIM Escolar. 1966 (Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA – UFG/Regional Catalão)

INVENTÁRIO do Parque Primário Complementar da Extinta CNEA em Catalão-GO. 1964 (Acervo “Suely da Paixão” – Arquivo NEPEDUCA – UFG/Regional Catalão)

LIVROS Matrícula do Grupo de Aplicação 1964 a 1984. (Arquivo da Escola Estadual Instituto de Educação “Matilde Margon Vaz”, cedidos temporariamente ao Arquivo NEPEDUCA – UFG/Regional Catalão)

LIVRO Ocorrência de Professôres e Alunos 1965-1969 (Arquivo da Escola Estadual Instituto de Educação “Matilde Margon Vaz”, cedido temporariamente ao Arquivo NEPEDUCA – UFG/Regional Catalão)

VAZ, Renata Cristine Santos. Memorial de formação: “Espelho, espelho meu...” quem sou EU?. Trabalho final da disciplina “Cultura e memória de processos formativos”, oferecida no primeiro semestre de 2016, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da UFG-Catalão. 2016.

PAIXÃO, Elza Pires dos Santos. **Entrevista I.** [set. 2016]. Entrevistadores: Renata Cristine Santos Vaz; Wolney Honório Filho. Catalão-GO, 2016. 1 arquivo *.3gpp (63 min.). p.1-18.

SANTOS, Edma Pires dos. **Entrevista II.** [set. 2016]. Entrevistadores: Renata Cristine Santos Vaz; Wolney Honório Filho. Catalão-GO, 2016. 1 arquivo *.3gpp (126 min.). p.1-31.

NICOLETTI, Suleima André. **Entrevista III.** [mar. 2017]. Entrevistadores: Renata Cristine Santos Vaz; Wolney Honório Filho. Catalão-GO, 2017. 1 arquivo *.3gpp (122 min.). p.1-21.

OLIVEIRA, Sebastiana Divina de. **Entrevista IV.** [mai. 2017]. Entrevistadores: Renata Cristine Santos Vaz; Wolney Honório Filho. Catalão-GO, 2017. 1 arquivo *.3gpp (76 min.). p.1-16.

APÊNDICE A - Roteiro para Entrevista



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
 REGIONAL CATALÃO
 UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Av. Lamartine P. Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020

Fone: (64) 3441-5366.

Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com

Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

PROJETO DE PESQUISA: *Narrativas de “alunas-professoras” sobre o Grupo de Aplicação do C. F. P. P. de Catalão/GO (1964 – 1983)*

DISCENTE: **Renata Cristine Santos Vaz** (Bolsa CAPES/DS)

ORIENTADOR: **Prof. Dr. Wolney Honório Filho**

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Vida privada:

Conte-nos um pouco sobre você... seu nome, ano de nascimento... conte-nos sobre os seus pais, irmãos e a convivência familiar...

Conte-nos como foi a sua infância...

Ao longo da sua vida, você destacaria pessoas da família (pai, mãe, tio(a), avós, amigos da família) que admira/admirava? Por que?

Percurso educativo:

Poderia contar-nos sobre a sua escolarização?

Em que época e em qual escola começou os estudos?

Lembra-se da professora... Quem era? Como era?

O que nos diz sobre o que era ensinado e sobre jeito de ensinar?

Como eram as aulas, o material didático, os uniformes... o dia a dia da escola...?

Como era o aspecto físico da escola?

Tem fotos, documentos ou outras coisas guardadas desse tempo?

Depois do primário cursou o Ginásio? Como foi a continuação dos estudos?
Fez outros cursos fora da escola... quais? Como era?

Magistério:

Por quais motivos escolheu ser professora?

Conte-nos como foi o seu curso de Magistério... o que nos diz sobre a duração e a grade curricular do curso, sobre os professores e as disciplinas ministradas?

Quais as maiores dificuldades que teve para fazer o curso?

Você destacaria alguns momentos específicos que foram marcantes durante a curso? Por que?

E sobre o estágio no Grupo de Aplicação? Como foi?

Sobre o Grupo de Aplicação

O que poderia nos dizer sobre a criação do Grupo de Aplicação?

Quem foram os responsáveis pela manutenção desta instituição?

Quem foram os diretores, coordenadores, professores que atuaram no Grupo de Aplicação?

O Grupo de Aplicação atendia qual nível de ensino e qual perfil de alunos?

Como era o aspecto físico do Grupo de Aplicação? (prédios, pavilhões, refeitório, oficinas, salas de aula, quadra de esportes, etc)

O que poderia nos contar sobre a sua atuação no Grupo de Aplicação?

Como eram as aulas, o material didático, os uniformes... o dia a dia do Grupo de Aplicação...?

O que nos diz sobre o que era ensinado e sobre jeito de ensinar?

Sentia-se preparada? Em sua atuação quais foram os desafios, dificuldades? Pontos positivos e negativos...

Como era o salário? Como era o trabalho? Como eram as relações pessoais e profissionais no Grupo de Aplicação?

Como era ser estagiária no Grupo de Aplicação? Em que época foi a sua atuação como estagiária?

Como era ser professora no Grupo de Aplicação? Em que época foi a sua atuação como professora?

Tem fotos, documentos ou outras coisas guardadas desse tempo?

O que poderia nos dizer sobre o fechamento do Grupo de Aplicação?

O que o Grupo de Aplicação significou na sua vida?

Como é falar sobre isso? O que sente?

Depois da atuação no Grupo de Aplicação

Como foi a continuidade da sua atuação profissional?

Como foi a continuidade dos estudos? (curso superior, pós-graduação, outros cursos...)

Sobre documentos

Havia relatórios de inspeção? Para onde foram esses e outros documentos do Grupo de Aplicação?

- Livro de Ocorrências – quem fazia os registros? Por que não há registros do ano de 1966?

O que poderia nos contar sobre:

- comemorações

- excursões

- visitas

- entrevistas

- palestras

- ocorrências de saúde

- filmes

- Quadro de Diretoras;

- Questões políticas locais - criação, funcionamento, fechamento da instituição.